

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Por uma escrita dos restos [sobre assassinatos de travestis?]

Beatriz Adura Martins

Orientador: Professor Doutor Luis Antonio Baptista

Niterói

2015

Por uma escrita dos restos [sobre assassinatos de travestis?]

Beatriz Adura Martins

Orientador: Professor Doutor Luis Antonio Baptista

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Psicologia do Programa Estudos da Subjetividade, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Niterói

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M386 Martins, Beatriz Adura.

Por uma escrita dos restos [sobre assassinatos de travestis?] / Beatriz Adura Martins – 2015.

156 f.

Orientador: Luis Antonio Baptista.

Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2015.

Bibliografia: f. 151-156.

1. Escrita. 2. Cidade. 3. Corpo humano. 4. Travesti. 5. Homicídio.
I. Baptista, Luis Antonio. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 155.344

Beatriz Adura Martins

Por uma escrita dos restos [sobre assassinatos de travestis?]

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Psicologia, Programa de Estudos da Subjetividade, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Niterói, 14 de agosto de 2015.

Banca Examinadora

Professor e orientador Luis Antonio dos Santos Baptista, dr.
(Universidade Federal Fluminense) - Orientador

Profa. Maria Cristina Vicentin, dra.
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Profa. Ana Kiffer, dra.
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Prof. Marcelo Santana Ferreira, dr.
(Universidade Federal Fluminense)

Prof. Danichi Mizoguchi, dr.
(Universidade Federal Fluminense)

RESUMO

Esta tese se preocupa com o problema dos assassinatos de travestis no Brasil, alcançando as mortes pelos recortes de jornais, sejam eles físicos ou virtuais. Os jornais são a principal fonte de contabilização de mortes da chamada população LGBT no país, e até o ano de 2015 não há dados oficiais do Estado sobre esses ocorridos. Quem mapeia é uma organização não governamental. A parte nomeada **BOCA** apresenta o modo como se conversará com essas mortes e as travestis assassinadas. Aposta-se no silêncio, e não no “tagarela” para acessar histórias; as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo começam a se apresentar para a escrita. Na parte chamada **PELE**, é lançado o modo como serão “catadas” essas mortes e apresenta-se a experiência da trapeira [Benjamin e Baudelaire] para se lançar sobre aquilo que é deixado ao esquecimento na cidade. Contar histórias é um gesto que livrará do “medo à falta de efeito” [Brecht] e tensionará os rumos que as respostas para a extinção dos atos de ódio às travestis vêm ganhando no Brasil: criminalizar é a melhor estratégia? A artista plástica Rosângela Rennó nos auxilia com sua “trapeiragem”. Escrita, corpo e cidade se misturam na parte chamada **VÍSCERAS**: a pesquisa é posta em perigo com os assassinatos e passa a entender o “ensaio” como uma experiência de escrita e vida. Pensa-se e escreve-se com o corpo. A imaginação é libertada da mente e da pele que isola e transborda pelos poros, afirmando desvios na produção da tese e do próprio corpo. Na **CARTILAGEM**, mostra-se a montagem de histórias que são estratégias para uma escrita dos restos da qual se afirmam vidas ensaios. A tese insere-se na luta literária contra o assassinato das travestis e dos encarceramentos do corpo, mesmo já estando no ano de 2015.

Brindemos!

Me desafiaram naquilo que eu sabia, meu pensamento esnobaram e brincaram com minhas verdades. Na escrita e na esgrima de um pensamento porvir. Me ampararam sempre que meu corpo se desmanchava para apreciar desvios. O Rio de Janeiro e Niterói são possíveis pelo calor de nossos contatos, pela amizade, pelos textos. Luis Antonio Baptista! Coletivo Jurema. Tiago, Gabriel, Maicon, Veridiana, Elton, Helmir, Taina, João, Leo, Peehfe, Poliana.

Na graduação da UFF colegas de uma formação utópica, pelo cuidado com meus tropeços de substituta. Claudia. Abrahão. Helder, João. Nos bares, nos becos, nas ruas. Cortantes na qualificação. Presenças generosas no texto. Danichi, Marcelo. Aos estudantes que me possibilitaram criar aulas-ensaios.

Marca e faz pensar. Cristina Vicentin. Cecilia Coimbra.

Corpo. Suor. Pensamento. Movimento da Luta Antimanicomial. Madame Surto. Os encontros com as vadias e com o Beijato. A Universidade Pública.

Tijuca. Campo Grande. Inhoaiba. Grajaú. Largo do Machado. Cinelândia. Lapa. Gragoatá. Parecem nomes de bairros, mas montam meu mapa carioca. Amizades.

Tola a pergunta: existe amor em SP? Geralmente quem busca essa resposta não sabe das suas esquinas, do frio, do calor, das memoráveis finais no “Pacaembu”, daquela pulsação que só existe quando se desce a Augusta. Amizades.

Extrapolando os mapas. Café, mate, conversas, escritas. Cris.

Da bicicleta que dança na cidade. Da presença. Renato.

Aposta. Instiga. Ampara. Martins.

Cuidado. Aposta. aconchego. Risadas. Vanza.

No acolhimento em Sampa, nas festividades do Rio. Joana.

Da poesia gostamos juntos. Dos textos pensamos juntos. Os vinhos bebemos juntos. No futebol sofremos juntos. Vivo mais junto. Fernando.

A pele, o sorriso e as prosas. A leveza. O café longo. O amor. Lais.

PRÓLOGO

Uma noite. Um debate. Só para crianças.

Jantaram. Todos ajudaram na arrumação das coisas e acomodaram-se no sofá. Ela sempre fica entusiasmada quando eles assistem televisão juntos, gosta mesmo desse negócio de conversar sobre o dia, de ver as histórias das novelas, mesmo sua mãe mandando que ela feche os olhos numa “cenas proibidas”. Adora imaginar as cenas proibidas, às vezes são de brigas – dessas, ela gosta menos –, mas de romance, sempre gosta!

Naquela noite, “zapiando” por canais, seus pais resolveram ver o debate dos presidenciais de 2014. Eles viviam numa casa conquistada no Programa “Minha Casa Minha Vida”. Há pouco tempo eles saíram de uma ocupação, gostavam da nova morada. Ela menos, estava acostumada a brincar até mais tarde com seus amiguinhos, despreocupados com cenas proibidas ou esses maçantes debates de adultos. Mas mesmo assim se sentia feliz e lá ficou vendo o debate. Seus pais faziam comentários a cada pergunta.

Riam juntos de umas respostas, achavam esquisitos alguns números citados e nunca atribuídos suas fontes. Achavam engraçado quando os candidatos falavam dos pobres, da gente humilde, os beneficiados do Bolsa Família. De toda essa gente preguiçosa que ganhava casas e dinheiro fácil, falavam de um certo povo.

“Estão vendo o que é o povo? Um imbecil, um analfabeto, um despolitizado”. O povo entra e reivindica sua fala. Jerônimo, líder sindical, também era povo e reivindicou sua perspectiva de cuidar do povo, mas não sabia mais como proceder. O povo invade novamente a cena, é ordenado a falar: Fale! Fale! Fale! O povo diz que não se representa, que não quer ser representado. O povo clama por comida e moradia. O povo é imobilizado.

A jornada de trabalho tinha sido dura, todo dia era dura. A mãe da menina era costureira, trabalhava num galpão em São Cristóvão: lugar úmido, escuro, onde trabalhavam mais trinta mulheres. Nem sabiam o paradeiro de suas costuras. Até se pareciam. Muitas recolhiam os retalhos para a roupa da ninhada. O pai da menina vendia rodos e vassouras pelas ruas do Rio de Janeiro, ficava entusiasmado quando conseguia um bico por aí. Sonhavam em ter carteira assinada e imaginavam que a menina teria esse futuro, a irmã da menina estudava numa faculdade particular. Dia de sexta-feira, depois do expediente, dançavam na “Feira dos Nordestinos”.

A menina era entusiasmada com a escola. Tinha uma professora que era G R E V I S T A, achava ela linda, quando tinha greve a professora ia na escola para conversar com todos os alunos, isso deixava a menina um pouco confusa. Na televisão ouvia falar muito mal da professora e junto com seus pais tinha achado muito exagerado que a polícia batesse nos professores. No dia que viu a cena de uma professora apanhando no jornal chorou muito e pediu para encontrar com a sua... Algo nela tinha certeza do equívoco do rapaz fardado:

Sobre o lado ímpar da memória / o anjo da guarda esqueceu / perguntas que não se respondem.

A mãe tentou acalmá-la, estava culpada, pois esqueceu de cobrir os olhos da filha, não imaginava que do Estado vinham “imagens proibidas”. Dormiram com a promessa de que a polícia não bateria mais na sua professora.

O debate continuava a falar deles. Uma candidata com sotaque do Sul é convidada a perguntar. Escolhe um inexpressivo candidato, com bigodes de corte estranho que lembrava uma foto mostrada pela professora, meio que escondido, quando ela falava da importância de todo mundo se respeitar e não se agredir. Lembrou que a imagem trazia uma violência que tinha acontecido lá na Europa, mas que, segundo a professora, coisas parecidas aconteciam aqui. Nesse dia, discutiam as cores que existiam na sala de aula, inclusive como era colorida a pele das crianças. Sem a menina entender por que a professora foi convidada a sair daquela escola e ir para uma escola bem longe. A menina nem sabia onde.

Os três assistiam o debate. Já era tarde e aguardavam a irmã mais velha da menina chegar. A candidata fala sobre respeito aos homossexuais, travestis, lésbicas e suas famílias. A menina adorava a sua família e atenta escutava a pergunta da candidata. Não tava interessada em direitos civis, casamento, queria mesmo saber do dia a dia: das brincadeiras com a irmã, de como era gostoso vê-la se pintar, com aquele estojo colorido. Muitos falavam em voz baixa que sua irmã era travesti, a menina ria: T R A V E S T I. Esse xingamento não fazia sentido para a menina, pois sua irmã adorava ser T R A V E S T I. Ela adora o colo da irmã e as histórias que eram contadas por ela. Preferia que a irmã contasse histórias, pois ela brincava com o tom de voz, fazia mais caricaturas. Riam muito juntas.

O candidato diz que prefere falar de economia. Seu pai manda a esposa desligar. A menina percebe a tensão. Não deu tempo. O candidato fala da família que pode e deve ser amada. Diz que é vovô, que por um tal de aparelho excretor não se faz vida. Diz que os homossexuais precisam de psicólogo e bem longe dali [daqui]. Por um instante lembra da professora que foi colocada longe. A candidata volta a falar em respeito. A menina não entendia muito bem o que era respeito, mas lembrou da brincadeira de cores na escola. O bigode parecia invadir a cara do candidato, sua boca se transforma em uma coisa grande e nada o faz calar, pelo contrário, o tempo dado pela democracia do “tudo pode se dizer” vai assustando a menina. A família se junta. A porta abre. Com uma bolsa azul de couro a tiracolo, comprada no brechó da igreja, a irmã entra e a menina corre para seus braços. Chorou de medo do presidenciável de bigode.

- Irmã, você é travesti? Por que eles não gostam de você? Por que você precisa de psicólogo?

Todos se abraçam, a mãe e o pai respiram aliviados pela presença viva da filha mais velha. Naquela noite não fizeram o sinal da cruz – do Deus que amavam tanto. Naquela noite não deligaram a televisão e nem fecharam os olhos da menina. Abraçados ficaram em silêncio: quem autoriza essa pessoa a falar? Não pensaram isso, mas algo fazia crer que as facas foram amoladas para que novos assassinatos

motivados pela sexualidade estivessem autorizados a acontecer no Brasil e em sua plateia, que sorria com as frases esbravejadas pela boca do vovô.

Dedico esta tese ao estojo colorido, aos retalhos, às vassouras e à bolsa azul de couro.

INSTRUÇÃO À LEITURA

BOCA 10

Cidade macota de São Paulo 10

O silêncio da suçuarana e o canto das sereias 18

O silêncio e o sexo 27

A ciência que faz confessar 31

Em Brasília as coisas se decidem 39

Forró Sacana 43

Anuncio as imagens 48

Silêncio. Assassinato. Jornal 52

PELE 56

Perigo no balcão 56

Programas de televisão 58

Unhas tingidas de graxa 60

Cacos. Restos. Pedacos [Obra] 62

O Rio da missão 64

O Sol 67

Cacos. Restos. Pedacos. [Catação] 67

Cacos. Restos. Pedacos. [Contação] 73

O rasgo de visão: fragmentos e jornais 83

A informação e o confinamento do presente 89

VÍSCERAS 96

Obstrução à luz do Sol 96

A ossatura vai ao baile 100

Ruas imundas, traços e destinos 106

Mortes. Pedras. Superfícies. 113

Raiz e flores 116

CARTILAGEM 120

Elastina no pé 120

Carro branco importado 127

“El relicário”: um filme no celular 135

Saco preto cheio de musgo 140

EPÍLOGO 150

REFERÊNCIAS 151

BOCA

s.f (1085) **1** Abertura inicial do tubo digestivo dos animais **2** ANAT nos vertebrados, cavidade situada na cabeça delimitada externamente pelos lábios e internamente pela faringe **3** ANAT conjunto formado por essa cavidade e as estruturas que as delimitam **4** *p.ext* parte exterior da cavidade bucal; os lábios, o contorno dos lábios.
HOUAISS

Cidade macota de São Paulo

Pó. Calçada castigada pelo calor. É gente, mundaréu de gente. Tem amarelo, tem anão, tem comprido, tem aquele de umbigo que se sobressai na camisa, tem também magrelo. É gente, muita, nessa *cidade macota de São Paulo esparramada à beira-rio do igarapé Tietê*.¹ Tem o mendigo sem perna que pede migalhas para vida inteira. Tem muitas obras, barulho de britadeira, janelas que refletem a rua e nos fazem suar mais do que o calor que já existe. Transpiração. *Que mundo de bichos! Que despropósito de papões roncando, mauaris, juruparis, sacis e boitatás nos atalhos, nas socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima de certo a filharada da mandioca*.² Assim, desço a ladeira que leva do bairro ao centro. Passo por aquela senhora que já se arrumava para fechar a velha floricultura – ali não se aceitava pagamento em cartão. O dinheiro ainda era papel necessário para a aquisição de belas orquídeas que encantavam os transeuntes atrasados. Dinheiro é troca. Tinham flores miúdas, com pingos de rosa. Rosas vermelhas que se misturavam às brancas. Geralmente as vermelhas faziam as brancas se apequenarem.

Uma mesa num cantinho se apresentava todos os dias. Esquina da rua Rego Freitas com a rua General Jardim. Todo de azulejos brancos e azuis, conservava na

¹ Andrade (2013, p. 51).

² Andrade (2013, p. 52).

parede do lado de fora do banheiro lembranças de uma prática presente. A maioria homens se aglomerava naquele recinto onde o velho rabugento de “cabeça chata” servia a cachaça e contava anedotas de sua terra natal. O comerciante não voltava para lá há mais de vinte anos, mas tinha a certeza de um dia regressar à terrinha. Preferia conversar com a senhora da floricultura, sua conterrânea, do que com aqueles rapazes que às 18 horas já estavam sedentos por biritas, prosas e aventuras. Anastácia, a floricultora, sabia que era sua hora de partir quando o “Ceará” começava a apontar aquela encardida parede do banheiro “Não passe sem parar. Não pare sem entrar. Não entre sem gastar. Não saia sem pagar”.

O estabelecimento já estava cheio e seus frequentadores bem íntimos do *Caxiri temível, cujo o nome é cachaça*.³ Então, o dia claro vai sendo encoberto por uma nuvem carregada que em outros tempos trazia chuva, mas que agora traz uma minuciosa camada de picumã à cidade de São Paulo. Ao contrário das certezas do Ministério da Saúde, aquela possível presença de fumaça no céu não fazia mal ao coração, mas apresentava a hora de elas começarem a circular. Não falo aqui do belo – Anastácia já fechara havia horas a floricultura e a beleza inquestionável das orquídeas já se desbotava para meus olhos e para as ruas. Em São Paulo nada é natural e não se iludam: ela é uma cidade sem horizontes. Lembro-me do poeta baiano que chegou em suas terras lambidas pelas águas do Tietê e quis cantar suas esquinas, *Narciso acha feio o que não é espelho*.

Na mesa costumeira, o olhar preciso tenta ouvir as conversas. Interessa-me o vai e vem apressado dos garotos incansáveis em busca de diversão, as casas noturnas e sua clientela, mais do que as mansões da saudosa pauliceia ou da engenharia de trânsito paulista. Aliás, trânsito é uma organização conhecida pelas cidades construídas ao redor de ruas. São Paulo é uma cidade cortada por ruas, tentar organizá-la por nomes seria uma falácia. Sempre barulhenta, seus ruídos incomodam os transeuntes e turistas mais acostumados com os sons tratados e limpos dos teatros e com cartões postais recheados de praias, montanhas e “belezas naturais”. Parada na esquina que não cessa, permaneço na espreita. O natural aqui não faz morada, mas se quiser sentar será nessa encruzilhada.

³ Andrade (2013, p. 78).

Cidade belíssima, e grato seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas ... tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. Assim se obtêm o efeito de um grande acúmulo de gentes, cuja estimativa pode ser aumentada a vontade ... As ditas artérias são todas recamadas de ricocheteantes papezinhos e velívolas cascas de frutos, e em principal de uma finíssima poeira, e mui dançarina...⁴

A luz se fazia cada vez mais magra, a *lua Capei*⁵ afirmava a cor cinza. Lembro-me da Nápoles pintada por Benjamin – *de fato ela é cinzenta, de um cinzento vermelho e ocre, um cinzento branco. E toda cinzenta contra o céu e o mar. Pelo menos isso retira aos cidadãos o seu prazer. Pois quem não é capaz de captar formas tem pouco para ver aqui.*⁶ Agora toda atenção era para elas: as sereias urbanas. Vocês conseguem ouvir o silêncio que as faz aparecer?

A mesa ficava cada vez mais confortável: eu já não estava sozinha, me acompanhavam duas outras jovens da classe média paulistana. Não éramos propriamente estranhas ao lugar, nem mesmo nossa presença modificava o espaço do bar, claro que minha pose de pesquisadora era algo perceptível, nada que as transmitisse um perigo! A noite ia se firmando e o breu se apresentava nas ruas do chamado Largo do Arouche.⁷ Nós saímos do bar e caminhamos às boates, me interessava vê-las nas boates. Meus pelos se arrepiavam a cada esquina dobrada.

Venham! Chamava-nos uma mulher toda enfeitada: tinha um cabelo esvoaçante, cor branca, cabelos também brancos, seus braços eram compridos e cheio de apetrechos brilhosos que iluminavam a nossa noite. Seus lábios estavam impecavelmente pintados, cor roxa, em seu pescoço um colar que trazia pérolas polidas mestiças. Estava com um vestido branco, mas que rapidamente acabava, ainda no início das coxas, poderia dizer que quase na virilha, era seguido por uma

⁴ Andrade (2013, p. 104).

⁵ Andrade (2013).

⁶ Benjamin (2013, p. 13).

⁷ *No final das contas, o Largo do Arouche parece constituir uma espécie de “corredor polonês”, por onde se faz a passagem da primitiva Boca do Lixo à mais atual Boca do Luxo. Esse fato pode explicar o trottoir de travestis e prostitutas, como também a influência de “garotos” e “tias” do subúrbio* (PERLONGHER, 2008, p. 106 - grifos do autor).

cinta-liga traçada e toda amarela. Apoiava-se lindamente em um par de saltos finos vermelhos. Ela era bem colorida, suas cores me chamaram mais atenção do que sua voz.

Entramos. As amigas também podem ser chamadas de apoiadoras. Poderia tecer uma tese só para a explicação que darei agora, mas entendam a limitação destas frases que aqui vão enchendo os papéis. Não seria possível pormenorizar a questão encoberta que aqui anuncio: Facilmente sou identificada como mulher. Pesquisadora, “sexo” feminino, classe média, aprendi que na cidade preciso ter cuidado. Ser uma pesquisadora na noite e na cidade traz questões que certamente um pesquisador [facilmente identificado como homem] na noite não tem. Não entro em pormenores explicativos, pois quero apresentar as passadas nessa urbe e não justificar por que consegui isso ou aquilo nos espaços em que circulei. Neste parágrafo, rápido, apenas ofereço aos leitores que não abrem mão de ler nesta tese marcas de um encontro com a cidade que não se apartam do corpo que escreve. A relação entre corpo e escrita certamente será mais generosa ao longo da tese, mas não nos apressemos.

Na porta, as cores se misturavam com o breu da noite, uma penumbra me tomou o olhar. No largo do Arouche, os garotos do bar do “Ceará” circulam. Em cada porta conversas são trocadas e olhares afirmam os programas, pouco se fala ou pouco se escuta. A fumaça que saía da casa noturna contribuía para a polifonia que se afirmava naquele território urbano. Território menos determinado por uma geopolítica moderna sedenta pela circulação do Capital,⁸ e mais espaço de passagem, de hibridizações de origens, talvez uma *desgeografização*⁹ que apresenta uma porosidade para a vida urbana. Lembro-me novamente da Nápoles de Benjamin, pois em São Paulo há pouco espaço para divagar, meditar nem pensar. Mas talvez por isso *transforma-se em cenário de imprevisíveis constelações de acontecimentos*.¹⁰

⁸ Longe de querer definir o “Capital” nesta tese procuramos entendê-lo a partir de Marx que o afirma como um valor (tempo de trabalho humano abstrato socialmente médio necessário à produção de uma mercadoria) em processo. Um valor que sai da circulação e entra na produção para se valorizar, se multiplicar, e voltar para a circulação. O “Capital” seria o resultado histórico do moderno e civilizatório modo de produção atual, que procura submeter e alienar toda a vida e espaços. Um processo totalitário e global de produção de mercadorias e acumulação de lucro.

⁹ Termo cunhado por Mario de Andrade.

¹⁰ Benjamin (2013, p. 12).

Atenta a essa condição de cores e penumbras, uma pausa se constrói na porta daquela boate. Na imagem, a presença do silêncio é condição para que nos convidássemos a entrar. Acertamos o preço da permissão e as funcionárias apresentaram uma mesa vazia, distante do palco e das atenções. Estranhamos, pois a casa estava vazia. O garçom baixinho e barrigudo que transitava tão livre como o vento pelas ruas da antiga Boca do Luxo percebeu rapidamente nosso estranhamento. Não moveu uma palha para encurtar aquele momento; pelo contrário, ficou esperando que nós nos guiássemos o mais rápido possível para a mesa de destino. Paramos em frente à mesa desejada. Mesa de destino e mesa desejada nos impunha um combate urbano. Será? Pedi para sentar na mesa em frente ao palco. O barrigudo estranhou e me olhou. Silêncio. Todos em pé. Todos estranhos.

Uma fala encurta a noite: estamos oferecendo aquela mesa, pois o *show* ainda não começou e certamente aqui ficará uma bagunça. A voz vinha de uma mulher, facilmente identificada como negra [“preta, retinta”], alta, cabelos longos, cílios volumosos, boca carnuda, muito magra, magra demais. Eu não conseguia ouvir o que ela dizia. Meu olhar era sugado pelos gestos daqueles lábios que me apresentavam uma cidade inteira naquela disputa por mesas. O ar que saía pelos dentes um pouco amarelos e castigados pelo uso apresentava-me uma condição para aqueles pelos que se arrepiavam nas esquinas da velha pauliceia. A pesquisadora de classe média ia se afirmando a cada tentativa de ser convencida a subir as escadas e ser colocada na mesa distante do palco.

Minhas passadas por São Paulo sabiam de algumas regras, poucas, mas uma fundamental: em São Paulo até o sagrado é profano. Sorrindo, com a regra na mão, afirmo que quero ficar perto do palco e me valho da condição de cliente da casa noturna. Ela sorri para mim e para minhas apoiadoras e nos arruma a mesa. Fica ao nosso lado e lá proseamos sobre a vida daquele bar e da noite em questão: tratava-se de uma noite especial, pois era próximo do “dia da visibilidade trans” e algumas mulheres como ela seriam avaliadas em suas performances. Ela era uma comediante e faria logo mais um “*stand up comedy*”.

“Visibilidade” parece ser um termo estranho de ser pedido nas regiões do Largo do Arouche. A mídia não para de circular manchetes daquela região: da Estação da Luz, passando pela Praça da Sé, parando no Baixo Augusta, toda essa região está sempre nas telinhas. Seja pelo uso de drogas a céu aberto, com a famigerada Cracolândia, seja com apreensões de eletrônicos contrabandeados, como nos lembra o cineasta Candeias, ao dizer que a *Boca do Lixo se desmoralizou e não tem mais mortes. O que tem é comércio de eletrônicos*. De qualquer forma, é estranho o pedido ser por mais olhares.

Candeias, um dos grandes nomes do cinema da Boca do Lixo, pode ter sido irônico ao pedir moralização à região, agora que se veem menos prostitutas e travestis circulando, mas talvez nos tenha dado indícios dos efeitos das batidas policiais contantes naquela região e, especificamente, de uma intervenção militar mais incisiva que caminhava ao lado das investidas policiaiscas, comuns ao período da ditadura militar brasileira: a Operação Limpeza.

Serão alguns quarteirões, depois de determinada hora da noite, quando o comércio já fechou e estão abertos somente os bares e os inferninhos. Em São Paulo já temos o lugar, as chamadas “Bocas do Luxo e do Lixo, proximidades da Avenida Rio Branco, Bairro de Santa Ifigênia, e rua Amaral Gurgel, baixos do elevado Costa e Silva.”¹¹

Ainda era início da década de 1980. Precisamente dia primeiro de abril de 1980, quando o delegado da Seccional Sul da Polícia, Paulo Boncristiano, lançou um decreto de como ficariam organizadas as travestis pelo centro da cidade. Nesse momento, o cerco se fechava ainda mais, e mesmo já sendo início de 1980, ainda não se via nenhum sinal de abertura política próxima aos “baixos do elevado Costa e Silva”. As travestis e outras prostitutas que usavam as ruas para vender seus pertences eram cada vez mais confinadas em regiões específicas da cidade.

Os objetivos da “Operação Limpeza”, do ponto de vista policial, estavam claros: propunha-se limpar – ainda que não extirpar – as Bocas da cidade.

¹¹ Boncristiano apud Perlongher (2008, p 107)

Embora o aumento da criminalidade (sobretudo trombadinhas) fosse invocado como escusa para as operações (quando é um lugar comum, em que o trombadinha some enquanto dura a ação repressiva, para reaparecer quando a polícia vai embora), era explícito que os inimigos principais eram os travestis e, em segundo lugar, as prostitutas.¹²

O algoz tinha nome: José Augusto Richetti, e era estampado em muitos cartazes contra o avanço da “limpeza” na região da Boca do Lixo e do Luxo.¹³

ADA ADA ADA RICHETTI É DESPEITADA

Se ouviam também “O AROUCHE É NOSSO”. Mas Richetti avança com seu projeto e deixa avisado que os *travestis devem ser presos*. Já nessa época, se diferenciava a *alta prostituição*, que seria aquela que trazia menos contratempos à sociedade e acontecia, sobretudo, em lugares fechados, do *trottoir* ao paredão: *o que choca é a mulher no paredão, com sainha, saias abertas provocando casais, não respeitando os homens*.¹⁴

Cada vez mais confinadas em apartamentos superlotados e expostas a todo tipo de cafetinagem, as travestis eram paulatinamente chamadas à marginalidade, inclusive sendo diferenciadas dos próprios homossexuais, pelo menos assim aparece no discurso do primeiro secretário de Segurança do Governo Montoro, em 1983.

Você tem que distinguir o homossexual do travesti. O homossexual é um ser pacato – mas o travesti é uma espécie de subcultura dentro do homossexualismo [...]. Homossexuais que trabalham levam sua vida normal. Os travestis são um grupo reduzido, isso explica porque agem com extrema violência. E para complicar as coisas, segundo estou sabendo agora, pelas informações de policiais experimentados, grande parte dos clientes dos travestis procura o elemento masculino que neles há, não o feminino. São homossexuais envergonhados, não assumidos que dissimulam sua condição adotando falsa postura viril [...]. Geralmente, os clientes dos travestis são de boa posição, como executivos. O travesti fica dono do segredo deles. Estes não são problemas propriamente policiais, mas sociais, que de repente se transformam em

¹² Perlongher (2008, p. 111).

¹³ Hoje dificilmente se diferenciam Boca do Lixo e do Luxo. Quando muito ainda se diz Boca do Lixo, mas muitas vezes ouvimos: região do Arouche, que contempla até a Santa Cecília. Intuitivamente entendo que o avanço da “limpeza” ainda hoje é militar, mas muito empresarial com donos de luxuosos bares dominando a região com seu pacato e higiênico público (<https://calcadadalama.wordpress.com/2009/11/20/relato-do-morador-agredido-por-lilian-goncalves/> e <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=94713215>).

¹⁴ Richetti apud Perlongher (2008, p. 111).

Da boca daquela mulher negra [preta, retinta], na porta de uma boate, me saltava uma cidade inteira. A fala do então secretário de Segurança através de um jornal de alta circulação me extirpa o fôlego. Por que esconder esses seres abomináveis da subcultura do homossexualismo? O que escondem essas sereias urbanas que enganam e seduzem os empresários abastados? Donas de um suposto segredo, tornam-se peças-chave na linha tênue entre a questão social e o problema de polícia.

Dentro da boate, a *stand-up comedy* começa. Agarrada ao papel em daria notas às artistas, olho fixamente para o palco. Ao meu redor, segredos circulam e se atualizam a cada rosto dos frequentadores. Algo acontecia naquele ambiente que nossa condição de mulheres brancas de classe média não podia ver. Os homens se diferenciavam pelos gestos. Havia os trabalhadores da casa noturna: seus corpos másculos, definidos por músculos rigorosamente trabalhados, eram cobertos com um óleo que a mim enjoava, mas parecia excitar os outros homens, que se deliciavam com seus toques e truques. Michês? Não sei. Certamente ali estava uma relação mercantil. Não sei o que isso queria dizer para aquele ambiente, só sei que estávamos no lugar errado. Tudo através dos gestos. Olhavam-nos. Pelo olhar sabiam que não éramos travestis. Se muito me confundiam com uma homossexual defendida pelo secretário do governo Montoro: de vida pacata, que trabalha e leva uma vida normal.

Ali me perdi. Fui ao banheiro. Havia dois: um para homens e outro para deficientes. Deixaram-me usar o de deficiente, lá era o meu lugar naquela casa. Do balcão me olhava uma mulher com cabelos longos, lisos e preto. Cumprimentei e sentei a seu lado. Perguntei se ela também era comediante. Foi a deixa para me falar mais uma vez do dia da visibilidade e do concurso criado para avaliar a melhor performance. O concurso também avaliaria a melhor atriz, a melhor apresentadora e outras categorias. Quem elege é o público das boates. Confesso que me perdi um pouco nas regras do jogo. Ela sorriu e me apontou seu nome para eu votar. Assim fiz. A comédia continuava e os flertes entre os rapazes também. Aquelas que pude

¹⁵ Mauro Santayana apud Perlongher (2008, p. 112).

reconhecer como travestis só se apresentavam no palco.

A noite acabou naquela boate. Seguimos nossos passos. A sensação de estranhamento em ver ser pedida visibilidade dentro de uma boate me perseguia, lembrava dos avanços militares pela cidade de São Paulo e a retirada quase total das mulheres das ruas. Pensava nas condições de uma prostituição em apartamentos apertados e a dinâmica financeira com os donos desses estabelecimentos. A “visibilidade trans” também me era estranha. Um dia criado para lembrar que travestis e transgêneros existem. Um dia criado a partir de uma campanha do Ministério da Saúde, em 2004, do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, que pretendia conscientizar a sociedade sobre o reconhecimento dessas cidadãs.

Nesta noite não houve batida policial, mas saí de uma das boates do Largo do Arouche carregada da presença daquelas cores, às vezes desbotadas, às vezes marcantes, às vezes sobrevivendo. Atenta a que algo nessas vidas circula entre palavreados sociais, investidas policiais e os holofotes sanitários. O que resta da noite paulistana?

O silêncio da suçuarana e o canto das sereias

No Brasil no início do século XX, precisamente em 1926, o silêncio foi tanto, mas tanto, que disseram que se ouvia o murmurejo de uma mulher e dali nascia uma criança feia. Seu nome era Macunaíma. Mario de Andrade¹⁶ conta-nos que desde pequenino o “filho do medo da noite” já gostava de brincar com as “cunhãs”, moças jovens e lindas, geralmente mulheres de caboclos. Conta-nos que antes de o herói assumir a maioridade, brincava muito com a mulher de Jigue, seu irmão.

¹⁶ Não há nenhuma pretensão em trazer Macunaíma para um estudo crítico-literário. Se o “herói” aparece no texto é sem objetivar um estudo comparativo, mas simplesmente apostar na literatura como documento que nos auxilia a contar a história e os detalhes de uma época ou de uma cidade. Ainda na justificativa me aproximo mais de Mario de Andrade no segundo prefácio da obra, escrito em 1928, no qual tomo emprestada sua justificativa para a obra: “É o herói desta brincadeira, isso sim, e os valores nacionais que o animam são apenas o jeito dele possuir o *Sein* de Keyserling a significação imprescindível ao meu ver que desperta essa empatia. Uma significação não precisa ser total para ser profunda. E é por meio de *Sein* que a arte pode ser aceita dentro da vida. Ele é que faz da arte e da vida um sistema de vasos comunicantes, equilibrando o líquido que agora não titubeio em chamar de lágrima” (p. 227).

Sofará, sua cunhada, é quem passeava com o menino feio para que ele parasse de chorar. No passeio brincavam até a boca-da-noite, seus ritos assumiam uma batalha corporal que nos incentiva a pensar sobre o duradouro das formas.

Quando Sofará veio correndo, ele deu com o pau na cabeça dela. Fez uma brecha que a moça caiu torcendo de riso aos pés dele. Puxou-o por uma perna. Macunaíma gemia de gosto se agarrando no tronco gigante. Então a moça abocanhou o dedão do pé dele e engoliu. Macunaíma chorando de alegria tatuou o corpo dela com o sangue do pé. Depois retesou os músculos, se erguendo num trapézio de cipó e aos pulos atingiu num átimo o galho mais alto da piranheira. Sofará topava atrás [...] Depois de brincarem Macunaíma queria fazer uma festa em Sofará. Dobrou o corpo todo na violência dum puxão mas não pode continuar, galho quebrou e ambos despencaram aos embolúus até se esborracharem no chão. Quando o herói voltou da sapituca procurou a moça ao redor, não estava. Ia se erguendo para buscá-la porém do galho baixo em riba dele furou o silêncio o miado terrível da suçuarana. O herói se estalou de medo e fechou os olhos para ser comido sem ver. Então se escutou um risinho e Macunaíma tomou com uma gusparada no peito, era a moça.¹⁷

Riscados pela brincadeira, Macunaíma e Sofará testemunham modificações corporais até estarem exaustos. Dedão do pé é arrancado para que se experimente o gosto do outro, nada finito, a aparente amputação cria a tatuagem na pele que sobe pelo cipó. Pela boca vão se experimentando, não para sentir o gosto do outro, isso também, mas na experiência se deslocam de sua forma fixa “cabeça-tronco-membros”, o que é corporal extrapola aquilo contornado pela pele. Corpo é extirpado do significante conjunto de membros. O herói é incansável, queria mais dessa troca toda, estava sedento pela moça. Brincar era condição para se fazer corpo, o corpo não existe *a priori* do acontecimento.¹⁸ Há um jogo e a brincadeira marca a pele.

A moça era cobra? Macunaíma escapou do silêncio da suçuarana? O que ele ouviu? O herói estava realmente desatento ao furar o silêncio, o miado terrível? Ao chegarem da brincadeira, Jigue sentou uma porrada em Macunaíma, que abriu o berreiro. O choro era canto para todos ouvirem, de tão imenso encurtou o tamanho da noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedra. O herói fechou os olhos, não precisava ver. O silêncio era suficiente para fazer a presença da suçuarana.

¹⁷ Andrade (2013, p. 16-17).

¹⁸ “Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir” (FOUCAULT, 2013, p. 16).

Escutas alertas às formas fixas rapidamente perceberam que a suçarana virou moça e que na cena estava mais uma transformação corporal, muitas vezes uma transformação que conserva o todo. O todo corporal, unidade, conhecido. Finito, conjunto de membros. Porém, outra atenção se apresenta mais misturada aos riscos deixados pela brincadeira herói-cunhã. Riscos requerem mais atenção, logo não se quer a agilidade da conclusão. O “não querer” passa a ser um gesto ético e diferente de um gesto moral ou de seu sucessor: o gesto investigativo. Agamben, em suas *Notas sobre o gesto*, expõe um pouco como o gesto humano passa a ser incorporado ao jargão médico-científico. Lembra-nos do Dr. Tourette, ao indagar como uma sociedade conseguiu afirmar num passo humano toda uma cadeia de possibilidades patologizantes. E mais um pouco: por que interessou tanto o gesto humano?

Aqui, o mesmo distanciar do gesto mais cotidiano, que tinha permitido o método das pegadas, aplica-se à descrição de uma impressionante proliferação de tiques, de surtos espasmódicos e maneirismos, que não podem ser definidos senão como uma catástrofe generalizada da esfera da gestualidade.¹⁹

Catástrofe ao ouvido de alguns pode parecer uma radicalidade do filósofo, mas lembro-me de uma tarde, num bairro do subúrbio do Rio de Janeiro no ano de 2014, na qual um grupo de profissionais de Saúde Mental, num calor de mais de quarenta graus, discutia a vida de um usuário do Centro de Atenção Psicossocial. Dizia uma profissional que estava com muitas questões com um jovem de 20 anos que foi encaminhado por uma Clínica da Família ao referido serviço. Ela contava, um pouco desconfiada, que o jovem não era para estar no CAPS, pois não parecia uma história que condizia com a complexidade daquele equipamento de saúde, mas tinha dúvidas sobre essa conduta. Contou-nos então que esse jovem conversava normalmente, mas de repente tinha mudanças vocais e entoava palavras nem sempre compreensíveis, seus braços involuntariamente também produziam acenos repetitivos e... nada mais falou... Sua descrição, que caminhava para um contar sobre os movimentos, foi interrompida por uma fala, não foi preciso nem identificar se vinha de alguém: É UM TOURETTE, não é pra cá. E continuava: precisa de

¹⁹ Agamben (2008, p. 10).

cuidado, sem dúvida, mas não é pra CAPS.

Obviamente, não entraremos nos pormenores dessa discussão para clínica da atenção psicossocial, mas retomo a “catástrofe” trazida por Agamben. Tourette se atualiza na Cidade Maravilhosa, no calor do povo carioca, chega no menino de 20 anos e a ele garante:

As características essenciais do Transtorno de Tourette são múltiplos tiques motores e um ou mais tiques vocais (Critério A). Esses podem aparecer simultaneamente ou em diferentes períodos, durante a doença. Os tiques ocorrem muitas vezes ao dia, de forma recorrente, [100] ao longo de um período superior a 1 ano (Critério B). Durante este período, jamais houve uma fase livre de tiques superior a 3 meses consecutivos. A perturbação causa acentuado sofrimento ou prejuízo significativo no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes da vida do indivíduo (Critério C). O início do transtorno ocorre antes dos 18 anos de idade (Critério D). Os tiques não se devem aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância (por ex., estimulantes) ou a uma condição médica geral (por ex., doença de Huntington ou encefalite pós-viral) (Critério E).²⁰

O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais* [DSM] já está partindo para sua sexta versão e desempenha papel crucial em nossas compreensões sobre o gesto. Mais do que apresentar uma avalanche de possibilidades diagnósticas sobre movimentos corriqueiros de nosso dia a dia, como por exemplo, piscar, o texto que se apresenta para o garoto encerra qualquer possibilidade de seu movimento ser extraordinário; assim, o encarcera numa representação de qual movimento pode ser validado de não ser rotulado pelo onipotente DSM. Todo o gesto passa a ser dirigido para um fim, o gesto passa a ser destino finito ou finalizante. O gesto é fim.

Pode haver a presença de tiques motores complexos envolvendo toques, agachar-se, fazer profundas flexões dos joelhos, refazer os próprios passos e girar o tronco enquanto caminha. Em aproximadamente metade dos indivíduos com este transtorno, os primeiros sintomas são surtos de um tique isolado, mais frequentemente piscar os olhos, menos comumente tiques envolvendo uma outra parte da face ou do corpo. Os sintomas iniciais também podem incluir a protrusão da língua, agachar-se, fungar, saltitar, pular, pigarrear, gaguejar, vocalização de sons ou palavras e coprolalia.²¹

O movimento do menino nos é conhecido apartado dele. Não precisa se

²⁰ *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* – DSM-IV.

²¹ *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* – DSM-IV.

aproximar de seus gestos, eles já são conhecidos e já se sabe onde vai dar. Deste modo, o arrogante saber tem certeza de que o movimento do menino faz sofrer e que precisa de ajuda, para isso prossegue num eterno processo de produção de nomes e estatísticas que não para de produzir versões. Que perguntas se produzem a esses gestos? Para que se pergunta? O silêncio da suçuarana assusta. Pensar a produção de conhecimento a partir do debruçar sobre os gestos vai impulsionar a afirmativa de que nenhum modo de produzir perguntas sobre a realidade não é em si uma produção de realidade. Quando Agamben afirma que o gesto é uma medialidade, e nessa afirmativa está sua dimensão ética, tomo de assalto este anunciado para acertar que o gesto nesta escrita, ou tese, não é a busca final, mas o meio que nos faz pensar. Ela em si é gesto e ao mesmo tempo só pode existir no gesto. *O gesto é a exibição de uma medialidade, o tornar visível um meio como tal.*²²

Terei que dar um corte em nosso caminhar para não avançarmos agora na discussão da escrita, pois almejo que ela se presentifique na próxima parte deste trabalho com mais cuidado, mas dessa dimensão ética me resta retomar o menino encerrado pelo DSM. O que é chamado de encerramento está longe de ser uma adjetivação para um mal procedimento de nossos tão instituídos manuais de boas condutas, ou códigos internacionais de diagnósticos. Isso seria despovoar a força política desses manuais que, ao encerrar, não estão diminuindo as possibilidades de vida; muito pelo contrário, ao ouvir as moléstias humanas, eles produzem um alargamento de possibilidades gestuais no que se pode entender como uma tríade do conhecimento moderno: ouvir-catalogar-neutralizar.

O menino foi convocado a falar pela rede de saúde do Rio de Janeiro. O menino se apresenta ao saber arrogante que o impede de nos contar qualquer coisa sobre seus gestos. A travessia do menino “Tourette” foi capturada pela ciência médica hegemônica que a tudo faz falar. Talvez por isso a escrita se debruce sobre a viagem de Macunaíma, pois assim como Ulisses, em sua *Odisseia*, teve na presença do silêncio sua jornada possível:

Não tinha nem mesmo Urubu no bairro e Vei, a Sol, esfiapando por entre a folhagem, guascava sem parada o lombo dos andarengos. Suavam como numa pajelança em que todos tivessem besuntado o corpo com azeite de piquiá, marchavam. De repente Macunaíma parou riscando a noite do silêncio

²² Agamben (2008, p. 13).

com um gesto imenso de alerta. Os outros estancaram. Não se escutava nada porém Macunaíma sussurrou: tem coisa.²³

A coisa era Ci, a mãe do mato. Macunaíma quis logo com ela brincar, mas Ci era dessas tribos de mulheres sozinhas. Era jovem e guerreira; diferente das cunhãs largamente desejadas de Macunaíma, Ci não se entregava aos caprichos do herói. Ci era linda, *com o corpo chupado pelos vícios*. Os dois brigaram muito, pelo menos assim nos conta Mario de Andrade – na verdade, Macunaíma apanhou tanto que seus gritos se ouviam pela mata toda. Cansado da guerra, mas não desistindo de brincar com Ci, Macunaíma usa mais uma de suas estratégias: eis que, ao se ver no chão, clama pelos irmãos para que venham separar aquela briga: “me acudam, se não eu mato”. Mesmo a *icamiaba* sem nenhum arranhãozinho, Jiguê e Manaape, seguram a cunhã e Macunaíma fica livre para *brincar* com a Mãe do Mato.

Macunaíma foi considerado assim o *Pai da Mata Virgem*. Mas sua vitória sob Ci parece que gerou muito mais do que um ganho e uma medalha para o herói. Macunaíma, ao se atracar com Ci, não poderia imaginar os desvios de sua história. Ci sobe para o céu com um cipó, logo após a morte do filho gerado pelas brincadeiras da dupla. Ci, apesar de ser sempre chamada de “marvada” por Macunaíma, deixa a ele uma *muiraquitã*. O presente, mais do que um amuleto, prende Macunaíma em uma saga, que só vai acontecer porque é para nós contada por um papagaio que encontrou o herói, pouco antes de ele escutar outro silêncio: o canto de Uiara. Pouco antes de ser possível o acontecimento por vir, pouco antes da narrativa. *E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio, conserva no silêncio as frases e feitos do herói.*²⁴ O silêncio salvou Macunaíma do esquecimento.

O silêncio preserva do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Que histórias são possíveis tendo o silêncio como fonte? Kafka, em 1917, já atentava para a presença do silêncio a partir da saga de Ulisses e afirmava: *as sereias, contudo, possuem uma arma ainda mais terrível que seu canto: seu silêncio.*²⁵ Ulisses, guerreiro, *divinal, filho de Laerte, Odisseu*²⁶ *muito-truque*, encontra com

²³ Andrade (2013, p. 31).

²⁴ Andrade (2013, p. 214).

²⁵ Kafka (2014, p. 615).

²⁶ Na tradução utilizada, Ulisses é Odisseu.

Circe a deusa divina que indicaria a rota e tudo sinalizaria para *vítima de tramoia pungente, no mar ou em terra, não padeceis sofrendo miséria*²⁷ e assim fez:

Primeiro alcançará as sirenas, elas que a todos os homens enfeitiçam, todos que as alcançar. Aquele que se chegar na ignorância e escutar o som das Sirenas, para ele mulher e crianças pequenas não mais aparecerão nem rejubilarão com seu retorno à casa, pois as sirenas com canto agudo o enfeitiçam, sentadas no prado, tendo ao redor montes de putrefatos ossos de varões e suas peles ressequidas. Passa ao largo e tampa os ouvidos dos companheiros com amolecida cera melosa, para que nenhum outro as ouça; mas tu mesmo, se quiseres, ouve após te prenderem as mãos e os pés na nau veloz, reto no mastro e nele se amarrarem os cabos, para que te deleites com a voz das duas serenas. Se suplicares aos companheiros que te soltem, que eles com ainda mais laços te prendam. Após os companheiros te guiarem ao largo delas, dessa vez, não mais te direi com detalhes qual das rotas será a tua, mas tu mesmo, no ânimo, considera; [...].²⁸

A poderosa Divina Deusa alerta Ulisses que haverá um encontro com as dissimuladas sirenas, e que o herói deve estar preparado para enfrentar o som, o canto agudo que poderá enfeitiçá-lo e conduzi-lo à morte. Em nenhum momento Circe conta para Ulisses como era esse canto, tenta livrá-lo da ignorância do encontro indicando a técnica necessária para passar pelas sereias. Desconfia-se, com Kafka, que diante de tal perigo, era de se estranhar que diversos navegadores já teriam feito o ritual de colocar cera nos ouvidos e confiantes se amarrarem em mastros. Mas o canto das sereias era deveras poderoso e tudo corrompia, apesar de que isso só se sabia pelo relato de Circe, que descreve o canto.

Aqui, na leitura da *Odisseia*, especificamente o Canto XII, na descrição de Circe, contada por Ulisses, já me retorço de curiosidade para alcançar logo a entoada desse malévolo canto. Podem imaginar o quão apreensivos estavam os navegadores *homens do risco e do movimento ousado*?²⁹ Mas Ulisses era astuto, chamou seus companheiros de *coração apertado* e falou sobre a encruzilhada apresentada pela Divina Deusa: *Assim eu falarei para que, cientes, ou morramos ou, evitando a perdição da morte, escapamos.*³⁰ Ulisses prossegue com as ordens de como deveria ser a condução do ritual de proteção para não serem seduzidos pelas sereias prodigiosas.

²⁷ Homero (2014, p. 350).

²⁸ Homero (2014, p. 350-351).

²⁹ Blanchot, Maurice (2005, p. 4).

³⁰ Homero (2014, p. 354).

*De que natureza era o canto das sereias? Em que consistia seu defeito? Por que seu defeito o tornava tão perigoso?*³¹ Então Ulisses, munido de todos os brilhantes truques, partiu em travessia:

Mas quando estávamos a distância de um grito, rápido viajando elas não ignoraram a nau saltadora surgir próxima, e dão vazão ao canto agudo: “vem cá, Odisseu muita-história, grande glória dos aqueus, ancora tua nau para ouvires nossa voz. Nunca ninguém passou por aqui, em negra nau, sem antes ouvir a melíflua voz que vem de nossa boca, mas ele se deleita e parte com mais saber.”³²

A voz melíflua distancia a condição da boca de ser a primeira cavidade do tubo digestivo e seduz. Nesse momento Ulisses já revira o corpo todo, as correntes o detêm e com furor solicita a seus companheiros que o soltem. Seu coração quer ouvir o canto. Ele quer ser acalentado por aquela voz de mel, belíssimo apelo. A garganta se abre e a toada acontece, mas as sereias, como experientes cantoras, sabiam exatamente que para o canto sair deve-se abrir a garganta de modo acertado e que o poder do canto só se sustenta no exato instante em que soa a voz. Kafka fez o alerta sobre o silêncio das sereias. Astutas sereias, sedutoras até na falha, conduziram o navegante aonde o canto começaria de fato.

Buscando a etimologia da palavra acalanto descobro que é de origem controversa: aos que dizem que a palavra se relaciona a quente, do latim *calens*, *calente*, *calidus*, *calor*... Mas, há também os que dizem que a palavra acalanto se relaciona ao verbo *calar* na acepção de tornar silencioso, donde *acalantar*, *fazer calar*, *aquietar*, *sossegar*. Não importa, mais uma vez provamos que a etimologia é a forma natural da poesia. *Acalanto*, provém do calor que faz calar.³³

A distância “de uma voz” que separa a nau das sereias pode ter sido vista por muitos navegadores antes de Ulisses. Não se pode afirmar ao certo por que nenhum antes suportou o fascínio das sereias. Talvez pelo desespero de querer ouvir o famigerado canto e não ter a sabedoria de esperar o percurso acontecer, ou por se passar no medo ancorado e nada ouvir, mas uma coisa podemos garantir: Ulisses passou pelo canto das sereias; por sua arrogância de “muito-truque” conta-nos que venceu as sereias, mas mais certo pode ser crer que, dotadas de maior

³¹ Blanchot (2005, p. 3).

³² Homero (2014, p. 355).

³³ Monteiro (2012).

esperteza, sabiam que só existiram no exato momento em que Ulisses as ouvisse. O canto das sereias é um canto porvir.

As sereias só existem no exato momento que se ouviu seu silêncio – dialoga-se aqui com o texto de Kafka, pois este ainda o apresenta como uma ausência de canto, mas entende-se que o silêncio é o canto justamente para iludir Ulisses e nessa ilusão apresentar a sabedoria das sereias e sua superioridade frente ao saber técnico de Ulisses. O herói prossegue sua saga e então nem mais se ouvem o tom e nem o canto das sereias; assim elas desaparecem, mas não foram vencidas, como pensa o navegador. Blanchot acredita que Ulisses venceu as sereias, e certamente a qualidade de vencedor apresentada pelo autor se assemelha ao que se afirma aqui como “Ulisses passou pelas sereias”

Vencidas as sereias, pelo poder da técnica, que pretenderá sempre jogar sem perigo com as potências irrealis (inspirada), Ulisses não saiu, porém, ileso. Elas o atraíram para onde ele não queria cair e, escondidas no seio da Odisseia, que foi seu túmulo, elas o empenharam, ele e muitos outros, naquela navegação feliz, infeliz que é a da narrativa, o canto não mais imediato mas contado, assim tornado aparentemente inofensivo, ode transformada em episódio.³⁴

Apressar-se neste momento para que, com Blanchot, resolva-se a equação anunciada silêncio-narrativa, seria quase como vencer com a citação esse problema crucial que conduz a pensar a escuta e de que modo vamos contar histórias. Vencer, aqui, seria escapar da sedução deste canto “ecolálico”: silêncio-narrativa-escrita. Espera-se conseguir apresentar a questão da narrativa e suas apostas éticas numa parte deixada exclusivamente para ela. Daí, alguns poderem já estar puxando aquele suspiro profundo e pensando: mais uma tese que falará das narrativas. Certamente. Entendendo que os problemas, quando tomados na repetição e se apresentam óbvios, passam a nos interessar, tudo o que é óbvio nos interessará. Apresenta-se, nessa viagem preliminar, o silêncio para apostar que essa qualidade será fundamental para melhor delinear o problema ético e político da narrativa.

Quando Blanchot expõe a tese de que as sereias atraem Ulisses para onde ele não queria cair e impregnam a *Odisseia* pela sua presença, isso nos leva a afirmar que a *Odisseia* só pode acontecer nesse encontro e que, portanto, a história

³⁴ Blanchot (2005, p. 6).

de Ulisses só pode existir no exato momento em que conta sobre sua suposta vitória sobre as sereias, desafio alcançado somente por ele. É na presença do silêncio das sereias que Ulisses irá se tornar Homero, aquele que vai fazer possível que o encontro de Ulisses com as sereias se torne real. É Homero que faz desse encontro um acontecimento, que, como veremos, só existe porque é contado.

O silêncio e o sexo

Um canto é anunciado por Foucault.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir.³⁵

O canto do encerramento da sexualidade. Cântico entoado em muitos trabalhos sobre sexualidade e gênero. O saber técnico bem preparado aposta em ouvir esse encerramento e dele resgatar os seres que foram constantemente subjugados na longa história da sexualidade. Muito distante de ser a *Divina Deusa* desta tese, Foucault não conduz ao medo do conhecimento, mas incita a pensar sobre o que se escolheu contar sobre a sexualidade. Embarco seduzida pelo que preferia chamar de “sereias urbanas”, mas me renderei a chamar de travestis, para pensar possíveis furos neste canto tão reproduzido da sexualidade: o canto da repressão.

Preferia sereias urbanas, pois lançaria rapidamente a elas a proposta de inventar um canto extraordinário no momento em que eu contasse histórias, mas no breu da noite das histórias das sexualidades e de gêneros (não só a de Foucault, mas a do cotidiano de nossas cidades) elas rapidamente deixam de existir, deixam de nos povoar com suas prosas. Poderia sair produzindo palavreados, afirmando que foram vítimas da repressão e da fobia do diferente. Poderia correr até aquelas que sobrevivem e pedir que contassem sobre suas vidas. Podia me imbricar pela

³⁵ Foucault (1999, p. 9).

militância do já instituído movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) e inventar questões para sua representação de ser travesti. Porém, junto com Foucault, tentarei nos apresentar no silêncio.

A repressão é certamente uma ação que consiste em lançarmos ao esquecimento tudo aquilo que não se almeja mas que seja conhecido. Guardamos o sexo dentro de casa, não para que seja livremente exercido no fórum íntimo, mas para que também este fórum possam ser espaço das assertivas morais. Reservamos às sexualidades ilegítimas,³⁶ caso essas realmente precisem acontecer, lugares que não incomodem e que de preferência ajudem a regular e manter toda a hipócrita sociedade burguesa em ascensão: pontos de encontros escondidos, bordeis, casas de tolerância e claro, as casas de saúde. Fora desses lugares, *o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.*³⁷

A aparência de transgressão e liberdade que se afirma ao discorrer sem reservas sobre sexo vai tendo uma função reguladora em nossa sociedade. Uma compreensão de desafiar a ordem estabelecida é naturalmente explícita naqueles que ousaram falar de sexo. *Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo.*³⁸ Assim como Foucault, lança-se a afirmativa óbvia de que a repressão é presente em toda a história da sexualidade: não esqueçamos jamais que Sade, com toda a sua pompa social e de sobrenome de marquês, terminou sua vida em um manicômio e quantos anos passou em prisões – são quase incontáveis. Porém, nos interessarão as bordas dessa repressão.

O que está em questão na tese de Foucault e que se tenta atualizar aqui, na aposta da presença do silêncio, é justamente afirmar que o dispositivo da repressão, ao apresentar o imperativo do calar, produziu diversos mecanismos de fazer falar. Por sua vez, essa fala não liberta do mutismo, ou das forças que fazem emudecer. Silêncio e mutismo são presenças antagônicas de uma mesma condição: a não presença da fala. O mutismo, por sua vez, cria justamente o que chamaremos de “tagarela”, aquele que existe a partir da fala e que só poderá se afirmar ao se dirigir

³⁶ Foucault (1999, p. 10).

³⁷ Foucault (1999, p. 10).

³⁸ Foucault (1999, p. 12).

ao outro e, nesta condição, assegura sua existência, *ironia deste dispositivo*.³⁹ é preciso acreditarmos que nisso está nossa liberação. O silêncio equiparado ao mutismo pode estar favorecendo para que nossas apostas na vida (e a própria liberdade de diferenciar-se) se resumam, em nossas apostas, a fazer falar e, mais ainda, afirmar uma vida tagarela. Mas para que apostar no silêncio?

A moral cristã e toda pastoral atribuíam ao campo da prudência a possibilidade de falar de sexo. Não se tratava, portanto, de um pecado falar de sexo, mas de como se falaria dele. Deve-se falar sempre em todos os aspectos, todas as relações, todas as vontades, tudo o que faz a pele arrepiar o corpo tremer ou na descrição do poeta:

O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atrair
E que me aperta o peito e me faz confessar⁴⁰

As perguntas têm lugares certos para acontecer e, antes mesmo de apertarem o peito, já devem ser confessadas. Os espaços religiosos, igrejas, internatos, entre outros, são colocados estrategicamente disponíveis para tudo ouvir. Nesses espaços, sabe-se muito bem que há um pecado carnal que pode ser dissolvido se houver uma confissão da alma. Tudo deve ser dito: *uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito*.⁴¹ Esse deslocamento do pecado para o corpo e de sua resolução pelo trabalho do espírito, ou labor religioso, provoca mais que uma transformação no modo que vamos falar de sexo, mas principalmente nos introduz em um novo modo subjetivo: o modo moral. Cisão espírito-carne e, mais ainda, a locação do desejo e todas as suas vicissitudes no corpo tendem a responsabilizar a carne por todos os impulsos pecaminosos.

³⁹ Foucault (1999, p. 149).

⁴⁰ Holanda, Chico Buarque de. *O que será [À Flor da Pele]*, 1976.

⁴¹ Foucault (1999, p. 23).

Foucault entende que, mais que atribuir um pecado ao ato sexual, ou à vontade do ato, a prática cristã sugere uma tarefa quase infinita de se falar sobre o sexo, de dizer, de se dizer, a si mesmo e de dizer a outrem tudo o que se passa de vontade de prazer e nas tramas sexuais:

Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários a lei, mas procurar fazer do seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso. Se for possível nada deve escapar de tal formulação, mesmo que as palavras empregadas devam ser ruidosamente neutralizadas. A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo sobre o crivo interminável da palavra.⁴²

Falar da Igreja católica e dos diversos mecanismos confessionais religiosos da sexualidade humana seria, como no dito popular, “chutar cachorro morto”, digamos, pois do saber vai se constituindo, graças à tese da repressão: a ciência sexual. Longe de ausentar a religião dessa discussão, entenderemos como ela se beneficiou dos avanços científicos, aprimorando ainda mais os tentáculos da moralidade e de suas necessidades confessionais.

Afinal de contas, somos a única civilização em que certos prepostos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre o seu sexo: como o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação.⁴³

Irônico ou não, Foucault nos alerta para uma produção de conhecimento que, ao emprestar os ouvidos às revelações da sexualidade e sua repressão, vai produzir um discurso sobre o sexo, e esse vai perseguir a verdade do sexo. Assim, a afirmação de um sexo reprimido e o imperativo da fala, para dele tudo extrair, também afirma que há um corpo que detém a sexualidade, e esse corpo precisa ser cuidado. Mais que cuidar do homem religioso e da mulher religiosa, é preciso se deter naquilo que, como cantado por Chico Buarque, não quer confessar, mas é traído pelo aperto no peito e *não tem mais jeito de dissimular*.

A ciência que faz confessar

Encontram-se muitas tramas contadas sobre a homossexualidade no Brasil,

⁴² Foucault (1999, p. 24).

⁴³ Foucault (1999, p. 13).

mas em sua grande maioria restringem-se a falar sobre a homossexualidade masculina. Fica claro que as travestis, nesta historiografia, estão sendo consideradas expressão de uma homossexualidade masculina. Por que isso, neste momento, passa a ser importante? E por que, neste momento, passamos a nomear as subculturas da sexualidade ilegítimas? Este é um momento difícil desta tese, pois para esmiuçar o problema, já se pressupõem diversas vozes que ecoam nessas histórias. Pleitear o silêncio das travestis e não seu mutismo já coloca em xeque o próprio debruçar sobre o silêncio, pois “travestis” já é uma ideia, um apanhado de gestos devidamente controlado e categorizado. Neutralizado? Talvez.

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre o seu sexo; que a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo, e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo.⁴⁴

No Brasil, no final do século XIX, uma onipotente estátua de bronze fora erguida em homenagem ao imperador Dom Pedro I. Uma “humilde” ação prestada pelo seu filho Dom Pedro II, que a emplacou no meio do centro da cidade do Rio de Janeiro em comemoração ao quadragésimo aniversário da Independência do Brasil. No Largo do Rossio, atual Praça Tiradentes, contornaram o imperador outros quatro monumentos erguidos em ferro fundido que simbolizavam as quatro virtudes das nações modernas: justiça, liberdade, união e fidelidade. No centro do centro, alguns anos mais tarde, a morada do imperador ganhou uma nova arquitetura, mais moderna e querida pelo gestor Pereira Passos. A estátua fora contornada por uma vegetação que lembrava as belezas do Brasil. O país-promessa também queria aquela praça como a mais frequentada e habitada por gente mui formosa e rica. Mas não demorou muito para que o espaço se tornasse um dos principais ambientes de encontro de uma população masculina que assiduamente se relacionava sexualmente entre si, frequentemente chamada de “homossexuais”.

Nesse espaço, as investidas policialescas eram muitas. Policialescas referem-se às ações que escapam do braço policial, mas são exercidas por toda a

⁴⁴ Foucault (1999, p. 26).

população, que era a principal denunciante das “práticas imorais”. Tanto que, em 1878, o então secretário de Segurança Pública adotou medidas que ampliassem naquele território o contingente policial para, claro, manter os indivíduos “sodomitas” longe da visão da população de bem. Disse: *há indivíduos que vão a deshoras praticar abuso contrário a moral, obrigando assim essa Repartição a ter rondantes naquelle jardim em prejuízo da polícia em outro lugar.*⁴⁵

No livro *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, James Green refere-se a diversas políticas que foram desenvolvidas no Brasil e passa a problematizar o pressuposto de que “não existe pecado ao Sul do Equador”. Reporta como a homossexualidade masculina vai se desenvolvendo e se tornando cada vez mais complexa em nomeações e ramificações. Num primeiro momento, temos na própria cultura homossexual masculina algumas atribuições.

Claramente invadida pelos padrões de gênero que prevaleciam em nossa sociedade, as ramificações dos homossexuais masculinos se dividiam entre os penetráveis (ligados a bichas afeminadas, o que reforçava o papel da mulher como a única que podia ser penetrável, concepção hegemônica à época) e o bofe/fanchono (ligado ao modelo masculino vigente). O texto de Green percorre os diversos parques do Rio de Janeiro, principalmente o já falado Largo do Rossio, e aborda as múltiplas reuniões que ocorriam entre os homossexuais. Em sua larga maioria, esses encontros eram tidos como proibidos e muitas vezes envolviam trocas financeiras. Não por acaso, durante muito tempo as “bichas” eram chamadas de “putos”, pois só as putas eram penetráveis, mas quem não era penetrado não tinha sua sexualidade nem tão exposta, e nem mesmo era considerado um invertido, ou sodomita.

A aparente masculinidade dos fanchonos os protegia das prisões e do olhar dos médicos, advogados e de outros *voyeurs* responsáveis pela maior parte da documentação escrita sobre homoerotismo na *belle époque*.⁴⁶

Não se utiliza “invertido” ou “sodomita” por uma sinonímia ou rápida adjetivação, mas sim para reforçar o que já é afirmado pelo autor: antes da década de 1960, o que tínhamos no Brasil era o avanço da parceira polícia-medicina, que

⁴⁵ Green (2000, p. 55).

⁴⁶ Green (2000, p. 71 - grifo do autor).

não só exercia seu poder sobre os corpos dos chamados “bichas”, como produzia muitos materiais sobre essas vidas, inclusive forçando por diversas vezes as pessoas a se confessarem.

Em 1869, era possível ver no Artigo 379 do novo Código Penal Republicano, os homens afeminados que se vestiam de mulher tendo sua prática indicada como travestismo. Chama a atenção que o travestismo passou a ser considerado ilegal justamente por seu caráter de enganar. Foi julgado ilegal disfarçar o que consideravam sexo verdadeiro, utilizando roupas impróprias aos preceitos vigentes de masculinidade, sobretudo fazer isso publicamente e com o propósito de enganar.

Aposta-se que, no artigo 379, a Lei brasileira tentava alertar os jovens de bem que tomassem cuidado com essas moças falsas que saem à noite para iludir o ingênuo menino da boa sociedade brasileira. *Depois de oito horas da noite, moços de ares feminis, que falam em falsete, mordem lencinhos de cambraia, e põe olhos acarneirados na figura varonil e guapa do Senhor D. Pedro I, em estátua.*⁴⁷ Por que assustam tanto essas personagens que só podiam existir no carnaval? Quais os perigos de seus enganos?

Não podemos afirmar que lá, rigorosamente, no largo do Rossio, já estavam presentes as travestis, até porque, como nos lembra um dos integrantes do Dzi Croquettes,⁴⁸ quando era chamado de andrógino pela mídia brasileira: *no fundo, no fundo, é tudo a mesma coisa; travesti é bicha de classe média baixa; agora andrógino é filho de militar,*⁴⁹ Em 2012, na publicação *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, também podemos ler que essas nomeações se misturavam

No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero.⁵⁰

⁴⁷ Cronista Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro do meu tempo*, 1938, v1, p. 151-2.

⁴⁸ Dzi Croquettes foi uma trupe de teatro e dança, performática, que se apresentou em diversos palcos brasileiros e internacionais. Além da qualidade do grupo, foi reconhecido com um dos pioneiros a colocar em xeque as noções de gênero e a brincar com o limiar entre o corpo masculino e feminino.

⁴⁹ Croquettes (apud Green, 2000, p. 411).

⁵⁰ Jesus (2012, p. 10).

O recente livro publicado a partir dos trabalhos das Comissões de Memória e Verdade no Brasil sobre a ditadura e as homossexualidades ainda explicita essa confusão com ares de verdade:

Optou-se, para o título do projeto, no uso do termo “homossexualidades”, ao invés de incluir expressamente pessoas trans ou usar LGBT, sigla mais contemporânea e que representa um avanço na formulação do movimento. Isso porque, para não pecar por anacronismo usando termos de percepção de identidades alheios à época, a verdade é que a travestilidade e a transgeneridade eram vistas, nesse momento histórico, hegemonicamente como formas de homossexualidades, daí esse emprego da palavra no plural.⁵¹

⁵²

Em nenhum momento, oferece-se aqui a possibilidade de que não há distinção entre as nomeações, que “é tudo a mesma coisa”, ou que a pessoa a ser chamada não prefere “legitimamente” um a outro termo. Mas faz-se necessário um exercício de tentar tirar dessas nomenclaturas o caráter confessional ou mesmo pensar sobre a experiência que vai se apresentando ao corpo que constantemente é chamado a falar, criar palavra, intercambiar gênero, nomear-se. Que há em todo o processo a invenção de inúmeras nomenclaturas para tentar fazer falar a verdade sobre a origem do desejo, a tese da identidade da sexualidade e de gênero e que, muitas vezes, ela parte da hipótese repressiva como desencadeadora de perguntas e produção de conhecimento. Prosseguimos mais um pouco na aposta de conhecer através do enunciado: é possível contar sem confessar? O que estamos escolhendo para ser contado?

Os rapazes do Largo do Rossio já não se resumiam a um grupo de pessoas e começavam, no início do século XX, a trazer mais preocupações para o Estado brasileiro. Estado que, por sua vez, avança no controle da população, sobretudo com a ideia de prevenção que culminou na celebre Revolta da Vacina no Rio de

⁵¹ Green e Quinalha, 2014, p.11.

⁵² Entendemos, no entanto, certa preguiça da comissão em aprofundar a noção de testemunho em seus trabalhos e produzirem questões para as travestis que a tirassem de sua condição de relatoras de experiências individuais para contadoras de histórias. As travestis da “Boca do Lixo” não se nomeavam como travestis e até hoje podemos ver muitas que não assumiram esse nome. Há muitas questões que poderiam ter sido feitas e aproveitado este momento do Brasil e a criação das comissões de memória e verdade. O próprio livro se contradiz quando há um capítulo para discutir os gays e travestis em Belo Horizonte. Pensar a incursão da Polícia Militar e, principalmente do Esquadrão da Morte, na vida das travestis que trabalhavam no Centro de São Paulo poderia ter sido fundamental para que elas passassem a fazer parte da história do país e que afirmássemos suas vidas vivas no presente. Este não é o tema desta tese, mas fica aqui um breve testemunho.

Janeiro.⁵³ Instituiu-se o encontro entre medicina-justiça-criminologia e a necessidade de serem criados dispositivos de controle da população. Os modos efeminados de muitos dos frequentadores do Largo do Rossio, que já se estendia pelas regiões da Rio Branco e Cinelândia, na década de 1930 passaram a ser um perigo à moral vigente e também ao seu aparente inconformismo com as tradicionais representações de masculinidade. A noite do centro carioca parecia perturbar os papéis dos gêneros normativos e a ossatura do corpo biológico.

O avanço científico da época chamava o sexo a falar desde cedo, e havia diversos indicativos aos “pais de família” para buscarem identificar, ainda na criança masculina,⁵⁴ as origens dessa perversão sexual. A prevenção ficava também por conta do Estado, que deveria aprofundar esse debate nas escolas, principalmente nas discussões do ensino moral e cívico. Estudos importados da Europa e dos Estados Unidos se aprofundavam na tese de uma origem hormonal e congênita da homossexualidade. Eram reconhecidas as influências eugenistas e positivistas desses médicos e criminalistas.

Embora nem todos os profissionais que estudavam homossexualidade defendessem o rol de propostas apresentado pelo movimento eugênico no Brasil, eles compartilhavam da proposta que as profissões médicas e legais, bem como o Estado, deveriam desempenhar um papel mais incisivo ao lidar com os problemas sociais. Até onde muitos dos autores e advogados de classe média e alta podiam conceber, comunistas, criminosos, negros degenerados, imigrantes e homossexuais deveriam ser contidos, controlados e, no caso dos últimos, se possível, curados. Os anos 30, assim transformaram-se num campo de testes sobre o qual o melhor meio de purificar a nação brasileira e curar seus distúrbios sexuais.⁵⁵

Uma teia de conhecimento consolida-se entre sexo-Estado-indivíduo – este último, por sua vez, se fixa a cada investida para querer saber de onde ele vem. Quem ele é? Os estudos passam a certificar o que é bom para a relação sexual e como as pessoas deveriam cuidar da sexualidade. Atesta-se a homossexualidade como uma tarefa da vida noturna e suas práticas ligadas ao crime e à prostituição. Todos passam a falar de sexo. O Estado legisla sobre a sexualidade e a população tem o dever de cuidar cada um da sua própria vida sexual. O sexo mensurado como

⁵³ Ver Sevchenko (2010).

⁵⁴ Provavelmente, as investidas em crianças femininas eram menores, pois se acreditava que a mulher não tinha excitação sexual.

⁵⁵ Green (2000, p. 193).

prática e coito abre espaço para todo o conjunto da sexualidade, que se torna objeto de controle e investida higiênica.

Objeto de estudo, a homossexualidade não poderia mais ser vista como vício ou pecado da carne. Era preciso tirar qualquer ranço religioso do debate e afirmar a cientificidade dos estudos e categorias produzidas a partir do sexo nomeado. Fervorosos adeptos das teorias europeias, os médicos brasileiros eram abastecidos e influenciados pelo onipotente Cesare Lombroso, que foi um dos seres humanos mais magistrais em mensurar, catalogar e criar conhecimento a partir do corpo alheio. Não por acaso, sua teoria do “delinquente nato”, cujo fragilizado sistema nervoso predisponha a um comportamento degenerado e incluía propensão a mutilação, tortura, homossexualidade e a fazer tatuagem pelo corpo, influenciou Leonídio Ribeiro, notável médico criminalista que desenvolveu diversos estudos sobre homossexualidade e endocrinologia.

É explícito que, na descrição do delinquente nato de Lombroso, mesmo identificando o problema em um frágil sistema nervoso, suas manifestações se dão em torno da carne – pouco diferente da lógica religiosa tão questionada pelos estudiosos da época. Tirar do campo religioso não deslocou a atenção, que continuou recaindo sobre o corpo. Em seu artigo publicado em 1935, cujo título era *Homossexualismo e endocrinologia*,⁵⁶ Leonídio já lançava o tema como sendo parte de um assunto problemático, por ser contrário aos bons costumes e à moral. Mesmo assim a inversão, ou homossexualismo, é chamada para a mesa da investigação.

Nos fins do século passado, começou a questão a ser ventilada, à luz de argumentos científicos, para que a humanidade pudesse, afinal beneficiar-se desses estudos, tentando corrigir defeitos e doenças tão tristes e tão deprimentes da natureza humana. Tarnowsky, na Rússia; Havelock Ellis, na Inglaterra; Charcot, Magnan e Fére, na França; Westphal, Kraft-Ebing, Moll e Hirschfeld, na Alemanha, Lombroso, na Itália; Freud, na Áustria, foram os primeiros homens de ciência que tiveram a coragem de iniciar um movimento científico nesse sentido, orientando tais estudos em novos rumos e rompendo com os preconceitos de toda a sorte que impediam, até então, qualquer tentativa séria nesse sentido ... Enriquecidas com tantos e tão importantes meios de trabalho, pode constituir-se, afinal, uma ciência nova, a Sexologia, que já possui, em várias línguas, uma verdadeira biblioteca, e cujos estudos estão fadados a um desenvolvimento cada vez maior, em benefício da humanidade.⁵⁷

⁵⁶ E republicado em 2010 – versão que utilizarei na tese.

⁵⁷ Ribeiro (2010, p. 500).

Ribeiro nos apresenta um time de cientistas que estão longe de passar despercebidos pelas discussões da Psicologia, e talvez não caiba aqui fugir da nomeação de Charcot e Freud como jogadores desse time, detalhados por Ribeiro como verdadeiros responsáveis pela institucionalidade dos estudos da sexualidade. Certamente, o estudo de Foucault sobre a *História da Sexualidade*, e especialmente “a vontade de saber”, faz clara alusão à psicanálise como um dispositivo do biopoder. É percebida a relevância desta questão para a psicologia e para o problema das sexualidades, mas não se adentra nesta discussão tão específica, entendendo que ela merece um tempo mais alargado e um debruçar que demandaria outra tese.

Com esse cuidado, atenta-se para a descrição de Ribeiro e de “seu time” para o que interessa neste trabalho: há uma ciência sendo estabelecida e deixando marcas. Uma ciência que faz falar, faz dizer, que pretende romper os preconceitos e alcançar a liberdade humana. A ironia é consolidada nesta parte do texto não para ridicularizar perspectivas de produção de conhecimento que não agradam, não há nenhuma tentativa de trocar os “mutismos”. A ironia quer outro tempo de atenção para que se perceba que dispositivos de fazer falar e querer ouvir estão sendo colocados e asseverando o que hoje também entendemos como Psicologia. Os pelos se ouriçam quando se percebe que não há nenhuma tentativa de subjugar uma dada sexualidade, mas sim cuidá-la, fazer com que ela se livre dos males que produzem seres humanos tristes e culpados. Mecanismos que antes sustentavam o perdão dão licença para que se estabeleça outro mecanismo: o registro.

Não se fala menos de sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos. Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz, é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem ou não falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros.⁵⁸

Ribeiro, aplicando as técnicas antropométricas de Lombroso, realizou pesquisa com 195 presos da cidade do Rio de Janeiro. Vale o detalhe que, ao explicitar que os homossexuais estudados tinham sido detidos em casas de prostituição, o médico agradecia a gentileza do delegado Dulcídio Gonçalves, pelo

⁵⁸ Foucault (1999, p. 30).

valioso concurso prestado às verificações. Enfim, o estudo, sem grupo controle, objetivava pensar as relações entre homossexualidade e desequilíbrio hormonal. Para isso, mediu partes do corpo desses presos; investigou seu pelos pubianos, mediu seus braços, suas pernas, observou fios de cabelo, retalhou seus corpos e, claro, pediu que confessassem atos de pederastia passiva.

A alteração mais importante, por nós observada, foi a hipotensão arterial, verificada em 85 indivíduos, isto é, em 60% dos casos. A distribuição dos pelos do púbis foi encontrada de tipo nitidamente feminino em 32 casos, sendo do tipo intermediário em 36, num total de 71, isto é, mais de 60% fora do tipo masculino normal, sendo que em 6 deles estavam raspados. Em 52 casos não havia absolutamente pelos no tórax, sendo apenas 3 os casos em que havia exagero dos mesmos nessa região. A bacia do tipo feminino foi observada em 20 casos, e a cintura feminina igualmente em 20 indivíduos. A ginecomastia franca só existia em 3 casos, mas era esboçada em 13 deles.⁵⁹

A busca desenfreada por catalogar os gestos dos homossexuais, chegando ao ponto de levantar questões aos desenhos de seus pelos pubianos (!), certamente é o chão de base de diversas outras pesquisas que se desenvolveram no país e que queriam cada vez mais tratar dos homossexuais, e não puni-los ou perdoá-los. A partir de dois casos criminais marcantes no Brasil,⁶⁰ em que os acusados foram rapidamente tomados como homossexuais e pederastas, avançaram os estudos sobre a relação entre homossexualidade e psicopatia, chegando a ser proposta, pelo médico criminalista Virato Fernandez Nunes, uma ala no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha, em São Paulo, só para cuidar desses homossexuais que, não tendo como serem tratados fora das prisões, receberiam esse “benefício”.

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recanto geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo para escutar registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz.⁶¹

Em Brasília as coisas se decidem

⁵⁹ Ribeiro (2010, p. 506).

⁶⁰ Dar nomes aos acusados seria reafirmar suas penas, julgadas de forma arbitrária, como a grande parte dos destinados aos manicômios judiciários no Brasil.

⁶¹ Foucault (1999, p. 35).

Já ia pela segunda vez para Brasília naquele mês, ossos do ofício: assessorava o Centro de Referência em Psicologia e Políticas Públicas do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro e ventos iam, ventos vinham, estava eu em Brasília. Muitas pessoas não gostam de lá, mas eu não sou muito de falar mal de uma cidade, não por ser carola, mas porque gosto das cidades, as que eu não gosto têm sempre um canto que vou poder sentar para falar mal e quando percebo, já gosto. Das cidades, gosto dos cantos. Mas com Brasília é um pouco diferente. Das minhas idas pra lá, mesmo me sendo apresentados muitos botecos, o que torna tudo mais familiar, não me lembro de conhecer muitos cantos, mas me apego mesmo ao céu. Não me peçam para descrever, seria remeter àquelas incontáveis tardes na escola em que a professora pedia para desenharmos nossa casa e eu só conseguia fazer o desenho depois de copiar da minha amiguinha. Acho que nunca entendi essa coisa de desenhar a minha casa. Que árdua tarefa. Para que exigir tanto de uma criança?

Estava agradável a viagem. Mesmo o desconforto do avião e aquele ar condicionado que me gelava a ponta do nariz, conseguia respirar com certo vagar. Cheguei antes de estar. Ia pela primeira vez num seminário interno do Conselho Federal de Psicologia, no qual discutiríamos as questões referentes a políticas públicas para a “população LGBT”. Confesso certa ansiedade, pois essa pauta nunca fora consenso – afinal, todos querem dar uma opinião e eu voava com minha imaginação. Muitas imagens.

No aeroporto peguei um táxi, o moço que me conduzia contava as inúmeras histórias de Brasília, queria assegurar que lá não tinha só corrupção. Contou-me que vivia em uma cidade-satélite com sua mãe e que o hotel onde eu ficaria era muito bom, “um dos modernos”. No trajeto falei muito pouco, apenas quis garantir que não tinha nada contra Brasília. Que estranho uma cidade que você tem logo que defender... na verdade, sou de São Paulo, então não era tão estranho assim, mas me solidarizava... me deixou no tal hotel.

Antes de colocar minha mochila nas costas, já a via de longe. Sabia muito bem que era ela. Uma moça, que se reconhecia como travesti e militava na cidade do Rio de Janeiro, acho que era representante nacional das travestis, mas isso pode ser um pouco impreciso. Fui atrás dela, me confortou saber que ficaríamos no

mesmo hotel, pois a luxuosidade desses hotéis executivos de Brasília sempre me incomodou um pouco: mal de classe média que precisa de buracos? Ou simplesmente não entendia para que tanto luxo em um espaço em que iríamos dormir? De nada lembrava nossas casas (nem as desenhadas!), era como se o luxo não acolhesse. Pois bem, a presença dela me confortou.

Posicionei-me atrás dela na fila do *check-in* e fiquei olhando – na verdade, acho que isso já era uma certa espionagem; não, também não é para tanto. Contemplava. O recepcionista aguardava todos os hóspedes com aquele sorriso extremamente eficiente em que não demonstra nem muita felicidade, nem uma penitência por estar em pé há horas atrás de um balcão. Gentilmente pedia a carteira de identidade para toda clientela e com ela não foi diferente. Engraçado é que ela já estava com o documento na mão, quase como entregando antes de ele pedir. O recepcionista arregalou os olhos e por segundos a cena parou.

Tudo era silêncio.

Eu arregalei os olhos.

Ela furou o silêncio: tá tudo certo.

O tom, conto agora para vocês: não era de revolta, nem de vitimização. O tom era de quem com a boca afirmava um corpo inteiro. Boca e corpo não se separavam mais e aquele som que emitia um cantar garantia ali uma experiência.

Não sabia se disfarçava ou não meu arregalar de olhos, ela estava de costas, nem me viu, aliás não me olhava nenhuma hora. Nesse momento, me coloquei do lado e lancei meu documento identificatório também, máquina de falar de nós. O meu documento do lado dela e um ruído estranho que não saia daquela recepção. Terminamos juntas o preenchimento dos dados e pegamos o mesmo elevador. Eterna subida até o andar que me hospedaria. Olhava para ela com um princípio de um sorriso acolhedor, sabe, daquele jeito que os lábios ficam entreabertos, mas você acaba demonstrando mais uma complacência do que um sorriso? Ela foi simpática e sorriu para mim. Acho que aquele gesto labial me afundou até a última gota de vergonha que tinha, mas seu sorriso me salvou da mediocridade. Depois desse dia, nunca mais fiz esse gesto com os lábios.

Despedi-me. A porta do elevador fechou e corri pelo corredor. Abri a porta do meu quarto, que me deu a impressão de um portal. Fechei e o barulho cessou. Eu

suava. Passei as mãos no rosto e apertei os olhos, algo precisava acontecer para me limpar daquela cena. Larguei minha mala naquele quarto imenso, que já me causava raiva tanto tamanho só para eu dormir. Aquele quarto nada acolhedor! Tudo escuro. Milimetricamente protegido por um potente *blackout*, não lembrava o céu. Corri para o banheiro, me despi, olhei meu corpo inteiro, passei as mãos pelos meus braços, nuca e pescoço. Desci em direção ao umbigo e parei na barriga. Minhas costas doíam, mas abaixei passando as mãos até os joelhos que se esforçavam para alongar. Voltei ao sexo. Não era possível que meu corpo era uma régua! Eu sempre joguei futebol. Juro! Não queria ser parâmetro de normalidade. Sexo e corpo não se separavam mais. Ali acontecia uma experiência.

Pode os gestos se salvarem? O que resta para além das armas identificatórias? Identidades ou navalhas: qual a questão? Não se cessou de falar de sexo. Em 1960, diante das diversas transformações que se apresentavam à nossa sociedade, houve clara preocupação em estabelecer uma diferença entre homossexualidade e travestilidade. A intervenção cirúrgica na genitália se intensificou como procedimento médico científico entre 1960 e 1970, tendo o endocrinologista Harry Benjamin como o principal precursor dos estudos do que conheceríamos como “fenômeno transexual”. Irônico pensar que quando há necessidade de essas nomenclaturas serem mais bem categorizadas pela ciência da sexualidade, a “população” homossexual passa a se distinguir através dessas nomeações propostas pela psicopatologia.

Considerado um dos tabloides precursores do Movimento LGBT brasileiro, o pioneiro jornal *Lampião da Esquina* também colabora com as questões apresentadas nesta tese. Em muitos números, é clara a tentativa de buscar uma nomeação ou mesmo uma explicação para as “bichas biônicas”. O movimento social nascituro não estava absolvido de tentar decifrar o enigma das sereias:

Acredito que todo o homossexual, num momento ou outro de sua vida, sente a tentação de se travestir. E os que o fazem, atingem, com certeza, o cerne de uma questão fundamental para o homossexualismo, que é onde colocar o travestismo no contexto homossexual. Há diversos enfoques. Por exemplo, numa sociedade em que predominam os valores machistas, o travesti representa a negação absoluta desses valores, o espelho onde uma sociedade castradora se reflete. Mas quer dizer também, dentro de um conceito feminista, a entronização dos valores machistas, já que o travesti quer dar, pretende dar ao homem tudo aquilo que a mulher emancipada moderna procura apagar de seu corpo, que é a imagem da mulher-boneca, da mulher-objeto, passiva e vazia. Do ponto de vista homossexual propriamente dito, a coisa tem de ser vista por um ângulo diferente, não falo da visão do homossexual preconceituoso, ou "revolucionário", para aqueles o travesti é o empecilho para uma vida tranquila e sem vergonha, e para este alguém que os impede de galgar mais um degrau em direção ao poder. Falo aqui do homossexual que, um dia, encontra-se na mais completa contusão vital e se pergunta: o que sou? Para esse homossexual em busca do entendimento, o fenômeno do travestismo é mais um mistério fundamental entre os muitos de sua vida a ser decifrado. Sim, porque para ele, o travesti, além de um enigma é uma fascinação a ser deslindada; uma tentação a ser vencida. Eu, por exemplo, nunca me travesti, nem como gaiato, como era o costume entre os homossexuais há alguns anos, e acho que hoje isso representa um obstáculo não vencido, uma etapa não cumprida da minha vida. Confesso que nunca consegui deixar de sentir uma ponta de inveja de todos os meus amigos de mocidade que, num momento ou outro de suas existências, se travestiram.

E há sempre detalhes significativos no caso de cada um deles. Um, por exemplo, ao se vestir de mulher pela primeira vez, teve uma ejaculação. Diante do espelho. Outro, reproduzia durante os três dias de carnaval tudo o que ele sonhava ter sido em casa e que seus pais não lhe permitiram: a imagem de uma *jeune fille bien rangée*. Usava vestidos muito simples e discretos. Embora caros, e pequenos chapéus que o transformavam na eterna debutante de 15 anos, Isso durou muitos carnavais.

Travestir-se, aliás, nada tem a ver com pinta. Eu dou mais pinta do que muitos conhecidos que se travestem regularmente. Dois desses conhecidos, ou melhor, amigos, são pessoas que eu nunca poderia imaginar vestidos de mulher. Pois num baile de gafeira, anos atrás, às vésperas do carnaval, eles resolveram se travestir com roupas de amigas e brincaram muito à vontade a noite inteira, tendo por "cavalheiros" uma colega recatadíssima.

Não falo do hetero que se traveste: mas o que leva o homossexual a vestir-se de mulher? Ser mulher, todos sabemos, é muito mais complicado do que ser homem. O homem é simples mortal, se veste como pode e lhe dá na telha, nem a barba precisa fazer, se não quer. A mulher transporta consigo toda uma parafernália cosmética quase inacreditável. Assim, a opção do travesti é uma opção de sacrifício e quase sempre de muita atribulação, isso sem falar na dor e no sofrimento dos que tomam hormônios, implantam seios, fazem eletrólise, cortam o pomo de Adão, aumentam ou rebaixam a testa, injetam silicone nas maçãs do rosto, nos lábios e nos quadris. São as verdadeiras oitavas maravilhas do mundo, ainda em primeira geração, as bichas biônicas ou experimentais, de quem não se sabe o que advirá.

A esses sofredores, tão fortes que são capazes de triunfar das torturas a que se impõem, eu rendo minha homenagem e admiração silenciosas, mas não são eles, nem os chamados transexuais, os que mais me interessam no imenso espectro do homossexualismo. Esta saga ainda está se fazendo. Para mim, a verdadeira esfinge é aquela das intenções ou desejos que nunca se realizam, ou que se contentam com a semi-escuridão dos quartos, onde, possivelmente a esta hora, milhares de criaturas estão experimentando a medo os vestidos das irmãs para conseguir sua primeira ereção, pois são eles

os verdadeiros portadores do estigma.⁶²

Nesse momento, recolocam-se as preocupações hormonais e chama-se para o debate a especialidade médica “endocrinologia”. Não são mais os médicos criminalistas ou do comportamento que apresentam o assunto controverso da homossexualidade, ela já faz parte do rol da medicina e de suas perspectivas de saúde e doença. A cirurgia está sendo proposta no campo da cura de uma “disforia de gênero”. Para Berenice Bento e Larissa Pelúcio,⁶³ o marcante nesse cenário é que se passa a patologizar o gênero, e não só a sexualidade. As nomenclaturas vão ficando cada vez mais sutis, os convites para a identificação cada vez mais sedutores, e aí, reforçamos nossas questões: quem irá nos seduzir? É possível contar sem confessar?

Forró Sacana

*E eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza
E deixemos de coisa, cuidemos da vida,
Pois se não chega a morte ou coisa parecida
E nos arrasta moço sem ter visto a vida.*

As meninas cantavam bem alto, embaladas pelo forró do Fagner. Nossa, como gostavam dessas noites. Virgínia era auxiliar de limpeza de uma terceirizada em São Paulo, agradecia todos os dias por ter saído das ruas, não gostava nada daquela vida, mas ainda mantinha algumas amizades. Loura, conheceu neste período do asfalto. Decidiram juntas procurar emprego e fazer curso

⁶² *Lampião da Esquina*, 1981, p. 3.

⁶³ Bento e Pelúcio (2012), ao montarem os caminhos dos enfrentamentos exercidos pelas “pessoas trans” à máquina diagnóstica, perguntam o que se pode considerar um enunciado organizativo ao problema do excesso de palavras para falar do sexo e fazê-lo falar. Sem dúvida a discussão sobre a patologização das “identidades trans” e o movimento “Pare a Patologização” são marcos importantes na tomada das rédeas, ou no controle das Velas das diversas embarcações que podem ser criadas neste povoado debate. Ressalta-se que esta tese não abordará especificamente esse problema, mas que gostaria de fazer ondas nesse mar.

profissionalizante. Tudo aconteceu depois que perderam uma amiga para um suposto cliente que não teve piedade da bichinha e sentou-lhe tanta porrada e depois aquele tiro à queima-roupa.⁶⁴ As meninas tinham medo, era mais por isso que queriam sair da vida da noite.

Não foi muito fácil conseguir o emprego. Teve que se fazer de macho algumas vezes, pelo menos, pensava ela: “para alguma coisa serviria aquela carteira de identidade inútil”. No escritório da empresa terceirizada que pagaria a ela um salário mínimo por mês, em carteira, gostaram do perfil dela e a chamaram para a entrevista. A psicóloga dos Recursos Humanos fez uma anamnese básica, colheu algumas informações, pediu para ela escrever um pequeno texto sobre sua motivação em trabalhar para a empresa, e pronto. Uma semana depois estava empregada, ela não se aguentou de alegria e foi correndo contar para Loura, que na época já havia conseguido o emprego de corretora de seguros.

As duas ficaram elétricas com a notícia, mas não se continham em dar risadas das mentirinhas pregadas para a psicóloga do Recursos Humanos. Virgínia dizia que por pouco não falou de Loura como sua esposa, imaginavam chegando na festa da empresa as duas de braço dado. Riam, riam e riam... cansadas da risada, se tomaram num marasmo daquilo tudo. Não queriam fingir ter que ser homem. Mas estavam dispostas a não mais se prostituírem. Aliás, as duas não queriam mais ter essa questão: falar de suas vidas sexuais, afirmar por que queriam ser travestis; se diziam travestis por conveniência.

– Que inoportuno tudo isso! Quem tem tanta curiosidade.

O forró era a benção dos finais de semana, lá se divertiam muito. Paqueravam e eram paqueradas, ambas tinham vindo do Sergipe, apesar das cidades próximas foram se conhecer mesmo na imensidão paulista. O forró de Fagner, além de adorarem o cantor, trazia canções que faziam as meninas se emocionarem. Naquela noite, a música que cantavam bem alto era uma destas.

⁶⁴ Oh, deu na Band (<http://noticias.band.uol.com.br/primeirojornal/conteudo.asp?id=100000436160> . Acesso em: 25 fev. 2015).

*Eu só queria ter do mato
Um gosto de framboesa
Pra correr entre os canteiros
E esconder minha tristeza*

Estavam de saco cheio de serem reconhecidas como “as travestis que deram certo” e cantavam mais alto o forró, para lembrarem que só queriam ter do mato um gosto de framboesa. Acreditem que uma semana antes deste forró, as duas tinham participado de uma pesquisa qualitativa para pesquisadoras psicólogas que queriam que elas contassem como “se viam travestis”. As psicólogas tiveram que insistir muito, pois elas não queriam falar. Pediram para que as pesquisadoras fossem conversar com Inara e Alê, ambas militantes LGBT que teriam mais o que dizer, mas as psicólogas insistiram e elas toparam. As perguntas iniciais:

Como vocês se perceberam travestis?

Como foi contar para a família?

Como foi sair de casa?

E agora se sentiam felizes?

- Se sentir feliz? Isso é pergunta que se faça? E se disser que não, o que isso quer dizer?

As meninas estavam desgastadas de toda hora dizer como era ter tido suas primeiras relações com os amiguinhos na escola, como tinha sido barra contar para a família, a vida na capital paulista, a porrada da polícia, os olhares curiosos dos transeuntes do dia e a cobiça dos vampiros noturnos. Só queriam ficar tranquilas escutando seu forró. Virgínia até comentou com Loura sobre um programa do Faustão, na rede Globo, que assistiu logo que chegou a São Paulo. O programa trazia a “mulher mais bonita do Brasil”, Roberta Close, depois de seis anos, que tinha feito a cirurgia de mudança de sexo. Ela se horrorizou com a má educação do apresentador, que ficou insistindo para que Roberta Close falasse de sua vida sexual. Lembro a todos a entrevista feita por Faustão:

Faustão: O teu prazer sexual muda com esse tipo de operação ou não?

Roberta Close: Ah, só se você provar!

Plateia brasileira da rede globo: Eeeee! Viva! é isso aí!

Faustão: Aé? Olha aí? A galera! Todo mundo quer provar!

Roberta Close: Ele tá muito interessado! Olha: isso aí é segredo! Isso aí pertence só a mim e meu marido.

Faustão: Lógico... Mas, você, por ser uma pessoa pública e a partir do momento que você vem ao programa, eu sou obrigado a perguntar.

Roberta Close: Sexual, não. Sexual é só minha.

Faustão: Não, todo mundo quer saber! Afinal de contas, é lógico que é assim.

Roberta Close: Mas, isso é problema meu e do meu marido.

Faustão: Afinal, você usou isso pra se promover...

Roberta Close: Não usei não!

Faustão: Claro que sim, ué!

Roberta Close: Não usei não!

Faustão: Não usou! Está aqui por quê? Porque é uma freira! [fala-riso que atravessa a frase]

Roberta Close: Não, as pessoas sabem da minha coisa e tudo, mas não que eu tenha usado a mudança de sexo ... [o entrevistador corta a fala da entrevistada]

Faustão: Mas você foi convidada para vir aqui, Roberta, porque você mostrou que é uma mulher bonita e fez a operação, senão você não viria aqui! Viria aqui para quê, para mostrar que era o Guilherme que joga bola? Não, né? Óbvio...

Roberta Close: Tá bom...

Faustão: Eu quero que as pessoas entendam isso: o direito que a gente tem de perguntar é a curiosidade! Você tem todo o direito de responder ou não...

Roberta Close: Tá bom...

Plateia brasileira da rede globo: eeeee!!!! Palmas!!! Viva!!!

Faustão: Esse é o objetivo do programa! O que talvez eu não tenha dito, ou você não tenha entendido é que isso não é uma curiosidade dos homens. Muitas pessoas que têm esse interesse, e querem assumir a tua opção sexual... Eu, inclusive, elogiei a tua atitude em assumir.

Roberta Close: Eu entendi, Fausto.

Faustão: Não, mas eu vou falar devagar para ver se você entende agora: muitas pessoas que têm um problema como o seu gostariam de saber se essa operação resolve todos os problemas? Não só os problemas psíquicos como os problemas físicos também.

Roberta Close: Mas aí, tem que perguntar ao doutor e não a mim, pois eu não sou doutora... no meu caso [cortada pelo entrevistador]

Faustão: Não, mas o que vale é a sua experiência.

Roberta Close: Mas, nem tudo que é bom pra mim, pode ser bom para o outro... [cortada]

Faustão: Mas, para você foi ótimo em todos os sentidos?

Roberta Close: Para mim foi ótimo em todos os sentidos...

Faustão: Tá aí, para bom entendedor o riso quer dizer Francisco... então...

Plateia brasileira da rede globo: Eeeeeee! Viva ! Palmas!!!!

[a entrevista continua....].⁶⁵

Mas Virgínia sempre dava um jeito de espantar o baixo-astral. Pintou os lábios, vestiu um belo salto alto, a saia acima da coxa e partiu com Loura para a Sé, onde encontrariam alguns paqueras e dançariam forró naquela velha *jukebox*. Da rua Rego Freitas, onde moravam, até a Sé, passavam por alguns bares, deles diversos homens insistiam em lembrar a profissão do asfalto, falavam de suas genitálias, até de “doentes” eram chamadas. Certa vez, quando faziam esse trajeto, quatro *playboys* num carro jogaram nas meninas uma garrafa de cerveja. Loura ficou

⁶⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_816qIEP_ho . Acesso em: 24 fev. 2015.

com a batata da perna sangrando e elas não puderam ir ao forró.

Cantavam e se olhavam... Um moço chegou perto das meninas e começou com os flertes. Loura não gostou do *approach* e se retirou chamando Virgínia, mas esta acabou ficando. Dançou com o moço que também era nordestino, mas lá do Pernambuco. Eles conversaram sobre os costumes, disputavam em que estado o forró era mais forte e também qual era a melhor festa de São João. Virgínia adorava festa de São João, o mês de junho para ela era muito chato em São Paulo.

Virgínia saiu com o moço de Pernambuco... Loura foi para a casa sozinha... No outro dia, lá pela hora do almoço, Loura correu para o quarto de Virgínia para saber as novidades, mas Virgínia não estava. Virgínia acabou no Brás naquela noite, sua carteira de trabalho não demorou a aparecer nos jornais e o nome que não era dela foi estampado para mostrar que “O auxiliar de limpeza Francisco Souza, conhecido como Virgínia, foi encontrado no Brás, bairro da capital paulista. O travesti foi morto com cinco facadas na jugular”.

Loura correu para o jornal e afirmou: minha amiga foi morta por homofobia. Loura segurava a carteira de trabalho da amiga que mostrava seu retrato 3x4 em seu disfarce masculino e a assinatura de Francisco Souza. O que aconteceu com Virgínia? Para onde foram as questões das pesquisadoras de psicologia? O que o Faustão tem a nos dizer sobre corpo e assassinato? Para que contar essa história?⁶⁶

Anuncio as imagens

Lembro-me de uma tarde de janeiro de 2014 que me atormentou. Do jornal chagava a informação do aumento do número de assassinatos motivados pela sexualidade e gênero, provavelmente Virgínia estava naqueles números que me eram trazidos. *Morre um homossexual a cada 28 horas no Brasil*. Eu li. Lia e relia a matéria, passeava por diversas páginas da internet.⁶⁷ Não precisei sair de casa para saber que morre em média um homossexual por dia no Brasil. Tortura e violência

⁶⁶ Em 2008, parece ter havido um assassinato também no bairro do Brás (<http://noticias.terra.com.br/brasil/travesti-morto-no-bras-foi-vitima-de-homofobia-diz-amiga.4ba56253b3894410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>).

⁶⁷ Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2014/02/13/assassinatos-gay-brasil_n_4784025.html

são somadas ao ato de exterminar os chamados LGBTs. Quem mapeou foi o Grupo Gay da Bahia (GGB), que há alguns anos faz esse levantamento para apresentar ao Estado brasileiro. Em sua metodologia, o GGB conta como faz o levantamento desses crimes. Sua principal fonte são matérias de jornais, dali colaboradores saem em busca de mais relatos, inclusive com contato policial para conseguir subsídios aos números. Cria-se, a partir da busca ativa de homicídios, uma rede com diversas organizações não governamentais do país, para que todas possam ser capazes de produzir o mesmo levantamento.⁶⁸

Luiz Mott, coordenador da pesquisa, tem clareza da subnotificação dos números de mortes. Chama a atenção que, nos casos das travestis, são retirados os ocorridos causados por brigas consequentes às condições de trabalho – ou seja, originados no ofício de se prostituir, como por exemplo, relação com a cafetinagem, briga por ponto, entre outras.⁶⁹ A metodologia de levantamento de dados, portanto, só transforma em número assassinatos motivados pela sexualidade e gênero, diretamente.

Certa manhã, pouco tempo depois, abro mais um jornal. Entre um gole de café e os cereais matinais, percebo uma imagem que choca: um corpo flagrado no chão faz aumentar a estatística de assassinatos contra travestis na noite da Cidade Maravilhosa. Na madrugada, formas coloridas saem às ruas insistindo em viver. Elas, um bando, se insinuam aos turistas que passeiam pela noite carioca. Suas saias curtas deixam à mostra suas coxas grossas. Os turistas olham curiosos para aqueles carnes que zombam da política higienista da atual gestão carioca de choque

⁶⁸ Mott (2000).

⁶⁹ Em 2011, no Rio de Janeiro, foi denunciada uma rede de cafetinagem pelas travestis e transexuais que faziam ponto em Copacabana. Indianara Siqueira (militante protegida pelo programa de defensores de direitos humanos) fez este relato em seu *Facebook*, o que nos apresenta um pouco mais a atmosfera do debate: “Vingança de cafetões e cafetinas presos após denúncias das travestis/transexuais de Copacabana, rede de cafetinagem que foi liberada novamente (pois já foram presos outras vezes) e alguns que nem sequer foram presos, nem julgados. Após várias denúncias e entrarem e saírem da prisão, cafetões e cafetinas voltam a pressionar e ameaçar travestis que trabalham como profissionais do sexo em Copacabana... Pedimos socorro, não queremos ser as próximas vítimas por negligência do Estado que não sabe ou não tem intenções nenhuma de nos proteger. Cadê a proteção prometida pelo Centro de Referência LGBT do Rio De Janeiro e pela Secretaria De Direitos Individuais Coletivos e Difusos?! Ah é, esqueci que na realidade virou Centro e Secretaria de Arquivamento, ao menos para nós travestis e transexuais, já que nossos boletins de ocorrências de discriminação e expulsão de comércios em geral nunca são acompanhados. Rio de Janeiro o melhor destino *gay* do mundo... Infelizmente essa é a nossa realidade”. (<https://www.facebook.com/indianara.siqueira/posts/284400541598011> Acesso em: 06 mar. 2015). Pode ser acessado por todos, mesmo não estando *logados* no *Facebook*.

de ordem.

Corpos montados distribuem caprichos, sorrisos e sexo. Corpos montados apostam em outras narrativas sobre o feminino. O feminino agora tem pau! A pesquisadora de classe média não se conforma com a brutalidade da imagem. Escacara-se uma violência indigesta. Fotos de uma guerra? Qual é o embate? O corpo treme: desloca-se de um conjunto formado por cabeça, tronco e membros, para algo que ainda não conseguiria nomear. A imagem da travesti degolada e esfaqueada jogada nas estradas que levam à Baixada Fluminense não se acabava naquele clique jornalístico. As cores do batom, as purpurinas que não saíam de seu rosto, as curtas saias exigiam da imagem uma inconclusão. Inacabamento que incita a pensar políticas de existência. Imagens publicitárias precisam ser tensionadas para que outras escritas aconteçam.

A pesquisadora toma a sensação experimentada no café da manhã: como tirar aquele assassinato de seu destino previsto? De seu publicitário destino. Um corpo que não se acabasse nas estatísticas das organizações não governamentais, no imperativo ereto dos gloriosos, na verticalidade totalitária dos vencedores. Lembro-me do jovem alemão “sem pátria” que dizia: *Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual.*⁷⁰

A imagem jornalística poderia revelar um gesto homofóbico carente de políticas de direitos e correções punitivas para o crime. Mas a própria imagem salva aquele corpo de sua sina.

[...] em toda parte em que uma ação produz a imagem a partir de si mesma e é essa imagem, extrai para si essa imagem e a devora, em que a própria proximidade deixa de ser vista, aí se abre esse espaço de imagens que procuramos, o mundo em sua atualidade completa e multidimensional, no qual não há lugar para qualquer “sala confortável”.⁷¹

A imagem que nos tira do eixo é apresentada por Benjamin como uma imagem dialética. Uma dialética que não quer o conforto de uma resposta final, de uma imagem revelada, mas que salva do aniquilamento da totalidade, justamente

⁷⁰ Benjamin (1996, p. 119).

⁷¹ Benjamin (1996, p. 34 – grifo do autor).

por propor explodir o contínuo conclusivo de uma história. As imagens publicitárias precisam ser destruídas. *Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.*⁷² Jogada na rua como pesquisadora, me misturo ao assassinato. Corpos se colocam em perigo...

As curtas saias parecem querer mostrar mais que as coxas torneadas – aquelas coxas tombaram no chão. O chão sujo da estrada da Baixada Fluminense não se representava na imagem assassinada revelada no jornal matinal. Travesti, coxas e purpurinas exigiam da pesquisadora que olhasse o chão. *Escoriado, dilacerado, aberto. Desagregado, estilhaçado pela história, um chão que berra.*⁷³ Profanar o chão, carregar o olhar de truques que insistem em ver as imagens com um olhar político para explodir as histórias, manchando o modo burguês de contar a partir de uma origem que vai se imbricando até se organizar em passado, presente e futuro.⁷⁴ Uma imagem feita pra esquecer, feita para ser superada, assim querem aqueles que enxergam repressão em tudo.

Insisto em instruir meu olhar, e me jogo naquilo que geralmente é vivo nas imagens dos jornais: a cor. O vermelho do sangue indigesto para o café da manhã apelava por ser visto, *apelo urgente, acompanhado de um desconforto estranhamento.*⁷⁵ A rua que berra, o sangue que vaza desafiando a coagulação na informação e as purpurinas não deixam que o olhar busque uma imagem que se totalize. *A imagem parece dizer que ainda vive, apesar de tudo. Narra fragmentos de cenas onde o corpo a corpo com o poder persistem incansáveis.*⁷⁶

A pesquisadora treme, o olhar treme, a imagem treme, trazendo outros arranjos para os corpos. Podem as imagens do jornal matinal interferir nas informações sobre elas? É possível que o sangue não se coagule, impelindo novas tramas para o assassinato? Que narrativas se apresentam de corpos que tensionam o arranjo unitário e totalizante dos membros humanos? Há cartilagens nas imagens? Não esqueçam Virgínia.

⁷² Benjamin (1996, p. 223).

⁷³ Huberman (2013, p. 109).

⁷⁴ O historicista arma a imagem eterna do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa aos outros se desgastarem com a prostituta “era uma vez” no prostíbulo do Historicismo. (*Tese XII*, tradução de Jeanne – Marie Gagnebin, apud Lowi [2005, p. 128]).

⁷⁵ Baptista (2013, no prelo).

⁷⁶ Baptista (2013, no prelo).

Silêncio. Assassinato. Jornal

Jornais são colecionados, preocupa-se menos com o rigor de uma arquivista para suas organizações, nesta tese os jornais são dispositivos para uma trama, que será a própria tese. Benjamin, ao dispor sua biblioteca, nos atrai a estar com ele de um modo que o acompanhamos em um certo desarranjo: lá onde ainda não observamos o *suave tédio da ordem*⁷⁷. Deste modo, apresenta-se nas leituras desses jornais, uma atenção menos em busca de um objetivismo que precisa catalogar e investigar as informações e mais como colecionadores. Veremos adiante como se montarão esse colecionador e suas leituras, mas sem abrir mão de que *as palavras que se seguem têm, de qualquer modo, a intenção de vos revelar algo de menos oculto, de mais palpável*.⁷⁸

Foram notícias encontradas por acaso. A infâmia das existências jogadas às ruas pelo assassinato foi o critério, *vidas breves, achadas a esmo*⁷⁹ destinadas a um fim: presenças marcadas para não deixarem rastros. Se afirmamos que os assassinatos são de travestis, é porque assim foram nomeados pelo encontro com o poder, poder esse que não se cansa de criar nomes e de fazer falar uma identidade que pressupõe a defesa da vida. Uma vida iluminada.

A máquina de criar diagnósticos é um bom exemplo dessa iluminação, mas as perguntas que se apresentam em muitas pesquisas e consultórios de psicologia também podem produzir uma infâmia possível de vir à luz e assim atingir o estatuto de sujeito de direitos. A arrogância de querer fazer valer um método em detrimento de outro não terá espaço nesta pesquisa. Não se trata de uma disputa moral, mas da explanação de um problema, ou ainda a possibilidade de afirmar uma pesquisa em psicologia que não quer se legitimar como um campo científico, mas que quer ela mesma ser problematizada e poder minimamente entrar nos embates de sentidos. Pode uma pesquisa em psicologia propor um método que não busca ouvir

⁷⁷ Benjamin (1997, p. 227).

⁷⁸ Benjamin (2013, p. 89).

⁷⁹ Foucault (1992, p. 89-90).

e nem fazer falar? Para quê?

O encontro das travestis com a máquina de fazer falar produziu muitas políticas de direitos e muitas conquistas de visibilidade, mas o número de assassinatos não cessa de crescer. Nenhuma visibilidade será ignorada ou difamada, mas se apostará nos rastros deixados pela retirada abrupta de vidas da cidade para problematizar o que pode estar se diluindo ou mesmo sendo esquecido com as políticas de “dar voz”. Vidas que colocam em xeque os destinos naturais, existência que zombam da organização verticalizada e organizada do corpo humano. Uma vida ensaística? A aposta ética de não fazer falar, ou de não chegar para o encontro carregada com a lanterna do saber que busca salvar do escombros e arranhões é a aposta que os rastros deixados por essas vidas em passagem

[...] não são insignificâncias que nos levarão a montagem de uma resposta, de um veredito. Como nos romances policiais [...] A exasperação das palavras retira da missivista o conforto do reconhecimento de uma identidade, de um tempo classificável ou do lugar específico.⁸⁰

Nesse caminho, me aproximo da atenção ao silêncio que agora se encontra mais delineada. Não investigarei as travestis, não perguntarei sobre suas rotinas e intimidades, não farei com que falem, mas afirmarei que de seu silêncio algo nos interessa. A preocupação não será assumir o papel da polícia de descobrir o criminoso ou quem matou, mas como se organizam os relatos nos jornais, principais fontes de visibilidade dos assassinatos. Mergulhar nesta visibilidade e procurar suas sombras, apostar na penumbra: o que opera nos assassinatos motivados pela sexualidade e gênero quando nos debruçamos sobre as travestis? O que acontece com o chão de uma cidade quando um corpo tomba?

Ainda nas pegadas do silêncio, Nichanian conduz a uma *poética do resto*. O autor, a partir da análise do “massacre armênio”, se pergunta como pensar um acontecimento que consiste na morte da testemunha? Com essa inquietação, apresenta uma escrita que borra as fronteiras fixas entre o fictício e o real, desloca o testemunho do imperativo da fala, da experiência privada, das escritas arqueológicas e de seu destino aos arquivos. Propõe, nesta aposta, uma poética do resto. Uma escrita que aconteça a partir da morte do testemunho. A escrita, a partir

⁸⁰ Baptista (2010, p. 110).

deste silêncio, é fundamental para provocar o próprio acontecimento e também sua continuidade. Neste ponto, Nichanian encontra-se com Benjamin e a possibilidade de chamarmos os mortos para conversar:

É o que resta quando o testemunho foi destruído no próprio ato da decisão genocidiária, é: a destruição do testemunho. É preciso saber ler esse resto. Se não soubermos lê-lo, então tudo está perdido e poderemos, enfim, dizer com Walter Benjamin: [...] se o inimigo triunfa, até os mortos não estarão a salvo. E esse inimigo não para de triunfar.⁸¹

O problema, portanto, é com o que resta, com o que escapa desse jogo de poder assassinato-notícia e, sobretudo, desmontar o imperativo de verdade do telejornal ou da notícia midiática. A aproximação com as travestis será ali onde suas vidas foram desarticuladas para caber na notícia; interessa-nos encontrá-las *no corpo que pulsa sem dono, nos rastros de uma ausência, no gesto suspenso por êxtase ou dor, na frase cortada pelo espanto, ou na narrativa interrompida por falta de ar.*⁸²

Essa ação, para poder fazer caber na notícia, foi a luminosidade necessária para que elas chegassem até nós; de certo modo, há muitos clarões que as fizeram chegar a nós. Feixes de luzes que, aqui entendemos, foram lançados pelo DSM, pelas pesquisas que almejam uma identidade, um corpo único para ser representado. Faustão só queria que Roberta Close servisse de exemplo para outras pessoas que sofreram do mesmo mal; Leonídio Ribeiro só queria livrar do mal as pessoas acometidas pela perversão da sexualidade. Evita-se o extraordinário. Pautam-se vidas ordinárias. Afirma-se um destino possível. Todos querem salvar. *Mas o rastro pode se voltar contra aquele que o deixou e até ameaçar a sua segurança.*⁸³

Das apostas de salvamento entramos no jogo, sabendo que o corpo da pesquisadora que aqui se inscreve não está passível dessa iluminação. Pesquisadora de classe média, quase que uma iluminação ambulante. Estamos todos em perigo, daí que a pesquisadora tem um corpo e a escrita o confunde, confundem-se. Estratégia de encontro com o perigo: criar desvios, mas não

⁸¹ Nichanian (2012, p. 40).

⁸² Baptista (2010, p. 105).

⁸³ Gagnebin (2012, p. 32).

evitá-los.

PELE

s.f. (953) **1** ANAT órgão que envolve o corpo dos vertebrados (incluindo o homem) composto de três camadas (epiderme, derme e tela subcutânea) com função esp. protetora, termorreguladora e captadora de estímulos dolorosos e táteis. **2** camada mais superficial da pele (acp 1); epiderme. **3** pele (acp 2) do rosto; cútis; tez. **4** pele (acp 2) flácida e pendente; pelanca. [HOUAISS]

Perigo no balcão

Metrô carioca. Atravesso a Avenida Rio Branco e sigo. Lojas de roupas se misturam a vendedores de milho. Tudo vai ficando muito quente. É possível viver no Rio de Janeiro sem sofrer com o calor? Compro um milho, alguém me avisou que é a coisa mais saudável para se comer na rua. Nem me lembro quem, mas certamente foi a mesma pessoa que disse para nunca consumir água de coco resfriada por aqueles carrinhos verdes, os queridos “Gela-Coco”, mas sempre consumir o coco *in natura*. Eu insistia em obedecer aos conselhos, adoro conselhos. Esses não refrescavam tanto. Calor.

Em frente andando, comendo milho, bebendo água de coco. Estava atrasada para alguma reunião que decidiria alguma coisa bem importante, claro. Tropeço em gente. A Avenida Rio Branco não é para amadores. Quase não se veem crianças pequenas sem as mães ou pais, imagina seriam pisoteadas. Só se “garantem” os mirins que se confundem com os adultos, aqueles que trabalham limpando sapatos e fazendo outros bicos. Os prédios comerciais se misturam com as calçadas de pedra portuguesa, lembrando-nos que aquela já fora uma importante avenida da Capital Federal. Será que um dia deixará de ser? Na avenida, passo por muitas lembranças federais, passado esculpido em pedras. Pingos quentes invadem meu rosto, o pior foi perceber que descí na estação errada, mas logo ali já chegaria na Cinelândia. Não corri, mesmo um pouco atrasada, sabia que seria a primeira a

chegar.

Já avistava aquele monumento onipotente e chegava a sua lateral, não sei dizer por que, mas gosto muito do Teatro Municipal, mesmo o odor de mijó que o percorre em toda sua extensão não me impede de achá-lo lindo. Calor e mijó me lembravam que eu chegava à velha Cinelândia. Tadinha dela, por pouco sem cinema, respira ainda com dificuldades aquele senhor que vive fechado para exames: Odeon. Os bares a sua volta permanecem lotados, cheio de gente, conversas com trejeitos e numa ruazinha, logo lá atrás, o Teatro Rival movimentava o início da noite. Teatro e casa de *show* se confundem entre grandes letreiros e inúmeros patrocínios. Umas três lojas para direita, em gloriosa sobrevida, encontra-se um cinema cheirando a decadência, mas que resiste com seus filmes para moços descompromissados; lá mulher só entra acompanhada: assim me foi ensinado. O passado marca. Pelas gargalhadas nas prosas, nada parecia ressentimento por um tempo que já foi, mas sorrisos que queriam os cinemas no presente.

Passei pelo Municipal e o encarei, mas de fora, não é sempre que se pode invadir um ser onipotente. Prefiro o boteco do lado e me livrar um pouco do abafamento tomando uma Coca-Cola gelada. Não, ninguém vai me convencer de que não posso tomar Coca-Cola. Que faz mal? Já estou bem convencida, mas gostaria que não proibissem esse vício. Entrei no boteco, daqueles que só têm balcão e uma parede bem engordurada. Em cima do balcão, aquele ovo rosa me faz sorrir. Pedi minha Coca-Cola vigiada por quase todos os homens que lá tomavam tranquilamente sua cervejinha e outras biritas. Preferi achar que o que incomodava era minha Coca-Cola. Em pleno século XXI, uma mulher sozinha no balcão não deve ser um inconveniente.

Os olhares eu desviei, mas para a conversa atentei. Repetiam o palavreado que começara já no metrô. Não falei com ninguém, mas trocava ideias pelo caminho. Todos falavam do programa de televisão com o pastor científico. Um programa para não esquecer.

Programas de televisão

Senta. Liga. Olha. Ouve. Zapeando...

Canal 1 – O pastor evangélico esbravejava. A repórter enfurecida defendia os direitos civis, dizem daqueles direitos que são para qualquer um e que de certo modo atestam a condição de cidadão e de pertencimento a um dado território. Na Baixada Fluminense, mais um corpo vai ao chão. Passadas apressadas ignoram as imagens urbanas que insistem em invadir as residências da população. Na rua os corpos coloridos sorriem, estão na parada. As imagens trazem corpos partidos, inacabados, aquilo que já se faz insuportável nas telinhas. Do aparelho retangular, cada vez mais fino, a sociedade já não consegue ignorar o apelo pelo debate das sexualidades. Todos querem opinar!

Canal 2 – O pastor psicólogo prova com todos os argumentos de sua ciência que homossexualidade é comportamento. As centenas de corpos que se mostram na praia de Copacabana reivindicam que não se trata de opção, mas de orientação. A repórter descabelada só quer igualdade entre todos. Na cidade, o pingue-pongue argumentativo tromba com mais um corpo travestido brutalmente assassinado.⁸⁴ O que morre? Qual escolha? “Eu amo os homossexuais assim como eu amo os bandidos” – com essa frase furiosa, o religioso justifica sua compaixão depois de muita insistência da repórter. Ela fica de frente com o fascismo explícito. Pequenos fascismos que encarceram imagens inconclusas sobre a sexualidade. Na telinha, o que choca não é o fato de a compaixão ser apresentada como cura-culpa aos homossexuais indefesos, mas sobretudo por esses serem pareados aos perigosos bandidos.

Canal 3 — Extrapola-se a concepção de fascismo salvando-a de seu falso aniquilamento em nome de grandes homens estrategistas de guerra e congelamentos a datas históricas. O fascismo se entranha na carne, se expressa no

⁸⁴ Disponível em:

<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/travesti-e-achado-morto-com-6-tiros-na-baixada-policia-investiga-motivacao-homofobica-31072013> Acesso em: 26 mar. 2015.

corpo e atinge o programa televisivo e sua publicitária sexualidade. Na cara da apresentadora lança-se a afirmativa: “O combate se deslocou e ganhou novas zonas”.⁸⁵ A Psicologia, com o rosto da ciência do comportamento, especialista, é reivindicada para separar sujeitos. Identificando corpos de modo taxonômico, essa versão “psi” convocada pelo evangélico sabe muito bem o lugar das homossexualidades: não são doenças, mas erros comportamentais. Equiparadas aos bandidos, esses também são duplamente encarcerados (agora com o aval de quase toda a laica sociedade) em insalubres prisões materiais e convenientes explicações comportamentais. O que está em debate? Para onde foram “os mirins” da Avenida Rio Branco e os cinemas da Cinelândia?

Canal 4 – Chama-se a Justiça para o *talk-show*. Entra no mapa das sexualidades o Plano de Lei nº 122/2006, que procura legislar sobre os crimes de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero. Ou seria da homossexualidade? Movimentos sociais, repórter e tantos outros psicólogos sob o rosto da luta por direitos reivindicam na Justiça resposta imediata à violência contra homossexuais. O “Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”⁸⁶ apresenta o modo como o debate das sexualidades se desenrola na difícil trama das diferenças. A palavra HOMOFOBIA é repetida 29 vezes e nenhuma vez a palavra DESEJO. A palavra DIREITO é repetida 101 vezes; já a palavra LIBERDADE aparece quatro vezes e sempre fazendo clara alusão às liberdades individuais. Quando iremos criminalizar? A pergunta que se faz às ruas que habitam corpos brutalmente assassinados não se cansa de ecoar.

Canal 5 – Bandidos e homossexuais são apresentados no mesmo alvo de ação pelo pastor. Enfurecida, a entrevistadora tenta separá-los. A dispersa Psicologia foi colocada no limbo dessa conversa, na telinha ela reluz. Trinta presos escaparam do Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangu, na Zona Oeste do

⁸⁵ Foucault (1993, p. 198).

⁸⁶ Disponível em: <http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/planoigbt.pdf> Acesso em: 13 out. 2013.

Rio de Janeiro, meses antes da fala do pastor. Rapidamente, os retratos são expostos: jovens e negros presos em corpos bandidos, em prisões superlotadas buscam desesperadamente a liberdade. O que a Psicologia tem a ver com isso? E as lésbicas, gays, travestis e transexuais? Era muita gente na Rio Branco.

Levanta. Prepara o jantar. Só ouve.

Igualdade, sexualidade e diferença vão atravessando os discursos “psi” e suas incansáveis certezas. Direitos aos homossexuais são aclamados pelo democrático saber. A pacífica geografia dos mapas da diferença estaria assegurada. Essa mesma Psicologia vai enfrentando embates legislativos e priorizando bandeiras afirmativas de uma asséptica igualdade. Uma sexualidade pautada pelo direito. Vidas concluídas por debates jurídicos. A psicologia continua a separar com suas frias explicações identitárias. O que queremos encarcerar com a criminalização? Será que a inserção no debate jurídico é o único modo de a Psicologia dizer algo sobre a afirmação de expressões sexuais? Pode a Psicologia dizer alguma coisa sobre a experiência sexual que seja para além de quem deve ou não viver? O que pode a Psicologia na afirmação de um mundo sem produção de ódio a expressões sexuais? *Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento?*⁸⁷

Desliga.

Unhas tingidas de graxa

As mãos grossas cheias de pelo, unhas aparentemente roídas e tingidas de graxa gesticulam a favor do pastor. O homem com voz áspera e sobrancelhas grossas que poderia até chamar *Pancho Veiga*, vai desafiando os viados promíscuos a cada gole de cerveja barata. As “caminhoneiras” também foram

⁸⁷ Foucault (1993 p. 1999).

lembradas e tomariam tanta porrada se estivessem no balcão naquele instante que por pouco não sobrou para a menina branquela e avermelhada de tanto calor que bebia uma Coca-Cola no balcão.

O comparsa da biritá não era muito diferente, Manuela bem sabia disso, talvez teria que ter lembrado dela. *Aqueles homens de sobancelha grossa e voz áspera eram todos iguais: basta escurecer que eles começam a passar a mão. E deixam tudo impregnado de cheiro de óleo de máquina e galpão e cigarro barato e suor...*⁸⁸ Homens iguais, viados promíscuos, caminhoneiras vão atordoando a paisagem urbana, a Cinelândia vai perdendo o aglomerado de gente e passa a ter um surpreendente amontoado de tipos. Tomava a Coca-Cola em curtos goles, o papo interessava.

Não muito diferente não é igual, e o outro dizia que entendia a visão do pastor e sempre fazia questão de lembrar que ele era psicólogo. Nunca esse título foi tão poderoso. Mas pedia menos ódio ao “parça”, pois os viados eram pessoas problemáticas, precisavam de uma segunda chance, mas achava muito complicado esse negócio de travesti. “Esse pessoal tem dupla personalidade e é tudo bandido”. Lembrou de um amigo que foi se meter com essa gente e acabou mal. “O cara era lutador de jiu-jitsu, morava na Zona Sul, tinha tudo de bom, estudante de Direito, mas foi se envolver com isso aí...” . O amigo abriu um pouco mais a camisa, pediu mais uma gelada, estava muito curioso com final da história. “Acabou matando a bicha, foi preso, mas isso porque inventaram que ele era usuário de crack”.⁸⁹

Já com a camisa escancarada – não o culpo, é muito calor na cidade maravilhosa – àquelas mãos bateram no balcão, a raiva parecia muita pela prisão do *jiujiteiro* extorquido. Eles mostraram os dentes, sorriram para a raiva. Do lado, um sujeito franzino com as costas curvadas lançava uma cusparada no chão, o corcundinha embebedado da *água marvada* balbuciava para deixar as “meninas” em paz. Outros homens, com camisas abertas e cordões que traziam Jesus no peito, também pediram calma ao *Pancho Veiga* brasileiro. A assembleia estava armada. O balconista era o coordenador. O balcão era a arena, todos em volta. Apressei-me

⁸⁸ Danoso (2013, p. 16).

⁸⁹ Disponível em:

<http://extra.globo.com/noticias/rio/estudante-e-presos-acusado-de-matar-travesti-132023.html> Acesso em: 10 jan. 2015.

em pedir mais uma Coca-Cola. O ovo rosa era descascado por um moço jovem que pedia apenas para que as bichas não mexessem com ele. Não se importava com o que faziam em quatro paredes. O corcundinha concordou. Fala-se muito de sexo. O *Pancho* lembrava a todos que naquela praça a “putaria” acontecia todas as noites. Apontou a Cinelândia que já se acendia com os postes de iluminação. O teatro era só luz. Manuela certamente gostaria daquela luz toda, era louca para sair de El Olivo e daquele atraso de escuridão. As sombras se apresentavam mais compridas entre aqueles que andavam e o piso de pedra portuguesa.

Não demora a chegar no bar e pedir um cigarro um ou uma transeunte que passeava perambulando por ali. Seu dorso queria se aproximar do chão, o que a fazia dançar com sua coluna vertebral, não tombava e nem parecia que isso aconteceria. Os lábios eram borrados com um batom vermelho, um borro caprichoso! De saias, uma sobre a outra, devia ter umas quatro, que deixavam à vista suas canelas peludas, flores delicadamente postas atrás da orelha embelezavam seus curtos cabelos, uma dentição própria meio amarelada e com alguns buracos a remetia a possíveis passagens em hospitais psiquiátricos. Vinha bailando a minha nova sereia. Adentra o boteco me olha, minha Coca-Cola já se ia há tempos, eu sorrio e ela retribui com seus cacos. Me preparo para enfrentar qualquer violência que ela ou ele fosse sofrer. Olha para o *Pancho* e pede um cigarro. Ele, sem titubear entrega o que já estava aceso entre seus dedos, mas havia só começado a queimar. Ela parte dançando para qualquer outra esquina, muitos aplaudem, outros protestam. A cidade se apresenta e o pastor se mistura às cinzas deixadas pelo cigarro. Perdi o horário da reunião, mas ganhei aqueles cacos.

Cacos. Restos. Pedacos. [Obra]

Há sempre um copo de mar para um homem navegar. Esse foi o tema da 29ª Bienal de Artes de São Paulo. Inspirada no poema de Jorge Lima e tomando de empréstimo parte de sua obra *Invenção de Orfeu*, os participantes de uma das maiores exposições de arte da América Latina foram convidados a passear entre as

obras. Conhecer autores, viver um encontro com a arte. Ambiciosos os organizadores e curadores queriam tensionar as fronteiras entre arte e política.

Numa sala mediana delimitada por duas paredes, um pouco escurecidas, anunciava-se uma obra: *Invisível no nosso dia a dia? Por que calar?* Esse é um dos dizeres estampados nas paredes que contornavam o cômodo reservado unicamente para a obra *Menos-Valia* [Leilão]. Nele encontravam-se utensílios velhos, desnecessários, sem uso. Mercadorias jogadas fora, esquecidas, inúteis. Objetos que são levados ao abandono. Para Rosângela Rennó, artista plástica responsável pela obra, *várias são as razões que levam os objetos ao abandono: o excesso de uso ou desgaste, a obsolescência natural ou programada, um desaparecimento involuntário ou a simples perda de interesse do proprietário em possuí-lo.*⁹⁰ Mas o que vai lhe interessar nos 73 objetos pertencentes ao universo fotográfico encontrados e adquiridos em feiras, comércio de antiguidades, *é a certeza de que algum valor mesmo que improvável possa lhes ser atribuído sempre.*⁹¹

Na obra a denominação de origem dos objetos, inscrita fisicamente, é tão importante como sua própria natureza. As coisas expostas passam por um longo processo até chegarem ao ambiente de arte:

Seleção, recomposição e recondicionamento, transformação, recontextualização e exposição, essas peças passaram por sucessivas agregações de valor material e simbólico até seu destino final: um leilão dentro de um espaço institucionalizado de arte.⁹²

Das feiras, as coisas selecionadas, recompostas, recondicionadas e recontextualizadas são catadas por Rennó e expostas separadas do público por um cordão de isolamento. Cada artigo levava consigo um pequeno furo e nele um penduricalho que trazia o nome da artista, o nome da instalação, um número atribuído ao item e o lugar onde ele foi adquirido. Nas paredes, era possível ler o indicativo de que todas aquelas obras seriam leiloadas em data próxima ao final da Bienal pelo leiloeiro oficial Aloisio Cravo, especializado em pintura brasileira. Realizado o leilão no dia 09 de dezembro de 2010, cada comprador recebeu o certificado de propriedade de uma parte do trabalho e dessa maneira a incluiu em

⁹⁰ Rennó (2012, p. 19).

⁹¹ Rennó (2012, p. 19).

⁹² Rennó (2012, p. 19).

sua coleção de arte.

Em 2013, a cidade se agiganta e obras monumentais vão invadindo os cartões-postais da bossa carioca. Na cidade do Rio de Janeiro, nas feiras e nos seus escombros, muitas coisas são deixadas para o esquecimento. Eventos juvenis se apresentam à urbe, afirmando que é necessário se modernizar. Rock e católicos acompanham as transformações da cidade. Eventos milionários vão sendo criados ou reconfigurados para que a “velha maravilhosa” não envelheça. Jovens são chamados a orar em praça pública com o fenômeno católico da Jornada Mundial da Juventude e todos seus objetos colocados para circular no festival sagrado.

O Rio da missão

Toca pra Glória. Cabelos ao vento e aquele sacode que só a cidade do Pão de Açúcar tem. No meu colo já segurava duas bolsas, mais a minha e uma outra que ia esbarrando na minha cara. Quando chegou na Presidente Vargas, as coisas se acalmaram e o ar entrou pelas janelas semiabertas, pois abrir por completo é pedir muito àquele transporte público que não passava por uma vistoria há tempos, ao menos assim aparecia aos nossos sentidos. Já chegávamos à Central do Brasil, aquela do filme que levou o país ao Oscar, também é responsável por trazer muitos cariocas do subúrbio ao centro. Encarrega-se de os levarem de volta – aliás para a logística do cartão postal isso é fundamental. Desceu muita gente naquela estação. O ônibus ficou mais quieto e mais branco. Seguíamos para a Zona Sul.

A pasmaceira durou pouco. No Rio de Janeiro, se quiser respirar tranquilamente e apreciar a paisagem “verdes matas”, é preferível ir direto a elas. Certamente te convidarão a ser acompanhado por guias turísticos; se for gay,

anime-se: o Rio de Janeiro é para você!⁹³ Dessa vez o respirar profundo e agradável que já vislumbrava ao passar pela Marina da Glória foi invadido por mochilinhas amarelas, verdes e azuis que denunciavam os integrantes da peregrinação para uma vida do culto à tolerância.⁹⁴ O Papa chegou e com ele a hegemonia católica nas ruas. Tropeçava novamente na multidão, é possível andar pelo Rio de Janeiro sem tropeçar? Aquele monte de gente, aquela felicidade pueril nas ruas, nas mídias concedidas pelo Estado e nos cofres públicos⁹⁵ era espantadora.

Julho de 2013. Jornada Mundial da Juventude, Marcha das Vadias e a luta alegórica do Passe Livre: a cidade Rio de Janeiro virou uma navalha. Da janela do ônibus para a calçada, gritos de ordem eram destinados das “vadias” às “católicas e católicos”. Da calçada uma adolescente com o crucifixo de madeira no pescoço esbravejou o que durante um bom tempo se afirmava: “a questão não são os fiéis, mas a religião. Não podemos não dialogar com quem crê, mas sim pensar que há uma força conservadora nas religiões”. Uma outra boca responde e exige que fiéis e crentes reflitam também e pensem o que estão fazendo de suas andanças, o que suas mochilinhas azuis e amarelas, tão pacíficas, expulsam das ruas! A cidade em trânsito escrachava o consenso. A progressista católica foi esmagada por seus amigos de culto. Do tropeço na urbe, foi possível tirar uma imagem: um mar de mochilinhas e, do outro lado, os “outros” – meias calças rasgadas, jaquetas de couro, soco inglês, saias curtas, colares de pino e muita maquiagem com um pouco de vinagre e leite de magnésia, seguiam os conselhos⁹⁶ dos mais velhos. O “outro”

⁹³ Disponível em:

<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/02/publico-lgbt-assegura-30-das-receitas-do-carnaval-do-rio>.

Acesso em: 07 abr. 2015.

⁹⁴ Mochilas azuis, verdes e amarelas foram distribuídas para os fiéis que faziam suas inscrições na Jornada Mundial da Juventude. Os preços das inscrições variavam de acordo com o pacote que podia ser R\$ 100,00 a R\$ 600,00 por fiel.

⁹⁵ “Visita do Papa Francisco ao Brasil deverá custar quase R\$ 120 milhões aos cofres dos governos federal, estadual e municipal. Por outro lado, Igreja pretende arrecadar cerca de R\$ 300 milhões” (<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/05/visita-do-papa-ao-brasil-custara-r-118-milhoes-aos-cofes-publicos.html>). Acesso em: 15 out. 2013).

⁹⁶ Vista roupas impermeáveis. O algodão absorve o gás, deixando os químicos em contato com sua pele por mais tempo. Use bandana ou máscara de pintor (R\$ 1) com vinagre diluído em água. Se puder, leve um Cebion (ou similar) e coloque na boca. Use óculos de natação (R\$ 2 em lojas de artigos esportivos). Não use lentes de contato pois elas retêm o gás nos olhos. Passe leite de magnésia ou bicarbonato de sódio em volta dos olhos para aliviar o ardor. Antes de ir à manifestação, tome banho com sabão neutro. A oleosidade da pele ajuda a fixar o gás. Nunca esfregue os olhos! Para desinfetá-los, vire a cabeça lateralmente e deixe a água escorrer do olho para fora, em um olho de cada vez. A amônia corta o efeito do gás. (http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/manual_acao_direta.htm). Acesso em: 07 abr. 2015).

na verdade é o detalhe da imagem.

A Presidente Vargas, uma das mais importantes vias da capital, ficou lotada no meio de uma tarde de julho para receber o “Papa da Américas”.⁹⁷ Ele acena para seus fiéis e pede paz, solidariedade e harmonia. São esses os mesmos fiéis que receberam uma cartilha com perguntas e respostas sobre a vida alheia (ou seria sobre a vida de todos?): sexualidade, gênero, aborto. Nas assustadoras 350.000 mochilinhas dos inocentes peregrinos, o *Manual de Bioética da Jornada Mundial da Juventude* deixa explícita uma das serventias do investimento público milionário na vinda desse estadista religioso: imprimir cartilhas que neguem a livre expressão sexual; o direito das mulheres e homens decidirem sobre seus corpos e afetos; o atraso assustador no que se refere à reprodução assistida.

Já havia descido do ônibus quando esse escrito chegou a minhas mãos; não cheguei no ponto que almejava, preferi ficar ali na esquina da Rio Branco com a Presidente Vargas. Quis encostar na cartilha, assim como tentei fazer com uma das mochilinhas, a realidade se fez ficção e por um instante, naquela trama urbana, naquela avenida gloriosa, naquelas velas para a sonhada vigília, não sabia mais o que era de verdade. Fiquei com as mochilinhas, o manual de bioética e uma meia-calça rasgada. Parecia uma brincadeira dessas que ironizam o conservadorismo, mas não era piada. Verdade e mentira se deslocam para a lembrança, tal como ela lampeja num momento de perigo. Tudo é história. Tudo aconteceu na Presidente Vargas.

Caminhei até a Cinelândia, já escurecia e as luzes dos postes de iluminação me faziam reparar nas sombras. Cansada, sentei no “Verdinho” e pedi uma cerveja, de lá olhei um casal e duas mochilinhas: uma azul e uma amarela.

⁹⁷ O presidente americano, Barack Obama, ofereceu “calorosos votos” em nome do povo americano para o recém-eleito Papa Francisco nesta quarta-feira, saudando o argentino como “o primeiro Papa das Américas”. “Sua eleição testemunha também a força e vitalidade de uma região que está crescentemente moldando nosso mundo e junto a milhões de hispano-americanos compartilhamos aqui nos Estados Unidos a alegria deste histórico dia”, indicou Obama em um comunicado apresentado pela Casa Branca. “Como campeão dos pobres e dos mais vulneráveis dentre nós, ele leva adiante a mensagem de amor e compaixão que inspirou o mundo por mais de dois mil anos, que em cada um vemos a face de Deus.” (http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/obama-sauda-o-francisco-o-primeiro-papa-das-americas_d8c67a59f7f5d310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html. Acesso em: 15 out. 2013).

O Sol

Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros
Persianas acobertam beijos sorrateiros,
Quando o impiedoso sol arroja seus punhais
Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,
Exercerei a sós a minha estranha esgrima,
Buscando em cada canto os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como nas calçadas,
Topando imagens desde há muito já sonhadas.

Este pai generoso, avesso à tez morbosa,
No campo acorda tanto o verme quanto a rosa;
Ele dissolve a inquietação no azul do céu,
E cada cérebro ou colmeia enche de mel.
É ele quem remoça os que já não se movem
E os torna doces e febris qual uma jovem,
Ordenando depois que amadureça a messe
No eterno coração que sempre refloresce!

Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,
Eis que redime até a coisa mais abjeta,
E adentra como rei, sem bulha ou serviçais.
Quer os palácios, quer os tristes hospitais.⁹⁸

Não é costume de uma trapeira largar poesias nas epigrafes.

Cacos. Restos. Pedacos. [Catação]

Macunaíma, milho, coco, forró, purpurinas, saltos altos, mãos peludas, sorridentes cacos. Há um imperativo: catar. Há uma imposição: andar. Colocado deste modo possante, certamente pode-se cair na tentação de andar catando, mas para isso orientamos o olhar sobre as ruas da cidade. Na penumbra, quando a tarde cai dando passagem à noite e sombras produzidas pelos postes da iluminação pública entre aqueles que caminham e o asfalto, tenta-se apanhar objetos. Apanhar,

⁹⁸ Baudelaire (1985, p. 319).

como já visto, menos para tirar da infâmia e mais para criar passagens. Mochilinhas, pedras, cartilhas, gestos e outras “coisas” vão montar o leilão.

Muitas vezes orientação e tropeço podem parecer antagônicos, mas arriscaremos no paradoxo desse encontro. Situação que talvez seja o truque deste trabalho. Estabelecer um jogo entre a prática de caminhar e tropeçar pelas ruas da cidade demandará um pequeno conselho Benjaminiano: *saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução.*⁹⁹ Há grande apelo às vias públicas, sobretudo na entrada do século XXI, de que a correria das grandes cidades seja cessada, que se volte para o desperdício que destrói a natureza e aquece o globo terrestre e, sobretudo, para que seja reciclado o lixo de cada um.

Nesse contexto, o pensamento ecológico se espalha... Sob o guarda-chuva disto que se convencionou chamar de ecologia encontra-se: desde uma defesa do liberalismo, apesar de suas consequências destrutivas, já que seria também através dele que os avanços tecnológicos capazes de mitigar seus efeitos indesejados ganhariam proveniência; até a defesa de uma regulação pesada do Estado sobre a atividade produtiva e a organização social com o objetivo de estabelecer bases “racionais” e “equilibradas” na relação homem-natureza.¹⁰⁰

A vida nas grandes cidades aparece frequentemente desacompanhada de uma vida saudável e já não são apenas causadoras de doenças, mas a própria doença. Assim, uma aparente disputa invade a prática de caminhar pelas ruas: seria a cidade um espaço de desvalorização humana, degradação de costumes e livre espaço para especulação do valor do Capital e do lucro? Poderíamos, com práticas solidárias e humanistas, mudar esse destino e reestabelecer uma vida pacata, resgatando nossos valores de convivência no qual não nos degrademos e não tenhamos a especulação como fim? Salvar as poesias das epígrafes instrui as passadas para detonar essa polarização forjada.

Esta pequena advertência de orientação traz à tona que nada está garantido nas peripécias e caçadas cidadinas. Na livre especulação do liberal está presente a atitude de pegar tudo o que for possível a sua frente. Nesta façanha, assegura-se a propriedade sobre a mercadoria dando um fim útil que, na verdade, muitas vezes é a

⁹⁹ Benjamin (1997, p. 73).

¹⁰⁰ Silva (2012, p. 186-187).

própria finalidade do produto criado. Imagens publicitárias que se esgotam em si mesmas e apelam para o consumo desenfreado. Consumir é um modo de pegar coisas.

No outro polo, lança-se aos objetos para afirmar seus princípios mais primitivos, aqueles que ainda não tinham sido perturbados pela mão do mercado. Uma utopia sacra que aposte no bom uso dos itens recolhidos para serem libertados das sujeiras das grandes capitais. Busca-se lixo para limpá-lo. As andanças, e mesmo perder-se, estão associados a um caminho inscrito na moral do cuidado. Salva-se para o bem, cuida-se para que não morra o espírito inicial. Monges tibetanos também são andarilhos. E assim o pastor se sacraliza ao limpar a puta que se traveste.

A disputa binária entre a burguesia acumulativa e a religiosidade progressista precisa ser explodida. Deambular com instrução tensiona o cárcere de sentidos enunciados pela máxima capitalista e sagrada. Neste embate prenhe de verdades, o gesto de andar e catar irá sucumbir, menos para ser liquidado, mas para apostar que não acreditamos nesta disputa. Sucumbir menos como morte e mais para afirmar uma dobra que cambaleie e que duvide desse embate de certezas.

Vê-se um trapeiro cambaleante, a fonte inquieta,
Rente às paredes a esgueirar-se como um poeta.
E, alheio aos guardas e alcaguetes mais abjetos,
Abrir seu coração em gloriosos projetos.¹⁰¹

Dobrar-se para criar passagens. Perder-se para recolher nas esquinas as coisas que se afirmam sem aproveitamento. Atenção, pois sabe-se que essas esquinas se encontram sugadas pela contemplação dos especuladores burgueses ou gastas por suas incansáveis passadas num presente que só quer um dia descansar numa cidadela pacata.

¹⁰¹ Baudelaire (1985, p. 379).

Os tropeços pela urbe, que muitas vezes cansam o caminhar, começam a ser queridos para que sejam movimentos errôneos, gestos de uma caça: *é o passo do poeta que erra pela cidade à cata de rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no caminho para recolher o lixo em que tropeça.*¹⁰² As pernas se movem para passarem por cidades que muitas vezes não são propícias ao divagar e caminhar a esmo tão legítimos para um *flâneur*. Prefiro resistir à tentação de nomear essa jornada, gosto da imagem do trapeiro ou da trapeira, por remeter a um lixeiro ou uma lixeira poeta que de saída suja a poesia. Poesia que só pode existir no lixo.

Em “*terras brasílicas*”, a selva de pedras paulista e as belezas naturais do Rio de Janeiro vão se desviando para dar espaço a um andar mais ocupado às oferendas inglórias. Esse gesto, que Benjamin chamou de truque, consiste em trocar o olhar histórico pelo olhar político¹⁰³ ou a passada natural, universal, que busca nas coisas suas aparições causais, para um caminhar atento aos objetos, sobretudo, em como elas revidam nosso olhar. As coisas penetram o olhar, embaça-o, salvando-o da contemplação da história causal, garantindo sua porosidade. Catar, neste sentido, é produzir rastros:

Esses rastros são geralmente pouco visíveis num duplo sentido: não se destacam, não são os “traços dominantes de uma época”, como se costuma dizer, e também são muito mais detalhes que parecem aleatórios, restos insignificantes que, a primeira vista, poderiam e deveriam ser jogados fora... procura os vestígios do passado nas diversas camadas do presente, sem saber se encontrará somente alguns cacos, uma estátua quebrada, o torso de uma figura desaparecida.¹⁰⁴

Malendi,¹⁰⁵ analisando a obra de Rennó, considera que a estética do mercado de pulgas consiste em substituir o olhar histórico sobre o passado por um olhar político e neste momento nos apresenta a Rennó trapeira que reúne imagens que estavam perdidas pelas cidades, sem valor aparente. imagens que se afirmavam no

¹⁰² Benjamin (2000, p. 79).

¹⁰³ Acredita-se que Benjamin, nessa afirmativa em seus escritos sobre o surrealismo, não pretendeu afirmar o olhar histórico como carente de política, e que deve ser conscientizado por uma ação política. A advertência aqui é respaldada pelo seu texto sobre as teses da História em que fica evidente uma crítica a certa perspectiva da esquerda que é tomada por uma força ideóloga e abandona o materialismo. Talvez o olhar ideólogo por um olhar materialista fosse mais coerente com essa afirmação de Benjamin.

¹⁰⁴ Gagnebin (2012, p. 33 e 34).

¹⁰⁵ Malendi (2012).

passado, um passado pronto para acabar. A artista trapeira lança uma força profana¹⁰⁶ sobre as coisas e recoloca, monta, exhibe e vende os objetos adquiridos em suas viagens, ou mesmo em seu próprio local de residência. Rennó joga as coisas mortas novamente para as ruas, lança-as para que sejam manipuladas, trocadas, supervalorizadas.

A trapeira, instruída por uma ética profana, se nega a ver qualquer origem nas coisas, nada é primitivo. Longe de querer revelar a história das peças recolhidas (fazê-las falar), ela entende que é na prática de deslocar um objeto de seu espaço-destino que se concentra a possibilidade de fazer soar os ruídos imbricados no gesto de catar. As coisas não são um alvo, objetos passivos para serem petrificados nos museus da vida. Interessa o deslocamento, o rastro que estremece o mundo.

O estremeçamento provoca passagem. A atitude de pôr um pé e depois o outro, cuidando da verticalidade, e assim provocar o movimento natural de andar ou se deslocar, será interrompido por Rennó que lembra com seu feito que andar não é natural e sempre quer abrir caminhos. O caminhar é estremeçado por uma urbe que acompanhada da artista provoca o olhar poroso daqueles que precisam recolher objetos pelo caminho. Anima-nos com seu modo de apanhar as peças. A artista passeia por diversos países, cidades, bairros, feiras, mercados de pulgas e neles ela sempre busca um artigo esquecido. São nesses espaços de troca e compra que Rennó conversa com os vendedores e colecionadores que contam as histórias de cada objeto. Na contação de histórias, afirma-se o trabalho de retirar daquelas peças seus destinos de serem meras mercadorias para o Capital ou simplesmente lixo reciclado.

Tem-se então outra transformação desses itens: se num primeiro momento eles foram retirados da condição de lixo-fim, agora passam a terem suas histórias contadas. Rennó parte para a parte final: a compra. Adquirida a peça, ela a limpa e dá características de obras passíveis de serem expostas no mercado das artes e, por fim, esses utensílios passam a compor a Obra “Menos-valia [Leilão]” a qual foi exposta no importante evento da 29ª Bienal de Artes de São Paulo.

¹⁰⁶ “O profano é um antídoto tanto contra a iluminação religiosa quanto contra a mitologia capitalista” [Gatti, Luciano. Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 6, p. 90, abr. 2009.

No caminho dos objetos até o leilão, a artista foi convicta para não cristalizar nenhuma identificação para os trechos catados, narrados e comprados. Ao vender os itens (agora de arte) no leilão por um preço elevadíssimo, foi comprado o resgate inicial, que tirou os objetos do esquecimento, mas os jogou na supervalorização do Capital; a memória passou a ser destinada pelo preço e sua história agregada pelo valor monetário da obra, nada mais se conta.

Em operação rigorosa e clara, Rosangela Rennó exhibe a potência da arte para criar valores do quase nada e apresenta, no mesmo instante, os atritos e os riscos a que está exposta por isso. Se a arte pode fazer, do lixo, poesia, está sujeita também a fazer da invenção uma mera cifra.¹⁰⁷

De praças diferentes do mundo, Rennó foi encontrando objetos e histórias. Organiza todos eles em uma única obra, apresenta o material e depois faz o leilão para vendê-los. Mas o que interessa nesse gesto de Rennó? O que se quer com esse movimento para este escrito? Todos os passos até agora dados na cidade foram com Rennó. Com ela, pensou-se um movimento inicial de tirar de corpos assassinados de travestis seu destino, ou seja, não serem corpos encerrados nos assassinatos e muito menos salvos em suas vidas de glórias que seriam escutados e legitimadas por tendências “psi” ou avanços legislativos. Segue-se, com esse pequenino conselho da artista trapeira (e por que não leitora de Benjamin): sempre devemos desconfiar dos caminhos a serem seguidos no gesto de catar.

Para que interferir na interrupção da vida? A retirada abrupta de travestis das ruas não será o fim de uma história, mas a possibilidade de que uma história aconteça. Nesse deslocamento, afirma-se que mais do que uma solução para um crime, se fazem perguntas para esse contrassenso. Lixos, milhos, mochilinhas azuis, verdes e amarelas, meia calça rasgada e corpos assassinados são forças que nos auxiliam a interromper um curso inexorável da história.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois, *fatos* nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Anjos (2012, p. 39).

¹⁰⁸ Benjamin (1997, p. 239).

Caminhar é estar passível as seduções. Sereias se apresentam a cada esquina, seus cacos sorriem e adquirem um poder crescente. Por outro lado, as lojas, os *shoppings*, os grandes eventos vão perdendo seu glamour. O milho da avenida Rio Branco esmaece o brilho da destacada loja da Richards e suas elegantes modelos. O milho nos conta muito sobre as pedras portuguesas, as modelos menos. Não Pará. Esse parece ser o imperativo da trapeira. Ela não precisa das lojas, mas quer as esquinas. Da Cinelândia não entra no Municipal, mas se comove com o mijo a sua volta. Nos rastros dos cheiros de churrasquinho parece ser atraída por um magnetismo impar que só vai acontecer no bar da esquina. Coca-Cola não é mais uma bebida imperialista. A coisa líquida escura atrai todos os olhares do botequim. O olhar trapeiro nunca termina de catar as coisas. Ela só existe porque cata. Não catar é morrer.¹⁰⁹

Cacos. Restos. Pedacos. [Contaçon]

O animal carregava o caixão: assim era a vontade do morto. Caminhava por entre esquinas que recordam de sua vida de deleites e vagabundagem. Qualidades atribuídas por aqueles senhores ditos respeitosos que o vigiavam pelas janelas daqueles pomposos restaurantes. Senti aqui o calor que sai das narinas do animal. Percebe que quanto mais quente esse ar, mais pesado vai ficando aquele corpo? Ele não titubeia em carregar aquele conjunto de membros que ainda agora circulava por tropeços nas ruas daquela capital. Antes de cortar a vida, pois foi assim que aconteceu, sabia que morreria e contou aos seus amigos que queria por força ir de burro.

Foi num velho casebre, no bairro do Bom Retiro, que reunia muitos imigrantes. Italianos recém-chegados se aproximavam daqueles que já penavam nas lavouras de café. Todos migrados para fazer crescer o sonho da grande cidade das indústrias. Ele era um desses moços que chegavam de navio no porto de

¹⁰⁹ O verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado, porque procede não só a sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida. (GAGNEBIN, 2012, p. 35).

Santos carregando uma doença esquisita que manchava a pele, no caso o deixou surdo de um ouvido por consequência, parece que ele ficou até um pouco lento das ideias. Não tenham dó! Não. Nem com essa doença o laráprio carcamano deixava a navalha em paz. De briga? Era não. Só precisava dar um jeito de viver em terras paulistas. Dizem que na Itália até era abastado, mas muito avoadado, diziam: patzo! O que interessa é que chamou todos seus amigos, pagou o vinho daquela noite e disse assim: a um morto nada se recusa. Fez os compadres concordarem.

O burro estava lá do seu lado, acreditem que naquela noite ele também ganhou vinho? Os amigos em roda ouviam os pedidos do rapaz. Ninguém questionava. Ninguém falava. Todos ouviam as histórias que iam desenhando um burro citadino. Nenhuma passada era dada sem aquele amigo, pois então era claro que a vida só acontecia no lombo do animal. Os amigos atentos, entre goles de vinho e olhares, acompanhavam os pedidos. Naquela hora o futuro morto, um moribundo, já podia contar suas histórias e do pequeno burro, que o levava para andar pela cidade.

Engraçado os pedidos dele, talvez vocês concordem comigo, ele queria que a cidade fosse acessada em sua morte. Conto, vejam: ele pedia que o animal estivesse cheio de enfeites coloridos que remetessem a sua terra natal. As cores dos balangandãs do bicho teriam que se misturar com outros amigos do morto: os palhaços, os bêbados e acrobatas esses não poderiam faltar. Que beleza que seria o seu cortejo para o fim. Que todos pulem, saltem e com o animal pinoteiem! Queria ele que nada ficasse parado ou mórbido e no derradeiro dia pedia barulho. Peguem as latas de tinta das obras, encham com pedras da nova cidade. Façam estalar no ar as chibatas...

Assim me foi contado. Parece que em terras lusitanas houve coisa parecida.

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,

Eu quero por força ir de burro.¹¹⁰

Brecht, em sua pequena estadia nos Estados Unidos, mais honesto dizer na Broadway, insistiu que os norte-americanos poderiam ver e patrocinar sua obra “O círculo de giz caucasiano”. A trama poderia relatar de modo breve, mas prefiro as palavras de Bandeira: *Ao longo de toda a peça, há um recitante e um coro, que ora cantado, ora declamado, comentam a ação ou experimentam os sentimentos que agitam a alma das personagens no momento em que estas não estão falando.*¹¹¹ Parece que esse agitar das almas não era suficiente para os produtores da Broadway que queriam que as personagens em si carregassem todo o significado, todo o drama de suas existências. Seria como apresentar a personagem sem que o público nutrisse um espanto. Elas estariam prontas para o consumo. Brecht, na ocasião, se tomou de tamanho constrangimento que largou o inusitado patrocinador, mas antes nos presenteou com esse posicionamento: *o gosto de narrar é aniquilado pelo medo à falta de efeito.*¹¹²

O efeito seria aquilo que aniquilaria o gesto que nas histórias transborda. O efeito procurado pelos produtores da Broadway já tem destino claro e a cena seria apenas um modo de ilustrar esse percurso. O ator, para Brecht, teria que se libertar do artista mímico, e por sua vez, o diretor não instruí visando à obtenção de efeitos, mas busca apresentar *teses em função das quais eles tem que tomar uma posição.*¹¹³ O teatro de Brecht, portanto, não procurava nem reproduzir, nem ilustrar a realidade, mas no apelo que os artistas inventem um papel, tomem uma posição sobre a história; procurava descobrir situações e criar mundo.

Não por acaso, Bandeira lança-se sobre o coro para contar-nos da força desse teatro. O coro quase esquecido pelos teatros de efeito é, no teatro de Brecht, aquele que interrompe o acontecimento, corta o conhecido e instaura um estranhamento. O coro não pretende ampliar e nem explicar nenhum sentimento; o apogeu que se dá com o estranhamento não pode ser confundido com um êxtase:

¹¹⁰ Sá-Carneiro. *Fim*.

¹¹¹ Bandeira (2010, p. 20).

¹¹² Brecht apud Röhrig; Titan Jr (2010, p. 13).

¹¹³ Benjamin (1996, p. 79).

No êxtase, reconhecemo-nos e reencontramo-nos, identificados a obra com alegria ou dor, sem jamais perder, com isso, a função de protagonistas da cena, sem nos desviarmos do rumo da viagem privatizada.¹¹⁴

Narrar, para Brecht, é a condição de seu teatro épico. Sabia o dramaturgo que a fórmula preferida aos produtores da Broadway é aquela que apela ao público fortes emoções, choros cúmplices. Uma emoção que cola e convida um espectador em sua genuína compaixão. Brecht não queria que seus personagens seduzissem pela identificação, mas pretendia que o encontro entre personagem e público remetesse ao desconhecido. Por isso, seu coro não explica nada, mas agita as almas.

O teatro épico, ou narrativo, pensa esse encontro *a partir daquela constelação de conceitos que giram em torno do V-effekt, do alemão verfremdungseffekt e que chamamos em português de “distanciamento”, “estranhamento”...*¹¹⁵ A partir desta compreensão, que também é seu método, o teatro não existe *a priori*, mas só será possível a partir do instante em que sua história passa a ser encenada, contada, só pode existir como acontecimento. Este acontecimento é mundano, se dá em qualquer esquina, sobretudo naquelas encruzilhadas que o teatro deixa de dissimular que não é teatro.¹¹⁶ Teatro e realidade implodem no espectador e o confundem. Pela implosão libertam-se histórias, fragmentos de narrativas e o desviam do habitual. Ao ser libertado de um psicologismo, o que se internalizava como opinião-compaixão e se acomodava num contorno conhecido, rasga a pele e, ao invés de produzir identificação, distancia: *distanciar um fato ou caráter é antes de tudo, tirar desse fato ou caráter tudo o que ele tem de natural, conhecido, evidente, e fazer nascer em seu lugar espanto e curiosidade.*¹¹⁷ Do estranhamento se produz o acontecimento, que só existe no momento do espanto e só se transmite por que é narrado, mas quando narrado já é acontecimento e clama por outras curiosidades.

¹¹⁴ Baptista (2005, p. 110).

¹¹⁵ Lima (2014, p. 38).

¹¹⁶ “Outro dia encontrei o meu espectador. /Na rua poeirenta /Segurava nos punhos uma broca mecânica./ Por um segundo/Levantou os olhos. Armei num repente o meu teatro/ Entre as casas. Ele / Olhou cheio de expectativa./ Na taberna/ Encontrei-o de novo. Estava junto ao balcão. / Coberto de suor, bebia, na mão / Um pedaço de pão. Armei num repente o meu teatro. Ele/ Olhou admirado. / Hoje/ Consegui-o de novo. Diante da estação/ Vi-o, empurrado por coronhas de espingardas / Para a guerra entre rufos de tambores. / No meio da turba/ Armei o meu teatro. Por sobre o ombro / Lançou-me um olhar: / Fez-me um aceno (BRECHT, *Meu espectador*).

¹¹⁷ Brecht apud Lima (2014, p. 39).

Uma noite de agosto. Um mês agradável. Não estávamos muito cansados, pois recém-voltávamos das férias. São Paulo estava atenta para lembrar o cinquentenário da morte de Brecht. Era ano de 2006, estávamos todos ansiosos para tal montagem que seria apresentada como “Brechtiniana Kabaré”; sabíamos um pouco do teatro de Brecht, mas sobretudo seu “apelo político”. Que seus temas transitavam entre questões de exploração, humilhação, bandidagem. Íamos pelo autor, pela noite, pelo SESC Pompeia, que sempre é uma boa pedida em São Paulo.

Aprontei-me cedo, pois costumo gostar de ver as pessoas chegando. No SESC Pompeia tudo ganha mais cores, diz uma amiga que é por conta da arquitetura de Lina Bo Bardi,¹¹⁸ mas disso eu não fazia ideia naquela noite estrelada. As estrelas iluminavam as pessoas que iam chegando àquele velho galpão de fábrica sonhado pela arquiteta. Jovens de barbas e sandálias contracenavam com um pessoal que já deixava a careca aparecer com seus trajes descolados, mas claramente adquiridos nos *shoppings* da capital. Chegavam os artistas, só sabia a profissão, pois sempre fazem questão de demonstrar, pelos seus trejeitos exagerados, coisa de quem faz conscientização corporal.

Não tardou a chegar um amigo. Sentou comigo e ficamos os dois a olhar os tipos paulistas. Alguém deve estar nos olhando também. Todos esperam a peça. Ficava cada hora mais entusiasmada, diziam que teriam músicas em alemão. Será que iríamos nos sentir na Alemanha? Lembrava da luta contra o nazismo, da miséria dos povos. No ano de 2006, acreditem, ainda não sabia que homossexuais tinham sido assassinados nos campos de concentração. Ah, o progresso, quantos ossos esconde em suas glórias? Mas queria entrar. Lá vinha o cortejo cantando.

Todos de pé. Paulistas prontos para mais uma peça. Cortejo se segue, sabíamos bem disso. Mas os atores se misturaram a nós. Quando vi, aquele chato que estava ao meu lado falando um monte de coisas inúteis me segurou pelo braço

¹¹⁸ “Isto é, a arquiteta Lina Bo Bardi parece habitar de um outro modo, ou de outra forma, com distintas práticas, o próprio território da arquitetura e do urbanismo. Ela o habita com um modo denúncia ao colocar em xeque o proceder de arquitetos que insistem em se afirmar pretensamente neutros ou burocratas. Para ela a neutralidade parece ser uma falsa questão e a técnica nunca está apartada de tendências, o que permite-nos perguntar: o que move cada projeto? O que move as práticas que constituem um arquiteto? A serviço da construção de que mundo servem os modelos ou um proceder que se afirma meramente técnico? Contribuímos, na maior parte das vezes, para a expansão e a criação da vida ou para o seu constrangimento e sua serialização?” (GUIZZO, 2014, p. 209).

e cantava em alemão. Que papelão fez meu pensamento, o moço era ator. Mas apertou um pouco meu braço, isso achei desnecessário. Me conduzia para a sala de espetáculo, queria ficar do lado dos meus amigos, mas ele insistia em ser inconveniente e me largou do outro lado da arena. Sorri civilizadamente para a pessoa ao meu lado, como convém numa peça de teatro. Fui retribuída e juntos assistíamos à continuação daquela apresentação. Já estávamos num cabaré.

“O Teatro, Casa dos Sonhos” invade o cabaré, meu ombro pede atenção. “A Infanticida Maria Farrar” me tira os pés do chão. “Os Esperançosos” fazem meu rosto envergar. “Na Selva das Cidades”, já pedia ar. “A Ópera dos Três Vinténs”, algo aconteceu. “O Senhor Puntilla e seu Criado Matti”, já nem lembrava onde estava. “O Filhote do Elefante”, ergui minhas mãos no rosto. “Um Homem É um Homem”, já cantava como se fosse o último dia da minha vida. Algo aconteceu. Foi ela com uma voz aveludada que invadiu a cena. Na ocasião fazia o coro. Estava habituada com que o coro nos acalmasse. Mônica Salmaso invadiu a peça, acho que ela não estava no roteiro, não é possível tamanho corte organizado! Cantava em alemão e os belos gracejos de Chico Buarque. O revezamento entre os poemas de Brecht e as canções de Chico Buarque diluíram os autores. Brecht já tinha esquecido a tempos que era um “dramaturgo político” e Chico Buarque era mais um compositor. Eu subi com ela e já estava junto no coro, mas nesta hora Mônica Salmaso não cantava mais e a peça já tinha sido encerrada. Mas eu estava lá, cantando em alemão, na noite estrelada de São Paulo.

Aquilo que era familiar tornou-se estranho. O estranho, afirmado pelo coro que corta a cena, espanta e *arranca as coisas de suas rotinas desgastantes e as torna estranhas como se estivessem sendo vistas pela primeira vez.*¹¹⁹ Pela primeira vez São Paulo estava estrelada. Mais do que olhar a cena, ela nos revida o olhar e convoca-nos a olhar o mundo como se fosse a primeira vez. No gesto primevo, que

¹¹⁹ Bornheim apud Baptista (2005, p. 119).

impelle ao conhecimento, tomamo-nos de espanto.

A encenação no teatro narrativo, longe de querer conservar sentimentos preexistentes, que, retoma-se, seria a busca pelo efeito, por aquilo que *a priori* faça sentido, provoca o conhecimento. O roteiro vai sendo possível no choque. A narrativa acontece nos estalos das chibatas. Para onde foram as pedras da cidade? No dorso do elegante burro poderia viver a morte? Quais trajetos fazem os caminhantes cidadãos? Bater latas e morrer fazia muito barulho naquela festa infinita.

Sem grandes feitos e nem mirabolantes acontecimentos, ouve-se uma extraordinária história. O exício não foi o fim, não foi início, mas arreventou com saltos e pinotes a vida de quem ouvia. Com o conceito de distanciamento, caminha-se sobre a discussão da narrativa e sua importância para o encontro com o finito nesta escrita. A morte será contada, tomada não mais no seu imediatismo. O fenecimento das travestis será nosso canto por vir. O término, o silêncio, investe a escrita em direção daquele espaço onde a história começa de fato. Qualquer semelhança com a discussão de Odisseu não é coincidência e nem somente uma repetição. O encontro de Odisseu com as sereias poderia ter sido encerrado na vitória contestável do herói, mas o que sucedeu precisou ser contado para que a passagem à narrativa se desse.

Preocupados com os resultados das histórias, poderíamos nos prender ao que está no conhecido, no primeiro plano, *a navegação prévia que leva Ulisses ao ponto de encontro*.¹²⁰ Junto com Odisseu, iríamos vencer as perigosas sereias, sofrer com seu corpo que arde humilhado naquelas cordas que o salva das perigosas cantantes. Sofreríamos com essa história e cairíamos na tentação de trancafiá-la num dramático romance. Seria ler o canto XII como se ele não tivesse existido, como se o que importa fosse nossa opinião sobre o relato. Na assertiva de Brecht, sustenta-se que o gosto de narrar está sendo aniquilado pelo medo da falta de efeito, e que esse narrar justamente ojeriza tudo e todos que o aproxima de uma frívola ficção, querendo neste movimento que se confunda a narrativa com o capricho das escritas comovidas pela verdade.

A despedida do amigo carcamano atrai a um espaço único: um episódio. Não

¹²⁰ Blanchot (2005, p. 6).

como conclusão de uma vida que passou, mas como uma história por vir, opera-se uma inclinação ao passado. O burro, os amigos e o moribundo inauguraram um movimento, ou certo deslocamento para a experiência do fim. Longe do exercício confessional ou de extrema-unção, não buscaram ser fiéis à verdade do pedido, mas se aproveitaram da experiência do amigo. Houve uma necessidade de não encerrar o parceiro no leito de morte, houve uma força que procurou apresentar à história contada pelo moribundo outro tecido de acontecimento. Como trazido por Blanchot,

[...] a narrativa começa aonde o romance não vai, mas para onde conduz, por sua recusa e sua rica negligência. A narrativa é heroica e pretensiosamente, o relato de um único acontecimento.¹²¹

A história não é extraordinária porque consta de grandes fatos, mas convida a imagens violentas que conduzem a momentos que não podem ser verificados. Até a morte se sabe pelo relato. O relato não mais imediato, mas contado, é o episódio. Não raro, há esforços para que o gesto de contar seja transformado em mentira, dissecando-o seu poder de acontecimento e o adjetivando como ficção. O relato contado, assim, ganha apetrechos e firulas e se confunde com um para-relato, àquilo que serve como adereço ao fato verdadeiro. Blanchot alertará que a narrativa escapa ao mundo da verdade habitual e afirma esse desgosto da narrativa de ser confundida com uma ficção. O mundo da verdade habitual tem medo da falta de efeito.

A distância que se anima a partir do relato, de modo épico, estranha o drama, seu ponto exclamativo. Abre-se uma jornada incrível, exige-se o extraordinário. A aposta na distância confia que esta história carrega um perigo, um poder. A identificação com o relato, não tomá-lo como um ponto de inflexão pode ser assimilado ao movimento de encerrar no passado fatos para serem descobertos. Benjamin, em suas teses da história, se aproxima de Brecht, Blanchot e a crítica à apreensão mecanicista de se apropriar de um sinal quando ele lampeja num momento de perigo. O perigo é uma imagem que se apresenta no atual e que nos oferece a possibilidade de abertura para o desconhecido. Só reconhece esse momento como uma pólvora capaz de incendiar o presente, aquele que estiver

¹²¹ Blanchot (2005, p. 6).

atento que o passado não precisa ser entendido como de fato ele foi.

Os fatos ocorridos quando tomados na distância não escapam do interesse do presente; pelo contrário, esse espaçar garante que o presente aconteça. A retirada abrupta das travestis da cidade é a centelha que se apresenta em ruas que clamam por mais justiça, por mais criminalizações, vias iluminadas, saturadas de objetos de luxo, lixo, lucro. A menina e seu forró aparecem para o “agora”. O tempo do “agora”, que só vai existir no encontro com essas mortes, inflama o espaço da narrativa. O acontecimento, encontro contado entre a escrita e as travestis assassinadas, será sempre *ainda por vir, sempre já passado, sempre presente num começo tão abrupto que nos corta a respiração*.¹²² Afirma-se que os mortos estão em perigo quando só se volta a eles para atestar sua condição de fim. Esses são para Benjamin os interessados no apelo da verdade única, sedentos por um ponto último no passado.

“Aqui lançarei a minha ancora” é a imagem utilizada por Blanchot que sugere que muitos navegadores acabam aniquilados pelas sereias pela sua própria impaciência e certa arrogância de se verem satisfeitos com o ponto de chegada, previamente planejado. Onde muitos se dão por realizados, o canto das sereias é nosso início. Já ficou claro que há muitas ciladas no encontro com o canto, mas há método. Na instrução Benjaminiana, no feito de Rennó, na distância de Brecht nada se garante, mas se quer um canto por vir que estremeça o conhecido, o imediato, a compaixão natural com os assassinatos no dia a dia, pois é disso que se trata: a retirada quase diária de corpos da cidade.

Benjamin, ao escovar a história a contrapelo, nos alerta que a história não é passado, nem presente, nem futuro: *A história é um objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora*.¹²³ Em uma belíssima passagem da *Tese XV*, somos presenteados com uma força imagética desta discussão quando conta sobre uma noite nas sombras da Comuna, onde em vários locais de Paris, pessoas independentes começam ao mesmo tempo disparar objetos contra os relógios das torres. Michel Lowy,¹²⁴ ao comentar essa *Tese*, lembra um levante de alguns índios contra o Relógio Comemorativo da Rede Globo, que insistia em cronometrar o tempo que

¹²² Blanchot (2005, p. 13).

¹²³ Benjamin (2012, p. 119).

¹²⁴ Lowy (2012, p. 126).

diria ao país que era hora de festejar os 500 anos da descoberta do Brasil. Benjamin sabe que o relógio atrofia e ilude aqueles interessados na análise do real. O real, tomado em sua materialidade, insiste que não pode ser confundido com a aparição imediata de um fato, mas encoraja que esse fato seja escovado a contrapelo. Os jovens índios “brasileiros” que protestaram em frente ao relógio oficial da comemoração, em abril do ano 2000, salvaram seus mortos.

*Como descrever essa atividade narradora que salvaria o passado, mas saberia resistir à tentação de preencher suas faltas e de sufocar seus silêncios?*¹²⁵ Para que remexer na terra, recolher vestígios, tocar naquilo que jaz finito?¹²⁶ Tratar com travestis que se foram em ato que horroriza será uma ação de destruir histórias concluídas e nesse meneio sustentar que, ao narrar, estamos apresentando um acontecimento para supostos concluídos. O encontro com corpos montados, supostamente encerrados, tensionam os caminhos da tese e se apresentam como possibilidade de um outro tempo aos ocorridos.

Comumente atribui-se ao “por vir” um tempo futuro, aquele tempo que ainda não veio, talvez por nossos falecidos na modernidade terem sido resumidos a doentes que necessitam de cuidados para perpetuação de uma vida carregada de transitoriedade. A transitoriedade pressupõe um tempo de começo, meio e fim. Os mortos são o fim. Sua condição de moribundos, a necessidade de um momento para que cheguem à meta: “Foi em paz”, “sua hora já havia chegado”, “que agora descanse”, são alguns acalantos que se escutam nas ruas onde tombam as mortes enclausuradas num corpo único. Na condição de transito, elas passam a nos dizer respeito apenas como destino previsível.

Ainda hoje, espera-se daqueles que se vão palavras sábias e conselhos, mas para quê? No autoritarismo do finito, conselhos e palavras sábias encerram o morto e concluem um percurso. Escuta-se para ver se inspira há algum conhecimento, escutam-se as últimas palavras como vivências passadas daquele que parte. As palavras do moribundo são consumidas para uma *vida confinada ao presente*.¹²⁷

¹²⁵ Gagnebin (2004, p. 63).

¹²⁶ O dom de atear ao passado a centelha de esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessados de vencer (BENJAMIN, 2012, p. 65).

¹²⁷ Silva (2012).

Nesse movimento, naturalizamos a privatização da experiência de morrer. Gagnebin alerta para certa interiorização da morte que é espacial e também se apresenta nas entranhas da psicologia. Benjamin e suas *Teses* avisam-nos que temos que olhar para o modo como tratamos nossos mortos para pensar o “agora” de nossa história.

O rasgo de visão: fragmentos e jornais

Para que olhar corpos retirados da cidade através de jornais? Certamente, parte dos movimentos proporcionados por essa pergunta já está colocada ao longo, mas ainda não se falou da importância dela no tempo e na qualidade da presença que se leva para ler cada notícia.

Balzac, lido por Wisnik, conta-nos que o jornal veio para acabar com as nossas ilusões e nos apresentar uma *realidade mais real que a própria realidade*.¹²⁸ “*Ilusões perdidas*” é o nome dado ao livro. Nele, Balzac, nos enreda com a vida de literatos e jovens poetas vindos do interior para capital francesa “tentar a vida”. Frustrados, muitos deles são obrigados a se adaptar às insurgentes gazetas e sua reprodução em larga escala. Com esta história, cumpre a façanha de colocar o problema do jornal como um modo de se comunicar que enfrenta a literatura naquilo que ela tinha de mais sagrada: inventar a realidade.

Com a reprodução diária e suas informações precisas, o jornal convoca-nos a um outro modo de nos apresentar à manhã. Suas páginas muitas vezes medeiam os encontros matutinos. Ele adentra o dia a dia e se torna uma prece sagrada, a oração matinal. Mas qual o problema de a realidade ser apresentada por relatos de jornais? O que o assassinato de travestis tem a ver com isso? Com a reprodução em larga escala do registro diário, passa-se a cada vez mais a abrir suas folhas para digerir suas informações sobre o mundo. Os recortes aqui apresentados serão de matérias muitas vezes reproduzidas na internet, o que aprofunda a agilidade dessas leituras e também seus efeitos. Imagens escritas rápidas que reproduzem o mundo, afirmando-o neste imediatismo. Atualmente, o relato das mortes de travestis tem

¹²⁸ Wisnik (1992).

sido cada vez menos expostas nos tabloides impressos, inclusive o popularmente chamados “sensacionalistas”, mas na internet ainda são reproduzidas essas manchetes e replicáveis incontáveis vezes.¹²⁹

O jornal apresenta a informação do assassinato de travestis e quase que diariamente coloca-nos diante de uma morte, relata-nos uma realidade. O que impulsiona este trabalho não é partir desta realidade para contar outras histórias, mas pensar que essa realidade também é uma construção e fará parte das histórias que aqui se mostram. Continuando nas bordas de Wisnik, entende-se que mesmo que o jornal não invente nada ele desfaz o contexto original e nos apresenta um recorte que busca fazer sentido, e esse sentido já é apresentado como verdade. Intui-se que ela seja também, ou faça parte daquela já exposta verdade habitual. Entende-se este projeto de conhecimento como um movimento de confundir verdade e realidade, diminuindo mais uma vez, o poder de remexer nas histórias, pois as fecham em verdades únicas e fatos consumados. A crítica não deve extrapolar o fato, não deve fugir de seu lugar de opinião; a verdade limita-se àquilo que podemos “com provar”. O conhecimento protege-se, ao mesmo tempo que cria a fronteira entre ficção e realidade-verdade. O conhecimento que serve à verdade habitual não pode transbordar a versão, para que não seja acusado de vulgar.

Retirar do jornal este sentido final que o faz produtor de uma *realidade mais real que a própria realidade* se pretende um gesto ético. Um gesto que vislumbra uma obra que seja uma máquina de fazer textos. Assim, reverbera-se a narrativa em seu poder de acontecimento, posicionando-se diante da ficção e da realidade naquilo que elas se apresentam como limiares de uma composição. A produção de textos que almejam habitar limiares vai desconfiar da *sucessão de momentos iguais, sob o véu da novidade*.¹³⁰ Longe de querer fugir do vulgar, esses textos ou tessituras vão transbordar o conhecido e se montar na zona promíscua e turbulenta: as ruas noturnas do largo do Arouche, a Cinelândia sem cinema, os pelos revoltos dos peitorais dos homens rudes, o silêncio sedutor das meninas. Os escritos montados se abrem ao pensamento que se quer vulgar naquilo que ele recupera da rua, ao

¹²⁹ Há diferenças na apreensão dessas duas modalidades de leitura, mas entende-se que o interesse nesta questão para esta tese não será prejudicado com a não sistematização ou exposição dessas diferenças. Quando for necessário, apresentaremos as peculiaridades.

¹³⁰ Gagnebin (2010, p. 15).

mesmo tempo que se contamina com ela. As coisas não interessam a ele em seu destino, mas naquilo que elas carregam de inesperado. O pensamento atento ao inesperado, como movimento material de incitação ao real, nega ser glorificado pelos limites de uma produção objetiva ou que objetifica. Há mapas e também desvios.

[...] se trata de reconquistar para o pensamento os territórios do indeterminado e do intermediário, da suspensão e da hesitação, e isso contra as tentações de taxinomia apressada, que se disfarça sobre o ideal de clareza.¹³¹

O limiar não foi evocado para buscar uma pureza originária, ou o que o é verdadeiro, mas justamente para empreender que a verdade pode ser um cárcere de sentidos quando se trabalha com a perspectiva de apresentar uma montagem para a produção de histórias ou da vida. O limiar não atrai uma verdade relativa ou um modo relativo de falar das coisas, mas convida a abrir mão dos deslumbramentos da soberania e de controle para apresentar uma coragem de encarar a partir de um relato seus inúmeros desvios. Talvez o que Didi-Huberman anuncia como escrever sobre imagens que o aterrorizam.¹³²

O modo e o tempo que encontramos com o que aterroriza são fundamentais para a montagem dos fragmentos que também são intrínsecos a própria montagem na fabricação de textos. Pretende-se, com os fragmentos, colocar a vida em jogo. Com Antonin Artaud,¹³³ que de modo diverso também se levantou contra os roteiros de efeito, atenta-se para todas as vezes que se pronunciar a palavra “vida”: compreende-se que se trata de uma espécie de centro frágil e turbulento, e não da vida reconhecida pelo exterior dos fatos. A leveza e a fragilidade serão mais do que dimensões na arte de pesquisar sem se deixar petrificar pelo imperativo do fato, pontuações que retomaremos ao longo deste trabalho.

Não se trata de pegar vários recortes de jornais para tentar revelar um sentido único, ou serem passíveis de uma ordem para que se apresente o problema. Os recortes são chamados aos fragmentos e assim produzem desvios na tese, não

¹³¹ Gagnebin (2010, p. 16).

¹³² Escrevo muito sobre as coisas que admiro, e escrevo muito sobre as coisas que me metem medo, das quais tenho horror. Escrevo sobre artistas, inevitavelmente de que gosto muito, e escrevo muitas vezes sobre imagens que me aterrorizam (DIDI-HUBERMAN, 2010).

¹³³ Artaud (2006, p. 8).

garantem a resposta do problema. Os saltos altos, os restos de purpurina nas estradas, os cacos amarelados e os jornais não são peças de um quebra-cabeça, elas não se encaixam, não se submetem a nenhum a forma determinada, são pedaços que procuram desesperadamente por ar.

Ao procurar por ar instalam uma mobilidade nos fragmentos, escritas que passam a se apresentar na tese conduzindo a uma apresentação do problema. O ar é produzido pela procura, pela construção das próprias perguntas, no momento da leitura de uma notícia. Os fragmentos acompanham os retratos de Peixoto e se pretendem como um *rasgo de visão*.¹³⁴ Como rasgo de visão, eles concentram a centelhas que incendeiam o tempo do presente. O fragmento é a imagem do *agora*, não em uma representação, mas naquilo que ela carrega de lâminas que cortam o conhecido.

Peixoto anuncia que com o excesso de imagens tudo é vitrine. Apressadamente, pode-se dizer que o autor propõe negarmos as imagens contemporâneas e sua rapidez, mas muito além disso, ele coloca uma questão que se toma como mais uma pista para a construção do que se desenha como ética nesta pesquisa:

Poderiam as imagens contemporâneas salvar as coisas de sua crescente miséria? Haveriam ainda imagens essenciais, realmente únicas e insubstituíveis? Será que elas ainda têm a força de significar e nos mobilizar?
¹³⁵

De que modo ler as notícias dos jornais? Podem essas notícias serem lidas como imagens? Assim, procura-se sondar um terreno onde nada é estático, mas que também se desconfia daquilo que se apresenta ao nosso olhar. Em outras palavras, mais do que afirmar que essas imagens produzidas pelos textos jornalísticos são imagens vazias, ou que apenas afirmam “clichês”, instaura um tempo a elas, e que chamaremos do “tempo do fragmento”.

O fragmento, que será nosso rasgo de visão, irá compor a imagem para que se tensionem sua luminosidade, suas dimensões, suas representações e, acima de tudo, o olhar. Olhar para os assassinatos e seus textos, não para ver o que se

¹³⁴ Ele então carrega consigo um fragmento de céu, de paisagem ou do apartamento – um rasgo de visão – com o qual o rosto se compõe. (PEIXOTO, 1992).

¹³⁵ Peixoto (1992, p. 315).

esconde por trás do fato jornalístico, as pistas não levam ao local do crime e seus possíveis culpados. As pistas são as luminosidades postas em xeque e pretende-se menos jogar no centro da notícia e mais nas suas bordas. Nas bordas, posiciona-se para presentificar o distanciamento que não tira nada de cena, mas possibilita um tempo de visão não contemplativo, no qual a imagem será produzida por nosso olhar e certo que ela nos revida o olhar.

Retomando Rosângela Rennó, mas agora em seus exercícios de intertextualidade que provocam uma violência ao olhar¹³⁶ e transforma imagem em texto. Menos como um exercício de mudar funções e mais próximo ao que Benjamin nos convida quando olha a cidade e se mostra menos interessado *naquilo que diz a vermelha escrita cursiva elétrica – mas a poça de luz que espalha sobre o asfalto.*¹³⁷ A trapeira passa a nos apresentar uma contraimagem que não nega a imagem e nem valoriza o texto, mas justamente no exercício de hibridização da condição dessa intertextualidade nos joga numa montagem que fabrica uma nova paisagem a partir das mesmas imagens.

Lembro-lhes do modo como a artista se lança aos objetos para juntar agora com seu movimento de recolher fotografias pela cidade. Nessa busca por imagens largadas ou reproduzidas em larga escala, a artista se preocupa em salvar as imagens de seus destinos inviolados. Assim, Rosângela Rennó vai colecionar em seu “Arquivo Universal” textos jornalísticos, diversas imagens 3x4, fotos de casamento, entre outras imagens feitas para revelar e ironicamente para não esquecer. Trata-se, para Rennó, de partir da seguinte inquietação: por que as pessoas não guardam essas imagens? E aqui: por que se desfazem tão rapidamente de uma informação jornalística? Neste sentido, afirma-se que nenhuma imagem será criada, mas invadida com textos, reforçando assim a aposta cortante do fragmento.

A partir dos fragmentos, há um deslocamento e uma manipulação dos textos informativos e certos para polir a pedra da realidade. O texto jornalístico não será jogado fora e nem utilizado para produzir novas imagens à vida das travestis, mas esforça-se para recolher seus vestígios e, sobretudo, atentar às imagens que

¹³⁶ Herkenhoff (1998, p. 136).

¹³⁷ Benjamin (1997, p. 55).

escapam do texto apresentando-se como infinitas, ou como resíduos de presença: *É menos necessário reconstruir, porém mais descontextualizar, fazê-las deslocar ... e nesse processo revelar resíduos de presença.*¹³⁸

Na exposição de Rennó *Atentado ao poder*, a artista recolhe durante 13 dias fotos de pessoas assassinadas nos jornais. A ida de Rennó aos jornais coincide com o momento em que o Rio de Janeiro está sediando a ECO 92,¹³⁹ enquanto a grande parte da imprensa noticia o evento, os jornais “populares” continuam com suas pautas que fazem sangrar o “cotidiano” do cartão postal. Rennó, a exemplo de sua *menos-valia*, não acredita em nada *a priori*, mas sabe que no jogo da exposição dos cadáveres nos tabloides *do povo*, e no excesso de esperança por um mundo mais sustentável do jornal “oficial”, algo se opera. Há a hipótese de que nas excessivas fotografias encobertas pelo otimismo dos empresários do verde uma fábrica de esquecimento se presentifica.

Rennó recolhe essas imagens e seu primeiro aceno é tirá-las de sua habitual posição horizontal para a vertical, a artista sem mudar a imagem já opera um movimento: essas mortes precisam ser tocadas, mexidas, reviradas. Há um embaralho do tempo, a imagem presentifica o passado. Aquilo que “ingenuamente” é apresentado para revelar a verdade e fazer brilhar o oprimido produz, no entanto, *o grau zero da expressividade.*¹⁴⁰ Próximo da exposição *obituários*, também da artista, a repetição das imagens de mortos nos jornais de *Atentado ao poder*, é por ela apresentada como um esquecimento produzido pela acumulação, e mais do que isso: é na repetição desses corpos caídos e reunidos no “cotidiano” dos jornais que perdem todos a possibilidade de se diferenciarem. Cada imagem fotográfica trabalhada por Rennó é o fragmento que interrompe esse tempo homogêneo carregado de curto sentido.

Como as imagens de pessoas assassinadas, de formas abruptamente retiradas da cidade pode nos auxiliar a olhar os corpos? Como pedir para que esses corpos fiquem? A oração matinal será impelida em seu curto-tempo. Leva-se as

¹³⁸ Herkenhoff (1998, p. 132).

¹³⁹ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que teria sido até então a maior reunião de chefe de Estados da história, daí a instalação de Rennó conter a legenda *The Earth Summit*.

¹⁴⁰ Herkenhoff (1998, p. 146).

pistas para o limiar daquilo que se quer ver sabendo que nós que produziremos o visto. *Aqui não há mais representação do exterior nem expressão do interior. Apenas a imbricação de ambos naquilo que, na imagem, é o invisível.*¹⁴¹

Faz-se uma tomada de posição, como nos ensina Huberman:¹⁴² As travestis assassinadas são olhadas para que se devolvam ao mudo suas *ilusões*. Tomar o terror não como querem as fardas que emolduram alguns corpos bélicos. Tomar o terror justamente para arrebentar as molduras e suas formas. Olhar a imagem naquilo que ela nos revida o olhar. Vagarosamente tateando os vestígios colocados pelo tombar dos corpos: foram trazidos pela correnteza? Estão envoltos de sacos plásticos? Pessoas a encontraram? Fazia sol? O que resta as ruas com esses assassinatos? Há resíduos de presença.

A informação e o confinamento do presente

A informação, sobretudo em sua forma de jornal, é atualmente a principal fonte de acesso às histórias de mortes de homossexuais e travestis no Brasil.¹⁴³ Apartar-nos do olhar mercantil dessas notícias não pode abandonar mais uma instrução Benjaminiana de que a crítica é uma questão de correto distanciamento.¹⁴⁴ Com isso, entende-se que não nos interessam uma queda de braço com os escritos dos jornais, seus reclames e letras garrafais, mas como essas matérias reluzem e penetram no coração das coisas. Embaralhar as letras, arredar do olhar publicitário, mas não abandoná-lo ingenuamente. Cutucar manchetes sensacionalistas leva a montagens que confundem o esclarecimento do crime. Esclarecer seria montar com a versão que o jornal nos dá. Confundir assume-se como condição da crítica instruída em olhar para os vultos da iluminação jornalísticas. Previsíveis acabamentos, opiniões esclarecidas, tudo impelido pelos rastros deixados pelos corpos isolados.

Nossas mortas são arrancadas de pedaços de jornais, nos quais são

¹⁴¹ Peixoto (1992, p. 319).

¹⁴² Didi-Huberman (2013).

¹⁴³ Como já comentado a principal pesquisa reconhecida por apresentar dados estatísticos sobre a morte de homossexuais é baseada em mortes que aparecem nos jornais. Essas pesquisas são realizadas pelo Grupo Gay da Bahia.

¹⁴⁴ Benjamin (1997, p. 54).

expostas em curtas linhas informativas com início, meio e fim, que fecham uma condição na ocasião. Muito diferente da escuta dos amigos do moribundo carcamano, da auxiliar de limpeza, os jornais afirmam caricaturas das assassinadas. A escrita jornalística sobre a vida daquelas travestis afirma a história numa preocupação de que essa possa refletir a verdade do passado. O passado é algo para ser desvelado e só pertence àquela que vive imediatamente o ocorrido. Os escritos jornalísticos aproximam tanto as coisas e nos arrebatam com as violências do que eles mesmos chamam de “cotidiano” que mergulhamos na condição de ter que dizer algo. Julgadores e muitas vezes justiceiros saltam das telinhas do computador e das bancas de revista. Na parte destinada à opinião se digladiam os guerreiros da sociedade justa e humana. Quem é o criminoso?

Das informações jornalísticas, contaremos muitas histórias. Não será suficiente aquilo que está informado. Se Rennó se lança nos mercados menores para pegar seus objetos, afirmar histórias sobre eles e posteriormente os jogar no mercado da arte, nós nos misturaremos com a imprensa, nos aventuraremos pelas imagens cristalizadas das travestis assassinadas e as jogaremos na cidade. Esse movimento sempre será perseguido pelas duas preocupações até aqui apontadas: para que chamar os mortos para conversar? E: devemos duvidar dos caminhos a serem seguidos na arte de catar? Não há preocupação em salvar as travestis das mortes e aprisioná-las em rápidas explicações conclusivas sobre os assassinatos ou apresentá-las ao grande banquete dos respeitos aos diferentes.

O jornal traz a imagem congelada de um corpo frio, as informações que interessam serem mostradas para uma verificação imediata dos fatos¹⁴⁵ e as conclusões sobre o assassinato. Nessa ação de ir às manchetes, há uma hipótese de que ouviremos ruidosas repetições e as enfrentaremos atentos ao silêncio:

No Rio de Janeiro, travesti desconhecida é assassinada e jogada num rio próximo ao Maracanã, a polícia ainda vai apurar a causa do assassinato.¹⁴⁶

Em Mato-Grosso, travesti é assassinada num motel em Várzea Grande, para a polícia tudo indica ser acerto de contas.¹⁴⁷

¹⁴⁵ “[...] a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível em si e para si” (BENJAMIN, 1996, p. 203).

¹⁴⁶ Disponível em:

<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/corpo-de-travesti-e-encontrado-em-saco-dentro-de-rio-no-maracana-12082013> Acesso em: 07 fev 2014.

¹⁴⁷ Disponível em:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/mt-travesti-e-assassinado-em-frente-a-motel-em-varzea-grande>,

Travesti de 24 anos é assassinada com três tiros um no peito e dois na cara, foi encontrada jogada na estrada que liga Piracicaba-Tiete, a polícia ainda não sabe o motivo do crime.¹⁴⁸

Travesti é morta na zona sul de Teresina [Piauí], segundo informações de pessoas que olhavam a travesti e uma amiga foram atingidas por onze tiros, o acusado conhecido como Miúdo já foi preso e levado para a casa de Custódia, não se tem mais elementos sobre a causa do crime.¹⁴⁹

Em Maringá, André Martins da Silva, conhecido como Soraia, morreu após levar um golpe de facada no pescoço, um homem de 46 anos é o suspeito pela autoria do crime, a polícia ainda não sabe qual o envolvimento dele com a vítima.¹⁵⁰

Num córrego da periferia de Parnaíba foi encontrado um corpo boiando já em degeneração, a polícia identificou o corpo sendo de uma travesti. Apesar de ser encontrada com uma perfuração no peito ainda se investigará se foi caso de homicídio.¹⁵¹

Benjamin conta, em seu ensaio sobre o Narrador, que com a prática de falarmos da vida a partir da preocupação informativa e de anunciar ocorridos, a fim de que esses possam ser rapidamente compreendidos, assimilados e concluídos por qualquer um, deixamos gradativamente de contar histórias e construir narrativas. Afirmar a comunicação de fatos através dos jornais possibilitou um modo de falar sobre a vida do outro, que também provocou sérias consequências em nossa capacidade de se contaminar com as vidas.

O jornal traz a informação com o intuito de encerrar um caso; mais do que isso, o modo de escrita que geralmente se afirma na imprensa moderna, nos recortes da *web* isola a vida do outro, fazendo com que a informação seja limitada apenas àquele que é alvo da notícia. Neste sentido, ela sempre será resumida à ocorrência, de modo a não extrapolar o fato. A história é descrita com início meio e fim, e o que importa é fazer compreensível aquilo que está informando. A

[cf076a26367a1410VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html](http://www.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/travesti-e-encontrada-morta-com-tres-tiros-em-rodovia-de-piracicaba-sp.html) Acesso em: 12 out 2013.

¹⁴⁸ Disponível em:

<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/travesti-e-encontrada-morta-com-tres-tiros-em-rodovia-de-piracicaba-sp.html> Acesso em: 12 out. 2013.

¹⁴⁹ Disponível em:

www.meionorte.com/noticias/policia/travesti-e-assassinado-com-tiro-no-rostro-na-zona-sul-de-teresina-214917.html Acesso em: 12 out. 2013.

¹⁵⁰ Disponível em:

http://www.correiadoestado.com.br/noticias/travesti-de-29-anos-e-assassinado-com-facada-no-pescoco_193917/ Acesso em: 12 out. 2013.

¹⁵¹ Disponível em:

<http://www.piauihoje.com/noticias/travesti-e-assassinado-e-tem-o-corpo-jogado-em-um-corrego-na-periferia-de-parnaiba-47924.html> Acesso em: 12 out. 2013.

compreensão já está dada na própria informação que já vem explicada pela mesma pessoa que anuncia a cadeia de fatos. Dificilmente numa matéria de jornal há espaço para que o leitor se aproprie da história contada para ser sua e assim poder apresentar uma história. *A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele.*¹⁵²

Com a consolidação deste modo de comunicação, a narrativa perde cada vez mais espaço, e nossa capacidade de se contaminar com experiências torna-se cada vez mais privada. O noticiário agora traz a história que deve ser lida e assimilada. A narrativa precisaria de outro tempo e comunicação para que possa ser encarnada pelo ouvinte. Com o enfraquecimento da narrativa, Benjamin nos alerta que estaremos nos privando de uma faculdade que nos parecia inalienável: a faculdade de intercambiar experiências

Nesta pesquisa, aposta-se que tirar a história dos assassinatos de jornais é afirmar que essas mortes não pertencem a corpos isolados e suas sexualidades. Lembramos, incansavelmente, de nossas interrogações no percurso deste apanhar: para que chamar os mortos para conversar? E devemos duvidar dos caminhos a serem seguidos na arte de catar? Assim, afirmar que não são corpos isolados, não significa dizer que todos nós morremos com os assassinatos e que devemos nos afetar com a morte do outro. Essa rápida “afetação” não mexeria na lógica informativa que seria isolar a história no outro e então termos que nos sentir como o outro para poder sentir sua dor.

Nesta equação “afetiva”, aproxima-se muito mais de uma arte confessional, que ouve a dor para aceitá-la e assimilá-la com o objetivo único na crença de que o outro pode se transformar na busca de se tornar um semelhante. Com a ajuda do Padre Fábio Melo,¹⁵³ tomaremos seu fascínio por Jesus para prosseguir em nossas instruções sobre a tarefa de contar histórias:

O que me fascina em Jesus não é sua capacidade de ressuscitar os mortos, de curar os cegos, os paralíticos. O que me fascina Nele é sua capacidade e coragem de dizer que Deus é Pai. Um Pai que tem preferência pelos piores homens e

¹⁵² Benjamin (1996, p. 204).

¹⁵³ Um dos representantes midiático da igreja católica no Brasil, que ficou muito querido da “população LGBT” depois de afirmar que o problema da união civil homossexual não é um problema religioso (<http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/padre-fabio-de-melo-comenta-sobre-o-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo/3088108/> Acesso em: 21 abr. 2015).

mulheres deste mundo. Um Pai que ama os que não merecem ser amados, que abraça os que não merecem ser abraçados e que escolhe os que não merecem ser escolhidos. Um Pai que quebra as regras ao nos desconsertar com seu amor tão surpreendente. Um Pai que não quer se ocupar com os erros que você cometeu até o dia de hoje, porque o amor que Ele tem por você é um amor cheio de futuro. Ele não está preso ao seu passado e a Ele não interessa o que você fez ou deixou de fazer de sua vida. Para Ele o que importa é o que você ainda pode fazer!¹⁵⁴

A fascinação do padre com Jesus eleva seu amor ao outro. Esse outro está submetido ao olhar divino, que aposta em suas transformações para deixar de ser o pior “homem do mundo”, a “mulher mais ordinária”. Para esse pecador, não existirá passado se ele quiser se redimir, há apenas futuro. Passado e futuro se fixam em tempos restritos daquilo que foi e daquilo que deve ser. O amor ao outro será colocado no jogo das relações sinceras, não devendo haver mentira entre os envolvidos nessa bondosa trama. O fascínio pelo outro quer apagar os rastros da diferença. A diferença pregada na fascinação não coloca nada em perigo, pertence somente ao outro que deve confiná-la em sua carne.

Na tese de doutorado de Rodrigo Lages Silva, vamos percorrendo inúmeras histórias que nos carregam para pensar o *confinamento do presente*, especificamente, nas suas letras sobre a experiência de Helio Oiticica nas favelas do Rio de Janeiro apresenta-nos uma boa dica para irmos ao encontro deste “outro” – na verdade, Oiticica não pretendia estar na favela, mas nas favelas. Não existia uma totalidade na estadia, mas em cada encontro explodia uma ideia de favela, cada montagem sobre a favela era também uma desmontagem da ideia totalizante da favela.

Cada aspecto da pobreza tem sua própria dimensão antinatural, de montagem, e, como tal, pode ser penetrável, pode ser experienciável como um ambiente, como um lugar, não para nos mimetizarmos com as populações assistidas. Não se trata do discurso da vivência, ou de uma romântica indiferenciação, como se fosse possível ou necessário apagar as diferenças para produzir uma política social de modo ético. A ética reside justamente numa atitude de interesse e de aprendizagem. Uma atitude que não corresponde a um altruísmo e, sim, a uma necessidade. Trata-se de ativar aquilo que em nós precisa respirar.

A morte impele também ao modo que se fala dela, de quais modos queremos falar dos assassinatos motivados pela sexualidade. Como exposto, Benjamin, no

¹⁵⁴ *Graças, Pai*. Música cantada por padre Fábio.

mesmo ensaio que traz o declínio de intercambiar experiências, a partir de uma afirmação dos modos de vida burguesa pela informação, também aponta que na nossa relação com a morte há uma aposta privada e intimista de lidar com o fim. A morte em meados do século XIX ganha espaços propícios para acontecer – como hospitais e sanatórios – e sai de nossos olhos deixando de ser uma experiência sobre a vida. A morte só diria respeito àquele que morre.

Tirar a morte da notícia e jogá-la em praça pública é a aposta que poderemos apanhar narrativas a partir daquilo que se afirma como óbvio, como dado, como fim. A morte da travesti será nossa morte a partir da hora que faremos a história com ela, fazendo desta, uma história por vir. Livrar esse gesto de uma psicologia interiorizante será fundamental e fundante de uma outra aposta de narrar e falar sobre a vida do outro, mas também de ouvir. Deste modo, problematiza-se a Psicologia como um saber que se apropria da vida do outro para lhe atribuir um destino.

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.¹⁵⁵

A repetição das histórias de mortes de travestis aproxima-se do corpo desta que pesquisa e deixa de ser só um conjunto de membros que escreve sobre travestis assassinadas, mas passa a admitir um tédio carnal a essas repetições. O tédio carnal contado inúmeras vezes impele a pensar para que chamar o corpo à pesquisa. Pode a escrita pôr o corpo pra jogo? O tédio será um exercício sensível que auxilia na distância do local do crime: *o tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta.*¹⁵⁶ Assumem-se o tédio do pássaro e seus sustos como um modo de atenção ao ler notícias na jornada desta tese.

Reafirma-se que a narrativa não será somente um modo de escrita, mas sobretudo uma aposta que com ela pode-se interpelar histórias de vida e morte na busca não de explicações para assassinatos, mas para possibilidade de produzir um

¹⁵⁵ Benjamin (1996, p. 204).

¹⁵⁶ Benjamin (1996, p. 204).

acontecimento. Falar e escrever sobre esses assassinatos é uma aposta de que eles nunca nos deixem de suscitar espanto.

O jornal (impresso ou virtual) não é tomado como uma máquina específica deste declínio do espanto, mas um dispositivo que mobiliza certa modulação afetiva que faz falar ao mesmo tempo que economiza a fala. Essa economia, longe de impulsionar ao silêncio, pretende uma inércia da fala e nessa inércia a assimilação que pactua com uma opinião compulsória sobre a vida do outro. Opinião que está longe de despertar curiosidade que abre ao desconhecido, e faz do encontro com o assassinato uma experiência. Há, pela modulação da inércia, uma evitação com aquilo que faz perturbar qualquer ultrapassagem com a já estabelecida defesa da vida das travestis. Afirma-se, nesse processo de inércia da fala, “o tagarela”.

A criminalização dessas mortes, a assimilação das bandeiras por qualquer um que queira a igualdade LGBT, a desenfreada agenda de gestão para a população LGBT seriam então reivindicações possíveis, desde que não transbordem o já confinado corpo e não interrompam as vias públicas. Se insistirmos em não olhar para o asfalto onde tomba o tal corpo, se continuarmos mais atentos à solução do crime do que seus vestígios, podemos ser convidados, na próxima parada, a subir com o Padre Fábio Melo no carro de som patrocinado pela Rede Globo de televisão e de lá balançarmos juntos a bandeira pela vida que ventila criminalização.

A experiência travestida pela cidade não pode ser um corpo útil para o controle e o confinamento. É possível não nos acostumarmos a ouvir histórias passíveis de serem transformadas em um futuro prévio? Como nossa aposta em raspar histórias definitivas pode lançar sobras sobre o *confinamento do presente*?

VÍSCERAS

s.f (1721) ANAT **1** qualquer órgão situado na cavidade do tronco que desempenha uma ou mais funções vitais do organismo <o *coração, o estomago, o útero, o pâncreas, o intestino são v.*> #vísceras *sf.pl* **2** o conjunto desses órgãos; entranhas **3** *fig.* a parte mais íntima ou essencial de qualquer coisa; âmago, carne * ETIM lat. *vicera*, um, 'intestino, entranhas, vísceras de vicus, eris (sing raro) * COL entranhas. HOUAISS

Obstrução à luz do Sol

Está aberta a escrita. Manhã ensolarada em terras tijucanas. Portando uma espada parto à esgrima, buscando desesperadamente por rimas. Ruídos tenebrosos enchem o ambiente e o moderno “Sol” agora só faz suar. Olho pela janela que protege do alarde da rua, mas é em vão pensar em qualquer estratégia que conte com ela. Fechada, o sol castigaria com sua temperatura. Aberta, deixaria passar o estrondo desnecessário da furadeira do trabalhador. Ruidoso era o barulho que fazia lá fora. TRUMMMTRUMMMTRUMMM. Parece vir do andar térreo do prédio em que moro no bairro da Tijuca. TRUMMMTRUMMMTRUMMM

Escrita aberta e o incômodo crescente com o rumor. Andar por andar são percorridos: “De onde vem aquele barulho insuportável?” Primeiro pavimento e lá estavam os homens trabalhando para mais uma vivenda privada de cidadãos cariocas. TRUMMMTRUMMMTRUMMM. Fico olhando na espreita, procurando o momento certo de dar o bote: sonhava em dizer que parassem com essa coisa inútil de construir mais moradas. Inútil, aqueles trabalhadores nem olhavam, passo despercebida: Também não me preocupava com eles. Eu e minha escrita era só o que me importava. TRUMMMTRUMMMTRUMMM.

Volto à escrivaninha preta e cheia de papéis colados com citações de variados filósofos, poetas e alguns jornais sobre atualidade e mortes. Olho para a

tela e não consigo escrever! Memoro um texto com esse nome de Carlos Drummond de Andrade¹⁵⁷ no qual ele começava com essa indagação:

O que você perde em viver, escrevinhando sobre a vida.
Não apenas o sol, mas tudo que ele ilumina.

Tudo que se faz sem você, porque com você não é possível
contar.

Não dou trela para o mineiro, sigo fixada em minha escrita, ele, na verdade, se junta com o barulho da morada em construção. Quem precisa de sol! Não parava de suar. TRUMMMTRUMMMTRUMMM. Ambos me incomodam.

Chega! Insuportável! Vou andar pelo bairro, caminhar, respirar, pensar sobre a escrita. HUNNNHUNNNHUNNN. Os barulhos se alteram e dominam a cidade. E agora!? A construção de mais um metrô no bairro classe média carioca. HUNNNHUNNNHUNNN. Eu e minha escrita que raios podemos fazer? Correr? Beber? Precisamos fugir desse alvoroço. Ando, ando, ando... Os ruídos me perseguem, construções podem ser vistas em toda parte. Estrondo de uma cidade que se modifica radicalmente e diariamente. Rastros da cidade olímpica murmuram. HUNNNHUNNNHUNNN.

Sento numa esquina, nessas que botecos ainda preservam suas cadeiras de plástico, um copo dito americano e a cerveja que insiste em não gelar. Peço uma. Naquele momento, a cerveja quente é tradição e precisava de algo que me acomodasse: Encosto as costas naquela confortável cadeira vermelha e percebo que a “gelada” não desce. Estou cercada de carros. A esquina, em que apostava tanto, é cruzamento de velozes e altivos automóveis.¹⁵⁸ Fico rodeada de pessoas engravatadas, ternos alinhados, pernas semicobertas por saias clássicas e bustos escondidos por *tailleurs*, todos mais interessados em olhar uma mulher bebendo em plena luz do dia do que cuidar das suas passadas. Nesta encruzilhada o rumorejo continua, orquestra polifônica. Pago a conta.

Os olhares fabricavam ruídos. Eu não queria mais estar na rua. Quero ir para

¹⁵⁷ Andrade, Carlos Drummond. *Hoje não escrevo*

(<http://drummond.memoriaviva.com.br/um-dedo-de-prosa/hoje-nao-escrevo/> .Acesso em: 10 jan. 2013).

¹⁵⁸ “18.1% foi o crescimento da produção de automóveis no primeiro semestre deste ano [2013]. As montadoras fabricaram um volume recorde de 1.856.805 unidades no período. A alta no semestre reflete o crescimento de 4.8% nas vendas nos seis primeiros meses do ano”. Fonte: *Carta Capital*. Ano xviii, n. 756.

casa, minha escrivadinha preta, meus livros. Preciso escrever.

Ah, você participa com palavras?

*Sua escrita – por hipótese – transforma a cara das coisas,
há capítulos da História devidos à sua maneira de
ajuntar
substantivos, adjetivos, verbos?*

*Mas foram os outros, crédulos, sugestionáveis, que fizeram o
acontecimento.*

O que quer de mim esse homem de Itabira? Eu já estou na rua, não paro de andar. Andar, andar, andar . . .

P

A

F

T

Eu e minha escrita fomos ao chão. Que inferno esse monte de pedregulhos! Machuco-me inteira e só vejo pedras, entulho de uma cidade olímpica, para que tanta construção? O que se constrói? As pedras deixam rápidas cicatrizes na minha pele. Faço muita força para levantar e não consigo. O pó já começa a fazer efeito em minha respiração que começa a chiar, a asma era a única coisa que se fazia nova com a minha tentativa de levantar. Abro os olhos, a cidade é pura obra, construções por todos os lados e eu só queria escrever. Eu e minha escrita estamos com ódio. Mas, assim como a criança no canteiro de obra de Benjamin,¹⁵⁹ me senti irresistivelmente atraída pelo resíduo que surgia da construção.

Antes que nos desse o braço o trabalhador da obra superfaturada do estádio

¹⁵⁹ Benjamin (1997, p. 18-19).

do Maracanã, já não nos levantávamos mais. O operário insistia, mas eu e ela estávamos irredutíveis, não levantávamos, ficamos lá paradas, imóveis, cheias de pó e rua. Drummond era ruído, mas já queria ouvi-lo: *Concluiu que não há assunto, quer dizer: que não há para você, porque ao assunto deve corresponder certo número de sinaizinhos, e você não sabe ir além disso.* A cidade cortava os indicadores, borrava identidades. Seus restos estavam lá perdidos nos escombros. O que recolher?

O poeta não se aproximava muito dos adultos do “canteiro de obra” que insistem em apresentar para as crianças seus modelos de mundo. Benjamin nos atenta para a tolice pedante que são materiais educativos apropriados para crianças. Objetos que carregam marcas de especulações pedagógicas e de uma psicologia adulta: pedras devem virar casas. Pedras devem virar locais uteis e utilizáveis. Pedra é progresso. O poeta e a criança fragmentada por Benjamin insistiam em me deixar no pó das pedras.

Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente.¹⁶⁰

O operário insiste em nos levantar. Irredutível, não saio. “Mas o que você quer? Ficar aí para sempre? Saia está nos atrapalhando. Vai se machucar ainda mais. Caiu no entulho menina”. Os adultos do canteiro de obra, seus barulhos ocos, as encruzilhadas que já habitavam sem que nada lhes provocasse arrepios se contaminavam com o pó que vinha da obra-monumento. Obra que obstruíam as passadas daqueles que queriam deixar marcas menos preocupadas com seus objetivos, produtos, utilidades. Marcas que junto com o poeta mineiro teriam que escapar da escrita que

*não corta de verdade a barriga da vida, não
revolve os intestinos da vida, fica em sua
cadeira, assuntando, assuntando.*

¹⁶⁰ Benjamin (1997, p. 19).

A ossatura vai ao baile

Os arranhões são perceptíveis, eles precisam ser cuidados, mas com o tombo olha-se o chão. Muitos eram os resíduos das obras, entulhos imundos que faziam do chão um espaço em branco. Tateio o chão. Não somente com as mãos e seus sedentos dedos repletos de indicadores identitários. O tato é com o corpo todo, com a pele, com a coxa. Já as cabeças dos dedos rasgavam-se no contato com aquele enrugado piso. Nas pontas as digitais se diluíam, nem o mais atento policial conseguiria resgatar as identidades que se borravam com os pequenos materiais deixados pelos longos anos daquela paisagem.

Furo minha mão ao pegar uma pedra. Não conseguia ver nenhuma força naqueles resíduos. Estava no chão, com as garras escoriadas e olhava cada vez mais aquele tecido branco. Cada pedaço só me trazia a memória de uma cidade que queria ser lembrada pela “Copa das Copas”, a “maior Olimpíada do Mundo”. Tudo aquilo era paralisante. Viro de costas e olho para o céu, naquele instante alcancei minhas costas, ela também começa a sentir as rugas daquele piso. O sol machuca as vistas, os olhos se fecham e passam a ser menos necessários para a prática de pesquisar com a cidade. Começo a me mexer, com menos certezas do caminho, percebo que a trapeira que se apresentava outrora se confundiu em suas assertivas opiniões sobre a força do Capital. Tola, o que me tolhia foi achar que as coisas tinham origem e que as pedras só serviam à cidade olímpica. Aproximei-me daqueles ternos, me entusiasmei com os *tailleurs*.

Limite apresentado a um corpo e a um pensamento. Acreditei que a resistência à cidade, encerrada como palco do Capital, teria que partir de mim. Que trapeira é essa que na hora de sair à cidade abandona as coisas e se agarra às ideias de uma cidade? *Gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sobra na primeira manhã.*¹⁶¹ Confiei na criação do criador, aquela que se opõe à destruição chamando-a de má, apresentando-se como salvação aos homens bons. Claro que as esquinas não me diziam mais nada. O Eu

¹⁶¹ Foucault (1998, p. 18).

da escritora se inflou e sufocou os resíduos. A esfoliação do Eu escritor acionou outros fluxos escreventes. O arranhão sustenta-se no limite deste Eu e de um “corpo poroso que se inscreve no acontecimento”. Pode esse corpo salvar a escrita?

A escrita apresenta-se em primeira pessoa não mais para satisfazer a atitude narcísica ao olhar o espelho. Nas ruínas da cidade, olhar as coisas não para se refletir nelas, mas para desmontarmo-nos. Os destroços que nos arranham e perfuram provocam não o exame deles, mas o mergulho em tudo aquilo que a partir deles pode ser montado, deslocado, descontextualizado. Desconhecer para operar fluxos de escrita. As letras que se apresentam no encontro com as coisas deixadas e abandonadas pelo rápido acúmulo do Capital, pela frenética transformação arquitetônica do Rio de Janeiro em épocas de Copa e Olimpíadas e pela verdade oracular de “Notícias Diárias” são fragmentos de escritas que não almejam uma síntese ou uma forma preestabelecida de texto. Essa prática não pressupõe segurança, por isso a preferência da instrução em detrimento das normas, como apresentado anteriormente.

Montar para descontextualizar e incitar o conhecimento. Desconhecimento não é a ausência de conhecimento, mas uma provocação: desafiar histórias deixadas como restos na cidade. Da cidade que não é uma ideia ou uma experiência *a priori*, a trapeira não recolhe nada, procurando investigar ou explicar suas glórias e mazelas, criando respostas de melhoria urbana. Arranhões e marcas corporais não são transformações no corpo que carecem de nomeações e explicações solidárias. Esfolar a pele é marcar o corpo que implode o sentido biológico e, agarrado nas artimanhas das ruínas incessantes, impele uma escrita que não parte mais do pensamento alojado na cabeça, mas do corpo inteiro. Escrever para desconhecer e desmontar aquilo que se apresentava como único e essencial.

O ódio provocado pela cilada da vaidade, da solidão eficaz do criador, parecia dar forças para que as pontas dos meus pés, bem ali na cabeça dos dedos, fizessem um movimento. Começava a empurrar as pedras. O operário olhava imóvel. *As marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro.*¹⁶² Ele ficou imóvel e foi quando mais ajudou a mover os escombros. Os joelhos iniciam uma

¹⁶² Rolnik (1993, p. 224).

dobra e aos poucos as pedras eram deslocadas. Pedras mais flexíveis, palco propício para uma valsa da urbe que se agiganta. O texto precisava ser destruído, ali onde ele se confundiu com o preenchimento da folha em branco, no chão da cidade que por um triz não esqueci de olhar e ver que as coisas que me arranhavam marcavam uma superfície. Seguro novamente Artaud, o poeta do limite, *um escritor que só se autoriza a escrever a partir do contato e da potência de uma escrita falhada e ausente, em sempiterno estado de privação*.¹⁶³

O corpo poroso inscrito no acontecimento descobria o chão. Misturava-se com frações de histórias como se tivesse sido esquecido junto aos entulhos largados no canteiro de obras. A cidade, sempre em reforma, tinha muito desses nacos de objetos residuais deixados pelas suas apostas redentoras de mudanças. A escrita porosa já se perdia da finalidade do texto finito e experimentava cada pedacinho de chão, cada espacinho perdido da obra. Encontrava-se com fragmentos de cidade deixados no meio de uma massa de pó.

Aquela pele esfoliada necessitava de ar fresco e de espaço livre – isso era mais forte que todo ódio. Assim, as mãos se agarraram ao chão e as pedras são tateadas, provoca-se um movimento. As mãos, principalmente com os exercícios de abrir e fechar, fazem força com os dedos e destroem as pedras. Neste deslocamento, as pedras tornam-se resíduos. Nada se cria, só se destrói. Os olhos já estão vermelhos de reação ao pó e ao cheiro que vêm das ruínas da cidade construída para o progresso. Escrita e corpo são lascados para dar espaço ao acontecimento. O mesmo que possibilita uma aposta corpórea da escrita. Será nessa imbricação que veremos nosso começo. O começo, portanto, parte das migalhas de pedras destruídas, dos restos, das lascas e nunca da origem.

O corpo sujo e cansado vai abrindo caminhos. Numa posição supostamente humilhante, caminha-se para levantar. As mãos já estão firmes no chão e os dedos do pé já ajudam os joelhos a se equilibrarem evitando que o contato com o chão os machuquem. A proteção não pode vir sem o arranhão. Na posição “quatro apoios”, popularmente chamada “de quatro”, vejo detalhes que um pesquisador que permanece com a cabeça para o céu dificilmente viria. Sua cabeça geralmente tem uma única direção onde a luz toca. A luz ilumina o topo e a cabeça é o receptor da

¹⁶³ Kiffer (2008, p. 212).

iluminação.

A luminosidade que chega à cabeça é fundante da sua teoria. A teoria representa ou explica a realidade sempre a partir dessa luz. O clarão, neste caso, não machuca as vistas, não faz suar, pois leva à busca da origem de um problema, de um fenômeno, no caminho dificilmente se risca, pois o olho nunca fecha, está sempre observando. Se esse raio luminoso provocar qualquer alteração na rota teórica, provocar veredas, sabe-se que é necessário controlar tais descaminhos não necessariamente em laboratórios fechados, mas por exemplo, com perguntas certas na anamnese. Almeja-se uma profundidade para que esse pesquisador faça de sua teoria uma teoria aplicável, uma teoria de efeito. O essencial das coisas é fundamental para pensar o que constitui o fenômeno, e desta forma ser garantido uma intervenção, ou indicativos, ou regras motivacionais para que a luz possa continuar assegurada em sua cabeça e que dos desvios apreenda sempre o objetivo. Mas será que lembra do moço que o ensinou a pensar?

Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é sua fineza de atenção.¹⁶⁴

Com os joelhos no chão e as palmas das mãos abertas cheias de furinhos dos resquícios da cidade – “de quatro” –, só posso pensar que pesquisadores verticais, cuja víscera é uma cavidade situada numa parte do tronco, dificilmente mexem a bacia ou experimentam o ar. Pesquisadores eretos respiram, mas será que experimentam o ar? O ar, essa coisa leve, resumida pelos gerentes do corpo como uma substância fundamental para respirarmos, atravessa-nos por diversos poros, há quem pense que é só pelo nariz, geralmente esses são os eretos, sempre preocupados com a utilidade das coisas.

Com quatro apoios, diversas partes do corpo sentem o chão e o ar bate com mais força em dobras de difícil toque. Imagine um pesquisador que tem no seu caminhar o ar batendo na sola do pé. O oxigênio que fica nos contornos. O pesquisador que experimenta a cidade entre os dedos. Abrir espaço com joelhos,

¹⁶⁴ Rosa (2001, p. 116).

coxas, dedos, ventre pode ser uma experiência visceral?

O ar, coisa que faz a vida acontecer. Do ar interessa a leveza, aquela trazida por Calvino, cuja *intervenção se traduziu por uma subtração do peso*. O ar referido é aquele apanhado durante toda a tese. Ao levantar, ao deitar, caminhar, sentar, cair, abaixar... assim, a partir dessa substância, atenta-se à leveza. Invisível e gracioso o ar adquire diversas formas e texturas, provocando a abertura de espaços e caminhos. Espaço que é construído com o corpo e ele próprio é o corpo. Se falo que a pesquisa será feita com o corpo: corpo, espaço, pesquisa pretendem-se inseparáveis.

Pensar o regime de escrita e dos corpos num trabalho sobre o corpo da língua – a própria letra – que, para além dela, encarna doravante a necessidade de destruir os paradigmas dicotômicos que ainda sustentam, e muito, nossas apreensões do homem e do mundo.¹⁶⁵

Escrever, passar o mundo a textos, estar atento ao acontecimento é abrir passagem para que esse ar se transforme em sopro e possa ser a possibilidade da existência do próprio escrito. O sopro, como materialidade desse ar, cria espaço, destitui aquilo que na obra é representação do mundo. A partir de Artaud, segue-se riscando-se com a escrita e furando-se com as pedras daquela suposta cidade. Perfuração que não a remeta à interioridade do corpo e nem impõe um relevo psicológico.

A escrita como *máquina perfurante*, desesperada por ar, exalta a força purulenta de tudo destruir. O texto não representa mais um eixo, ele é corpo. As letras querem menos ser palavras e com o sopro fazem a tessitura ganhar contorno, que, por sua vez, não isola a parte interna, mas a perfura. A escrita ganha poros.

A superfície perfurada é dentro e fora, côncavo e convexo ao mesmo tempo. E assim o gesto que perfura o texto é o mesmo que faz manifestar a escrita com seus traços trêmulos, papel enrugado, que porta doravante as marcas do próprio gesto que as faz surgir.¹⁶⁶

Com poros, o texto respira e é impelido a abrir mão de buscar a verdade apaziguadora das diferenças e dos conflitos. Nada é mediado pela palavra.

¹⁶⁵ Kiffer (2005, p. 42).

¹⁶⁶ Kiffer (2005, p. 44).

Arranha-se ela que pretende representar o mundo e afirmá-lo em um conhecimento único. Essa condição é uma aposta de atenção entre mundo e texto. Animados nessa atenção ou exatidão – como prefere Calvino – perseguem-se as coisas e a partir delas pensa-se o mundo em suas infinitas possibilidades. Com corpo poroso, que já se distancia do Eu sufocante do criador pedante, apreende a existência em sua profundidade, ali onde ela nos é mais cara: na superfície.

O chão em sua branquitude não convida a completá-lo com teorias gloriosas, mas destruí-lo. Nesse gesto, a pesquisa superficial é riscada, manchada, estriada. Nessa destruição Artaud se alia, pois:

O que ele busca destruir do texto seria seu relevo psicológico preche de interioridades, para justamente apresentar um trabalho que perfura as superfícies, incluindo os suportes materiais do texto, ou seja: papel, letra, posição na página, tinta, pigmentos, traço, musicalidade, sopro.¹⁶⁷

Branco no chão da promissora cidade está longe de ser vazio, ou cor neutra, carente de uma escrita confiante no futuro certo. Chão branco é a própria escrita. Escrita de si, que vai se compondo não para saber, mas para afirmar que na superfície, com o corpo e suas pressões, se tecem prosas infinitas. A cidade do Rio de Janeiro era obra e destruição por todo lado. Perde-se na rua, a escrita não mais acontece sem essa condição. Escrita aberta que se chocava com a urbe edificada pelo Capital. A partir do tato, tinha vontade de destruição. *Alguns transmitem as coisas, tornando-as intocáveis e conservando-as; outros transmitem as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as. Esses são os chamados destrutivos.*¹⁶⁸ A necessidade de agraciar caminhos, sem criar nada, só destruindo, vai transmitindo carne a escrita. *Destruir remoça, já que remove os vestígios de nossa própria idade; traz alegria, já que para o destruidor, toda a remoção significa uma perfeita subtração ou mesmo uma radiciação de seu próprio estado.*¹⁶⁹ Curiosidades são fomentadas. Pesquisar pra quê? Pra que escrever? Fazer questões e manter a irreduzibilidade a querer levantar com qualquer apoio?

Apoiar-se apenas com os dedos, experimentar tatear os implacáveis escombros dos rastros deixados pela promessa de vida do Capital. Dedilhar pedra

¹⁶⁷ Kiffer (Ana, 2005, p. 44).

¹⁶⁸ Benjamin (1997, p. 237).

¹⁶⁹ Benjamin (1997, p. 236).

por pedra. Sentir o pó. Tocar a rua. Não para deixar suas marcas identificadas, ou definir novos caminhos. Longe da deriva irracional e distante da certeza da racionalidade, a questão se faz entre o pó deixado pelos movimentos de crescimento urbano e dos resíduos de atos cortantes e abruptos da retirada constante de corpos da cidade. No paradoxo entre vida e morte, que não mais são polos antagônicos, a escrita mergulha para encontrar fluxos que abram cursos interrompendo o estado limite que nos é imposto pelo finito. Agora era ver caminhos por toda parte.

Levanta-se não sem perceber os pontos de apoio, utilizando partes do corpo para pensar. Recolhe-se com as marcas de um caráter destrutivo que não vive *do sentimento de que a vida é digna de ser vivida, mas de que o suicídio não compensa*.¹⁷⁰

Escrever, então, passa a ser uma responsabilidade terrível. Invisivelmente, a escrita é convocada a desfazer o discurso no qual, por mais infelizes que nos acreditamos, mantemo-nos, nós que dele dispomos, confortavelmente instalados. Escrever, desse ponto de vista, é a maior violência que existe, pois transgide a Lei, toda lei e sua própria lei.¹⁷¹

Ruas imundas, traços e destinos

Lanço-me as travestis e seus restos para pensar a cidade, o corpo, a escrita. Travesti e resto só se apresentam quando escavo o chão, mexo nas terras e nas palavras endurecidas pelos embates do dia a dia. *Recolhidas enquanto restos, despojos mesmo, detalhes menores, precários, sem sentido até. Mas que sejam usadas no desassossego de sua alteridade, daquilo que não cabe na ordem dos dias*.¹⁷² Nesses embates, Calvino é lembrado junto da luta de Perseu para escapar da Medusa;¹⁷³ a ele parecia que o mundo inteiro havia se transformado em pedra. As pedras que eram encontradas pela cidade semelhavam-se muito com as de Calvino.

¹⁷⁰ Benjamin (2013, p. 99).

¹⁷¹ Blanchot (2010, p. 9).

¹⁷² Rodrigues (2012, p. 66).

¹⁷³ Calvino (1990).

Olhava as travestis que se prostituíam no Largo do Arouche e só via uma travesti; a travesti petrificou-se junto com sua identidade. Afinal, quem sabe o que é uma travesti? Roberta Close recusou-se se generalizar. Generalização e pedra me parecem elementos de uma mesma aposta epistemológica. Criação de perguntas sedentas de fim ou deslumbradas nas possibilidades de afirmarem a diversidade? Percorrer seus porquês, adentrar suas intimidades faria cada vez mais desaparecer os arranhões.

O sol da manhã convida para um passeio. Paro na padaria peço um “expresso”, parece que a calma reina nas ruas tijucanas. Crianças correm para chegar numa pedrinha solta na calçada, agacham e pegam-se nesta brincadeira: passar a mão na parte áspera daquele pequeno rochedo. Sorriem e jogam o objeto no chão, largam aquele novo brinquedo. Na porta do estabelecimento, são conquistadas por frangos espetados que rodopiam dentro de um forno para que suas peles fiquem bem tostadas. As crianças não sabem disso, talvez sejam atraídas por aquela dinâmica ou pela atenção da cadela, com as tetas cheias de leite, que fixamente olha o comandante daquele movimento pedindo pelo menos um pedacinho daquela carne. Não sei, as crianças não precisam saber, são atraídas e obedecem a essa atração. Fico um bom tempo com elas, ao lado, até que seus responsáveis as carreguem no colo, levando-as rapidamente daquele encanto.

A banca de jornal está logo ali, na frente da padaria, uma dupla perfeita nas ruas da cidade: padaria e banca de jornal. Folheio algumas revistas, vejo as notícias nas primeiras páginas dos jornais, mas queria ler outras coisas. Uma revista bem colorida me chama o olhar, na capa jovens que saúdam uma cultura do surf me atraem a leitura. Abro. No índice a promessa: *O psicanalista explica por que homossexualidade incomoda tanto?* A máxima: todos querem dar uma opinião; todos falam de sexo. O convite a tudo dizer volta ao cenário dos interesses de uma vida à diversidade. A revista promete anunciar *“De onde vem a homofobia? Como*

funciona o preconceito de quem acha que não tem?” E para responder essas e outras perguntas convidamos o psicanalista – que sonha com um tempo em que ser homo, hetero ou bi não seja fundamental para definir nossas identidades.

O psicanalista é certo em não tolerar a homofobia, mas uma coisa escapa: ele só fala de gays e lésbicas. Mas nem titubeia ao afirmar que é a favor da criminalização da homofobia. Precisa ter uma lei que breque com essas mortes. Quem lembra das meninas e seus corpos estampados nos jornais do povo? Na revista praiana juvenil não as encontrei. De que lei fala o psicanalista? Ele fala muito. Diz *que ninguém se incomoda com algo a não ser que seja objeto de um conflito interno. O homofóbico tem dificuldades de conter traços homossexuais que estão dentro dele.* Quando o preconceito virou fobia? Alguém se incomodou com as tetas da cadela? Pingavam. O psicanalista que nasceu na Itália e é radicado em São Paulo já chega aos seus 63 anos e tem clareza de *que as identidades são importantes para a luta, mas que quando a necessidade desta luta acabar torce para que o mundo não precise mais se dizer hetero ou homo.* De que luta fala o psicanalista? Aonde se alojam os traços homossexuais?

O sol perturba a nuca. Entro um pouco mais na banca. Homofobia, homofóbico, cadeia, punição, lei são palavras repetidas algumas vezes pelo entrevistado. *Eu não diria que o homofóbico é um gay enrustido. A homofobia responde a uma necessidade de reprimir uma parte da sexualidade, mas não significa que essa pessoa seja homossexual.* O psicanalista insiste em usar seu saber para interiorizar seja em corpos passíveis de conflitos internos, seja em prisões: a lei precisa existir. A explicação vai se tornando cada vez mais clara e convincente: *é alguém que está reagindo neuroticamente a traços da homossexualidade que estão em cada um. Isso já é o suficiente para criar a homofobia.* Encerra-se o homofóbico. Traços homossexuais me rememoram Leonídio Ribeiro. O traço e a prisão não me deixam esquecer de Lombroso. De qual luta estamos falando? Todos têm direito. Restos de chão, destino da corrida das crianças não servem para nada, não alteram o pensamento da psicanálise que se apresenta aos corpos dourados da revista. Restos de chão são pedras.

Ávidos por criar perguntas e respondê-las, por criar problemas e solucioná-los, defendem um humanismo que preencha o vazio de um homem

fraco e sem força, um homem angustiado e perplexo, necessitando de tutela.
174

Seus corpos desenhados no breu da noite paulistana só podiam ser vistos com a fumaça lançada pelos cigarros de seus clientes e amigos. Olhando-as, com a força do que delas me revida esse olhar, crio minhas curiosidades. Mudança radical em como aprendemos na psicologia (na maioria das psicologias) a fomentar curiosidades. Roubei a tática de Perseu, contada por Calvino, que não encarou a Medusa, sabia que seria transformado em pedra. Olhei o vulto das meninas. Não queria ser transformada em pedra e muito menos ser a Medusa delas: olhá-las e petrificá-las.

O problema é mesmo anterior à Psicologia, vem de nossas escolinhas, crianças sentadas aprendem a ler e escrever. Partem das letras para imaginar o mundo. O mundo vem posterior as letras. A questão é evolutiva: primeiramente desenham famílias felizes e casinhas bucólicas, depois esquecem os desenhos e partem as letras, posteriormente avançam as palavras e depois os sentidos das palavras: a única finalidade das letras. A palavra tida como fim de uma concepção pedagógica funda o sujeito, marca-o, o identifica. Para nós essa palavra, vista como o destino do encontro das letras, encerra o conhecimento e não abre caminhos. Daí Calvino ter diagnosticado a atualidade como tomada por uma epidemia pestilenta em sua faculdade mais característica: no uso das palavras.

O vocábulo que funda, marca e encerra é oposta a palavra usada por Calvino, Artaud e Benjamin. “Como escrever bem” é um texto benjaminiano que encoraja o pouco uso das palavras, para a psicologia das interioridades seria um desaforo do filósofo tal proposta. Por isso, muitas psicologias preferem tê-lo como um estudioso da narração, como se o que estivesse em jogo é pensar o que constitui – para desvelar – uma fala, uma história, um discurso. A palavra trazida a língua, se resume a uma função: uma gramática da inércia. Nesse contexto, a pluralidade é

¹⁷⁴ Baptista (1999, p. 46).

chamada para a cena da psicologia e dos estudos da diferença. A diferença seria o plural, que por sua vez tem origem no sujeito privatizado. A querela do indivíduo estaria assegurada com os estudos da afirmação de um sujeito único, que precisa falar para resolver e liquidar seus conflitos, apaziguar seus tormentos. Decifra-te. O conhecimento funda-se na língua. O tagarela é o sujeito moderno que precisa afoitamente se conhecer, se nomear, fazer sentido. Mas, Benjamin nos lembra que

[...] o dizer não é apenas a expressão, mas também a realização do pensamento. Do mesmo modo que andar não é apenas a expressão do desejo de alcançar um objetivo, mas a sua realização.¹⁷⁵

Ora, o que o amigo berlinense nos apresenta é que o pensamento não é algo abstrato que se organiza internamente e se expressa no corpo, ele é o próprio corpo. O pensamento inventa o corpo, o desenha. O encontro com a fumaça nas esquinas que gargalham (

Atarantado pelos automóveis,
meus olhos são varados pelo néon
degusto minhas doses de cinismos nos
balcões molhados pelo vácuo.
As mariconas fustigam meu corpo com
olhares sórdidos, cada olhada fere
fundo e cria crostas que se
endurecem; até a noite acabar estes
olhares superpostos me tornarão
immune. Avenida São Luis e seus anjos
turvos, supermarketing de pupilas
frenéticas, sob as árvores do poder
acaricia e intumesce caralhos
lânguidos.
Há pelos corpos em fila uma náusea
imprecisa, eu vejo uma sinfonia de
cusparadas e aprendo acordes
sombrios com os quais devo ornar
minhas pernas metidas num
blue-jeans rasgado.
Meu camarada uns passos à frente
negocia sua boca de estátua grega
perfumadas por conhaques e baforadas
com um pederasta untuoso que pilota
uma reluzente máquina.
Nós viemos do subúrbio numa
progressão eufórica, bebemos várias

¹⁷⁵ Benjamin (2013, p. 129).

cachaças & nossos corações
acossados pela média preferem a
autocorrosão, mas é assim que a
cidade nos gosta.
Eu vejo funcionários públicos
levemente maquiados.
Eu vejo policiais que me tocam os
passos com ameaças de sevícias.
Eu vejo as bichinhas evoluírem
num frenesi azeitado por
anfetaminas e um desespero
dissimulado.
As mariconas não as buscam,
por isso elas exorcizam a noite com
gritos e veem nos outros rapazes
um frisson de inexistentes
limusines.
O poder pelas esquinas gargalha.
Atarantado pelo sono, embarco
ríspido num carro.
Logo mais de madrugada ejacularei
catarro, voltarei no ônibus com
meu amigo, adentraremos em
silêncio o subúrbio sabendo que
algo em nós foi destruído.¹⁷⁶

) explode a lógica escolar e evolutiva dos adultos do canteiro de obras, dos psicanalistas dos corpos dourados e aposta-se em *uma nova prática de escrita aliada ao traço pictórico*.¹⁷⁷

A aposta é de Artaud, que queria que a escrita se contaminasse com o desenho. Entende-se com este movimento que é necessário não afastarmos aquilo que escrevemos daquilo que imaginamos, imaginação não mais com uma operação interna e mental, mas como uma relação com as imagens que se apresentam aos nossos combates – ou, para utilizar uma palavra destrutiva, as imagens que nos chocam. *A imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez nem seja, mas que poderia ter sido*.¹⁷⁸

¹⁷⁶ “Summer 77”. Texto de F no livro de Nestor Perlongher (2008, p. 63).

¹⁷⁷ Kiffer (2005, p. 39).

¹⁷⁸ Calvino (1990, p. 107).

Essas imagens, nossos fragmentos, cortam o conhecido, embaralham o significado preescrito. Não se parte da palavra para fundar a realidade e nem mesmo da realidade para que palavras sejam criadas. Aposta-se neste entre: no entre a palavra e a imagem. Retomamos assim o tempo-do-fragmento. A distância entre aquilo que olho e aquilo que me vê, a imagem que me revida o olhar, essa imagem, tomada dialética, sustenta-nos na política de contar histórias como uma experiência. Experiência talvez que seja o pleito político desta tese. Contar histórias para salvar experiências. Por isso movimenta-se tanto, para isso precisa-se livrar a escrita do Eu-escritor, para tudo precisa-se de jornais. Experiência que não se define e muito menos pertence a alguém: *tecida na passagem no entrelaçamento de fragmentos de histórias de muitas vidas, não se mostra passível de completar-se, fechar-se ou de esgotar-se.*¹⁷⁹

Artaud em seu quase manifesto por um teatro que supere a psicologia naquilo que ela pretende trazer tudo o que é desconhecido ao conhecido nos retoma a força gesto:

Para quem se esqueceu do poder comunicativo e do mimetismo mágico de um gesto, o teatro pode reensiná-lo, porque o gesto traz consigo sua força e porque de qualquer modo há no teatro para manifestar a força do gesto feito.¹⁸⁰

Ou em palavras ainda mais purulentas

Ou trazemos todas as artes de volta a uma atitude e a uma necessidade centrais, encontrando uma analogia entre o gesto feito na pintura ou no teatro e um gesto feito pela lava no desastre de um vulcão, ou devemos parar de pintar de vociferar, de escrever e de fazer se lá o que for.¹⁸¹

Nessa avalanche de citações, aposta-se que Artaud se levanta contra o traço que representa um corpo, que insiste em catalogá-lo, controlá-lo, neutralizá-lo. Tromba com vidas eminentemente fracas, carregadas de uma ignorância construída no encontro com uma política de saber que o impõe a palavra. Traços pictóricos que desmontam corpos anatômicos e impotentes, o corpo com seus movimentos de

¹⁷⁹ Rodrigues (2006, p. 12).

¹⁸⁰ Artaud (2007, p. 91).

¹⁸¹ Artaud (2007, p. 90).

destinos prescritos: do “Menino Tourette” do subúrbio carioca, da travesti que quer visibilidade nas boates do Largo do Arouche.

Artaud lança-se a uma escrita que com os pincéis faz pressão na folha em branco, enruga ao mesmo tempo que desenha, escreve ao mesmo tempo que faz gesto. Nessa aposta, há um corpo que não se representa e gestos que saltam salvando a escrita de palavras carregadas de significados. O texto agora desenha traços de um corpo potente, traços que vão imprimir um corpo que coloca a ossatura para bailar. Gestos que se alinham há manchas e desenhos e menos preocupados com nomes e diagnósticos.

Talvez essa seja a pista que Artaud apresenta-nos ao comentar o trabalho de Van Gogh. Aposta-se que, ao fazer essa análise de Van Gogh, Artaud o salva do suicídio, mesmo que a morte já esteja consumada: *não há fantasmas nos quadros de Van Gogh, não há visões, nada de alucinações. É a verdade tórrida de um sol das duas da tarde.*

*Não, não há fantasmas nos quadros de Van Gogh, nada de drama, nem assunto e direi que nem mesmo objeto, porque o tema mesmo qual é?*¹⁸²

Mortes. Pedras. Superfícies

O que antes aconteceu / Neste local, se dissipou. O que aqui acontece, / acontece agora, e somente uma vez. Brecht. Devo iniciar com ele a tarefa difícil de me diferir de uma aniquiladora de travestis. Talvez esse seja um desafio colocado à pesquisa: o limiar *entre fazer viver e deixar morrer*¹⁸³ e a pergunta *o que estamos fazendo de nossas vidas?*¹⁸⁴ O primeiro movimento é: escolheu-se falar mais uma vez de sexo, logo não podemos inventar ou afirmar mais nenhuma proibição. As

¹⁸² Artaud (2007, p. 66-67).

¹⁸³ Questão apresentada por Foucault na História da Sexualidade I, sobretudo no capítulo intitulado: direito de morte e poder sobre a vida (FOUCAULT, 1999).

¹⁸⁴ Questão apresentada por Foucault no texto “o que são as luzes”. Interessa-nos sobretudo a discussão com Baudelaire: *O homem moderno para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e suas verdades escondidas: é aquele que busca inventar-se a si mesmo* (FOUCAULT, 2005, p. 344).

histórias das sexualidades estão saturadas de castrações, interditos, punições, patologias e prisões. Outro movimento me pareceu ainda mais propício: o tempo do fragmento retirado dos jornais em que foram lidos os assassinatos extrapolam a aposta de uma luta direta pela vida e parte para seus contornos. Daí outros problemas: nenhuma morte se repete, como contabilizar? Contradição de uma aposta em escavar a terra e chamar *pro* baile mulheres assassinadas sem querer decifrá-las, lhe dar sentidos ou formas.

Conta-se. Muito se conta. Interessa sobretudo o presente, não como um tempo fixo e espremido entre o passado e o futuro, mas como um tempo de agora, impregnado de acontecimento. Entendemos, entretanto, que a morte é nosso acontecimento. Nosso, pois vem a tese. Nosso, pois nos desloca de um Eu que opina sobre o assassinato e nos implica nesse jogo de morrer. Nosso, pois o Eu que escreve diluiu-se, machucou-se na queda da cidade que corta o isolamento triunfante do iluminado criador. A morte das travestis é nosso ensaio, e com ela queremos ensaiar e ensaiar-se... *Esse ofício que tem a ver com escrever e fazer escrever, com ler e dar a ler, com certos modos de falar e de ouvir, modos de pensar e de dar a pensar.*¹⁸⁵

Ensaiai com elas não significa para elas, pois delas não se quer afirmar nada. Sobre elas, a partir de um saber não intrometido, aposta-se que não é preciso dizer mais nada. Essas escritas não são sobre pessoas, mas sobre corpos. Não os corpos únicos, mas modulações de corpos, corpos vivos e que se espantam. Nem chegamos perto do IML, não houve interesse de dissecar seus vestígios, buscando a causa do assassinato, seu passado morto. Preferimos pensar sobre um rio em que foi encontrado uma pessoa boiando. O que será feito dessa pessoa? Pode um corpo que boia tensionar o corpo anatômico que se traveste? Essas mortes têm efeitos. Não sei por que se matam tantas travestis no Brasil, isso é apavorante. Sei que o corpo inscrito no acontecimento, as palavras desenhadas, precisam que a vida pulse e para isso apostou-se em não falar mais sobre a travesti, suas escolhas e caminhos, mas interferir em histórias de mortes encerradas.

Recusou-se o saber que petrifica. Procurou-se desmontar aquilo que é fundamental aos imperativos anatômicos “*osso, armadura e carcaça*” para fazer

¹⁸⁵ Larrosa (2004, p. 28).

*surgir a carne viva e tremulante.*¹⁸⁶ Escrever a partir daquilo que apavora não se limitou a solidariedade aos “mais fracos”. O primeiro movimento foi não querer falar de ninguém, pois com a escrita opera-se uma invenção de si – neste sentido, a primeira pessoa passa a não ter pertencimento. Usá-la para confundir os gêneros e não para afirmar um Eu. Ensaíar. Entender o texto como experiência que rasga e modifica. Nesse jogo, distancia-se da vontade de devorar ou utilizar o outo no banquete de conceitos coloridos que reluzem sintetizações e explicações.

Embaralhar-se, perder-se e inscrever-se naquilo que acontece agora, neste exato momento da história. Quando se quer a vida, um turbilhão de modulações não é preciso remeter ao passado nossas curiosidades, mas afirmar o que do passado interessa para o presente. Convidar as mortas para o baile das ossaturas para tensionar aquilo que nos é mais familiar, nosso próprio corpo. Estranhar o corpo é criar curiosidades para uma história que se quer feita de presente. Estranhar para desenhar-se. Desenhar o presente, mesmo quando ele já deixa de ser.

Abandonar a pergunta *quem é você* é uma aposta de não fazermos de nosso saber mais uma faca amolada¹⁸⁷ que mata a dúvida. Esperar do outro respostas é desgraçá-lo.¹⁸⁸ Interromper modulações esperando formas de vida. Queremos o saber destrutivo. Optou-se uma troca de perguntas: *quem é você? Ou, quem somos nós?* Foi jogado longe com as pedras daquela construção – provavelmente servirá àqueles que almejam mais conforto ao assistir ao jogo numa arena do que sentir a vibração dos memoráveis estádios de futebol.¹⁸⁹ De outro lugar, com outra ossatura escolhemos, com Foucault, perguntarmo-nos: *o que estamos fazendo de nossas*

¹⁸⁶ Kiffer (2005, p. 41).

¹⁸⁷ Baptista (1997).

¹⁸⁸ Assim, no Sim da resposta, perdemos o dado direto, imediato, e perdemos a abertura, a riqueza da possibilidade. A resposta é a desgraça da questão (BLANCHOT, 2010, p. 43).

¹⁸⁹ Paulo Machado Carvalho, o Pacaembu, amigo, como foi difícil me despedir de você [...]. Tudo isso, amigo, pra te contar que acho que não vamos mais nos ver com tanta frequência. Como você sabe, inventaram uma tal arena do outro lado da cidade. Não que eu não goste, mas a gente tem uma relação de anos e só se eu fosse muito lunático para ignorar e destruir uma relação tão boa sem mais nem menos. Me desculpa, amigo, mas eu não pude evitar. O que estava ao meu alcance, eu fiz. Ainda estou fazendo. Se perguntarem, sou eternamente mais você, você sabe disso. E das suas arquibancadas de cimento sujo, dos seus banheiros mais quentes que qualquer coisa, dos seus vendedores que pulam pra dentro pela árvore, da praça, da banca, do museu, da escada que o 2º BPM sempre fecha, da maria mole por R\$ 4, do pernil na saída, do rasga-calça que não tem efeito nenhum a não ser aumentar pressão por aquele absurdo de sal, de você inteiro. Sou mais você sempre. (<http://impedimento.org/carta-ao-meu-amigo-ou-nao-aprendi-dizer-adeus-mas-tenho-que-aceitar/> Acesso em: 10 jun. 2015).

vidas?¹⁹⁰ Apostou-se que ler jornais os dissecando para que lá se movimentem histórias seria uma tentativa de desenhar *inconclusas modulações de nós* e talvez habitar um limite entre a pergunta e a resposta.

Ou seja, que possam capturar e narrar andares recortados, encontros com situações-problema, fundando enfim modulações inconclusas de nós em uma experiência que não abdique da arte de contar.¹⁹¹

Deste modo, contar histórias nos impulsiona a travar outra postura diante de um problema ou de uma questão. Busca-se conhecer para modularmo-nos. O conhecimento não tem mais direção, não busca a luz e nem seu foco. Querer o fim dos assassinatos de travestis para destruir verdades prenes de corpos eretos, de ossaturas que não bailam. Carcaças fétidas dos cursos de anatomia. Recolher os restos para afirmar o sopro neste sufocante mundo que ainda não sabemos se vale a pena, mas que é necessário inventarmos. Querer contar as mortes para devolver ao mundo o seu espanto.

Raiz e flores

A cabeça é a flor e não as raízes. Montaigne – contado por Starobinski, em sua fala de agrado ao receber o Prêmio Europeu do Ensaio – parece ter respondido as críticas de ser um autor superficial dizendo que das matérias que escolhia pretendia apenas aflorar e agarrar pela cabeça. Sabe-se que Montaigne sofreu grandes penas no mundo erudito-acadêmico por ser fiel à prática de ensaiar. Difícil definir o que é ser fiel a um ensaio, pois trata-se de um exercício de escrita que não se submete a nenhuma regra. Neste sentido, Starobinski foi preciso ao dizer que a

[...] universidade, no apogeu de seu período positivista, tendo fixado as regras e os cânones da pesquisa exaustiva séria, repelia o ensaio para as trevas exteriores, correndo o risco de banir ao mesmo tempo o brilho do estilo e as audácias do pensamento.

Se o pensamento não é algo abstrato que se expressa no corpo e afirmamos sua dimensão corpórea, o que corre riscos, com a aposta única de uma escrita

¹⁹⁰ Foucault (2005).

¹⁹¹ Mizoguchi, Danichi Hausen (2013, p. 53).

acadêmica que se quer mais séria do que pictórica, mais rígido que plástico é o próprio corpo. As modulações corpóreas assassinadas pelas ruas do Rio e de Sampa são cortes abruptos de tentativas de ensaiar, de almejar uma prática corpórea sem regras, que não significa desregrada ou sem noção. Escrever sobre sexualidade, sua dimensão corpórea, ser mais letras nesta sopa,¹⁹² não com a intenção de na largada já afirmar uma escrita que representa algo: seja uma luta contra a transfobia (fobia de travestis e transexuais), seja para representar uma nova bandeira contra a criminalização da transfobia. Ao produzir mais letras sobre assassinatos de travestis, buscou-se ensaiar.

No ensaio, por menos regras que temos, pretende-se *pensar com as mãos*, com as coisas que o mundo nos oferece. Os restos produzidos pelos assassinatos não serão buscados no IML, pois não nos interessa- o resultado dessas mortes, mas o que elas movimentam. Os fragmentos se encontram com *imaginações vacilantes* e o que se escreve se afasta ainda mais do enfraquecimento da imaginação e da sua privatização quando ela é sempre remetida para a cabeça. O famoso dito popular “esquece isso, é coisa da sua cabeça” é um pequeno endereçamento para que deixemos de lado tudo o que nos encontra e nos atormenta. O esquecimento do imaginado é pedido para que deixemos de nos aborrecer com coisas menores e passemos a nos importar com o que é escolhido para ser uma valiosa preocupação.

Escrever sobre o assassínio de travestis no Brasil certamente é uma dessas coisas que precisam ser esquecidas, não aborrecer, passar adiante deste problema. Neste sentido, de um problema inglório, aquilo que não merece ser escolhido como uma preocupação, é que agarramos com as mãos os pedaços de jornais. Sua condição virtual não nos impede de tocar de sentir a aspereza de suas folhas e manusear suas fotos. Salto alto, panfleto do dia da visibilidade trans, abaixo-assinado sobre a criminalização da homofobia, forró, reparar na fumaça. É preciso pegar tudo o que o mundo oferece para tagarelar sobre a vida das travestis? Não, mas para ensaiar.

O que é posto a prova, principalmente, é o poder de ensaiar e experimentar, a faculdade de julgar e observar. Para satisfazer plenamente a lei do ensaio,

¹⁹² Alusão à dissertação de mestrado de Regina Facchini: *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo* (2002).

convém que o “ensaista” ensaie a si mesmo.¹⁹³

Starobinski se distancia muito de alguém que almeja ser o “dono do ensaio”. Penso-o como um atormentador do pensamento. Alguém para acompanhar os manuseios dos vestígios de mortes de travestis, atentar a passadas mais livres pela cidade e em escritas menos representativas de um corpo. Um autor menos preocupado em ser um autor-retrato e mais em deixar centelhas de vividos, assim como as travestis alcançadas nos tropeços pela urbe.

Ensaiar com a cidade, nas noites, afirmando vestígios, sombras e o medo de tudo isso, pois ensaiar é poder correr riscos, ensaiar a si mesmo afastando-se de um diário íntimo, lembrando que o conhecimento é preferível em sua força destruidora, e não na introspecção.

Aqueles que reconhecem pouco a pouco que não podem conhecer-se, mas somente transforma-se e destruir-se, e que prosseguem nesse estranho combate que os atrai para fora deles mesmos, num lugar ao qual não tem acesso, deixam-nos, segundo suas forças, fragmentos, aliás por vezes impessoais, que podemos preferir a qualquer outra obra.¹⁹⁴

Montaigne responde com ironia as críticas das cabeças pensantes, pois ensaiar é certamente superficial, abre mão da profundidade do conhecimento, do desespero pela essência e lógica do objeto e almeja alcançar as erosões, a força quente da lava de um vulcão, como pretendia Artaud. O ensaio é superficial, pois sua escrita convida para fora, para aquilo que ao conhecer produza movimentos de exteriorização, movimentos epidérmicos.

Ensaiar pode ter início nas perambulações por uma cidade, contaminar-se com a poeira que aparece entre a sandália e a pressão exercida pelo pé. Andar faz com que o calcanhar vá se riscando no atrito com o calçado. As pernas bailam para

¹⁹³ Starobinski (2012, p. 52).

¹⁹⁴ Blanchot (2005, p. 276).

frente e para trás, buscando um gingado que as autorizem a caminhar. Começa a doer a barriga da perna e as ruas não cansam de se apresentar à caminhada. Para em um semáforo e espera o sinal verde para prosseguir a dança. Um veloz automóvel ignora a presença daqueles pés arranhados e tomados de pó, a vontade de chegar mais rápido ao objetivo quase arrasta a caminhante. Seu coração palpita, apoia as mãos no peito que estão ofegantes. Recebe um olhar de ajuda e aceita com um sorriso. Segue a caminhada, a lombar já é percebida. Tenta movimentar a bacia e os ombros para aliviar o peso da mochila. É noite. Entra numa banca no centro da cidade. Abre o jornal: mais um corpo travestido, que brincava com a sexualidade e zombava dos gêneros foi assassinado. Apoia as palmas da mão na cabeça. Espanta-se. Letras acontecem. *A cabeça é a flor e não as raízes.*

CARTILAGEM

s.f. (1707) ANAT **1** tecido resistente e flexível, de cor branca ou cinzenta, formado de grandes células inclusas em substância que apresenta tendência a calcificação e a ossificação [Forma a maior parte do esqueleto provisório do embrião e estabelece modelo pelo qual se desenvolve a maioria dos ossos, constituindo elemento importante do mecanismo de crescimento] 2 *p.met.* uma parte ou estrutura composta dessa cartilagem # **c.articular** ANAT que recobre a superfície articular dos ossos * **c.costal** ANAT a que ocupa o intervalo entre a costela e o esterno * **c.elastina** ANAT cartilagem em que predomina o tecido elástico * **c.epifisária** ANAT aquela que se situa, durante o período de crescimento entre a epífise e diáfase * **c.fibrosa** ANAT cartilagem em que predomina o tecido fibroso * **c.hialina** ANAT cartilagem em que predomina o tecido hialino * **c.tireoide** ANAT a maior cartilagem da laringe, formada de duas lâminas que se unem em ângulo. HOUAISS

Elastina no pé

Voou. Foram quase oito horas de avião para chegar na capital paulista. Veio a convite de uma amiga recente, que garantiu que na pauliceia muito podia ser conquistado pela moça. Seus pais a incentivaram, talvez assim toda a família podia ser beneficiada. Arrumou sua bagagem pegou o documento de identificação: Lucas Alves Barbosa. Ainda não completara 17 anos, mas já trabalhava há algum tempo nas ruas de Manaus, cidade onde vivia com a família. Sua mala era bem pequenina o suficiente para seus primeiros dias no Sudeste e depois sabia que compraria mais roupas. Duas saias curtas, uma caixa de maquiagem que não largaria jamais, um sutiã e um enchimento, quatro blusas, as calcinhas de renda e a imagem de Nossa Senhora da Conceição – a padroeira do Amazonas. Foi com proteção.

No aeroporto já era estranhada por olhares penetrantes e pontudos que furavam. Seus cabelos crespos, pretos e longos eram fio a fio reparados. Sua voz,

aguda e rouca, era reprovada. Os óculos escuros davam certa proteção àquele corpo magrelo que almejava ganhar massa nas ruas de São Paulo. Lucas Alves Barbosa se chamava Soraya. Ela fazia pose de glamour pelo aeroporto, aparentemente desdenhava dos olhares e, com seus óculos espelhados, partia para uma São Paulo onde a amiga, quase uma fada madrinha, prometia casa e emprego.

Chegou por Guarulhos, nunca havia pisado nas terras da garoa, era julho e a menina já sentia que esquecera algo. Seu corpo mal chegou e o vento frio já gelava aquela magra estrutura. De longe viu por Ana, correu, a amiga começou a rir – nossa, ria muito. A magrela já ficou ressabiada e não deixou barato: “como é que é bicha! Ficou feliz com a minha chegada?” Ana, se concentrou e jogou uma coberta em Soraya “se aquece bi, pois hoje já começa na função e doente não paga nem o quarto!”. As duas se abraçaram. Soraya se aqueceu com o cobertor, mas não queria começar a trabalhar no mesmo dia. Enfim, chegava em São Paulo. Soraya achava Ana muito bonita. Tinha os peitos grandes, que não cobria nem no frio. Olhos claros, seguidos de um nariz bem fininho, os lábios levemente carnudos, lembrava um pouco a “Miss T” Bianca Soares. Ela sonhava em ser como Ana. Ana cuidava do apartamento onde Soraya moraria. Depois soube que Ana era responsável por mais quatro apartamentos, mas não era dona de nenhum. Logo que chegou a São Paulo, conheceu suas colegas de casa e foi aconselhada a não perguntar pelo dono.

A menina era a mais nova do apartamento, de pouca fala e bem ordeira, logo ganhou a amizade das outras meninas. Moravam em oito no apartamento de dois quartos situados no bairro de Moema, zona sul da capital. O primeiro dia de Soraya foi puxado. Chegou no apartamento, conheceu seu beliche e lá tentou tirar um breve cochilo, como aconselhado por Ana. Seu olho semiaberto não despistava a curiosidade nas outras meninas que já se arrumavam. Unhas postiças se encaixavam tão bem em Keyla que se naturalizavam naquele corpo. Prenda nem precisava dos enchimentos nas nádegas, “uma bunda de deixar mulher de verdade irada”, riam ao comentar o corpo da amiga. As travestis do “apartamento 5” se aprontavam para suas trocas.

A menina começou a cochilar quando chegou mais três da rua. Elas estavam fazendo o turno da tarde. Dividiam-se, pois o trabalho era incessante e ao mesmo tempo não podiam deixar o ponto livre. A coisa na Avenida Indianópolis é

concorrida. Soraya já chegou sendo avisada dos ocorridos. Funcionava assim: bonecas para o lado do bairro e amapolas para o centro. Soraya foi avisada: “nem chegue para a parte do centro que a dona delas é brava e te mata”. Soube, ainda quando morava no Norte, de uma outra amazonense que acabou morta pela briga de ponto. Sabia que tinha que andar na linha, mas achou tudo aquilo um pouco hostil. Todas as suas colegas de apartamento ou tinham vindo do Amazonas ou do Pará. Ana não se metia muito na vida das meninas, mas todas tinham que pagar para estarem tanto no apartamento, como para utilizar o ponto de uma das avenidas mais cobiçadas de São Paulo.

Ela estava entusiasmada, pois disseram que trabalharia próximo ao Parque do Ibirapuera. Ela conhecia o parque pelas revistas e achava lindo o pessoal correndo, as tardes, os eventos de arte. Pesquisou um pouco sobre o Ibirapuera no Google antes de partir da terrinha. Soraya não estava desavisada, na rota dela muitas amazonenses seguiam o mesmo caminho, mas não sabia que a coisa em São Paulo era tão organizada. As prostitutas mulheres não faziam serviço só na rua, tinha muitas casas de massagens espalhas pelo bairro de Moema. O negócio era grande, mas se lembrava do aviso das amigas “nem pense em conhecer o dono”. Parece que quem conhecia o dono não voltava mais para se despedir. É importante diferenciar: prostituta é mulher, dessas que, como dizem, são de verdade. Travesti já nem precisa de profissão, na Avenida Indianópolis só são possíveis de circular como putas. Travesti, portanto, em um dos metros quadrados mais caros de São Paulo, é sempre puta.

Isso não era uma questão pra Soraya, queria mesmo era os 5.000 reais para se bombar. Seus seios precisavam daquele agrado. Claro que com tanta expectativa não conseguiu cochilar. Seu corpo tava pronto. Recebeu uma calça bem colada de Vania, dessas de cintura baixa, que deixavam suas calcinhas de renda aparecendo. Colocou uma cor nos lábios e esqueceu que quase não dormira de um dia para o outro. Eram quase 18 horas quando desceram. A devota de Nossa Senhora da Conceição achou um pouco cedo o horário, mas não hesitou, saiu junto com Índia, a mais velha da patota. Seu estranhamento prosseguiu quando viu que seu novo local de trabalho era em frente a uma escola e que os estudantes estavam saindo das aulas. Olhou para o lado e viu Sabrina colocando o pau pra fora, junto a ela um carro

com uma maricona, homem casado que não dispensa uma boneca. Sabrina sumiu no carro do homem. Ela, de repente, não via mais escola e nem estudantes, lá era seu ponto.

Encorajada pelo gesto da companheira, rapidamente largou o casaco e deixou o busto à mostra. Menina nova na esquina fervia, ponteiros batiam 20 horas e ela já retocava a maquiagem para o quarto programa. A vida passou a ser frenética. Alguns meses depois, tava com seu peito de 5.000 reais pronto para a batalha. Os peitos foram presente de aniversário, 17 anos, maioridade chegando e peitos possantes. Nas esquinas apreendeu que não podia usar *crack*, mas que o pó branco servido por muitos clientes era fundamental e amigável. Gostou um tanto da brincadeira. Muito do que ganhava ia pra farinha paulista que só tinha experimentado uma vez nas terras originárias. Em um ano, das oito meninas que moravam com ela, duas tinham sumido e ninguém sabia do paradeiro. Ninguém perguntava nada, era dúvida que não se criava. Mas uma tinha sido morta por um cliente, alegaram legítima defesa; as travestis sabiam que tinham que se cuidar, nunca saíam desarmadas: uma faca, uma tesoura serviam para se proteger, mas também para aproveitar e garantir um extra com algum desavisado. Soraya dificilmente queria o extra.

A noite estava quente, era verão em São Paulo, as coxas já bombadas, o nariz afinado partia para os 18 anos e não sossegava queria bombar cada vez mais. Lembrava dos concursos de Miss, da Bianca que gastou quase 25.000 reais só com a bunda, queria ser bombada, boneca das melhores. Tomava uma cachaça no carro improvisado como bar que servia com frequência as meninas. O carro-bar estava sempre estacionado na esquina da Alameda Araés. Tomou o *Caxiri Temível* e tirou um pouco mais da roupa, afinal estava muito quente. Com seu potente peitoral, logo se aproximou um Audi, ela conhecia de longe a marca desse carro, dentro um rapaz jovial com mãos de veludo acariciava seus seios e pedia para ter uma mostra do resto. Salivava o rapaz da alta classe média paulista. O som do carro era muito alto, uma barulheira excitante que penetrava na carne de Soraya. Elétrica, perguntou se o cara tinha pó, farinha paulista. Ele sem demora disse “sobe, a gente pega”. “Demorô”. O carro alemão tremia com a energia do som. Estava bem alto. Pegaram muito pó. Ela não queria parar, ele se divertia. Soraya não podia ficar somente em

um programa e pediu para o rapaz que a deixasse em seu local de trabalho. O jovem morador da Vila Mariana disse que a noite era só dele e a levou para o seu apartamento. Dançaram entre eles e com a droga. A noite foi longa. Junto com a luz da manhã vinha também aquela sirene de polícia. O amarelo do sol de verão já se misturava com uma cor azul e vermelha da frota policial.

Voou. Antes mesmo de conhecer o Parque do Ibirapuera. A futura Miss T decolou na própria Vila Mariana. Os barulhos de tiro que vinham da sala do apartamento de luxo encorajaram o salto. Eram dois andares. A nuca foi certa no chão. Assim garantiu a moça de preto, que chegava numa viatura escrita “Polícia Científica” e a cobriu com um pano. O encontro entre polícia e ciência enrolou em seu dedão do pé um elástico que segurava uma pequena placa com um número, sua origem e um nome: xxx-AM/Lucas Alves Barbosa.

I -

“Não importando o grau de intervenção física sofrida, todos eles traziam uma pequena e idêntica placa de acrílico indicando sua origem e, ao mesmo tempo, o fato de comporem, assim transformados, uma criação da artista. Atestado de pertencimento onde o valor de uso e de troca são quase nada e, em simultâneo, de sua inserção em outro, onde valores novos podem ser criados. (Moacir dos Anjos, *de lixo e poesia*.2012, p. 35).

II -

Travesti morto em SP vai ser enterrado em Manaus

O corpo do travesti Leonardo Curina Barbosa, 18, conhecido como “Laila”, deve ser enterrado nesta quinta-feira (28), no cemitério Parque Tarumã, Zona Oeste.

O travesti amazonense morreu na última segunda-feira (25), depois de cair do segundo andar de um prédio, localizado na Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo.

O apartamento, localizado em uma área considerada de classe média alta, pertence ao comerciante identificado como José Roberto Garcia de Almeida, 43, que está preso em São Paulo pelo crime de homicídio doloso, quando não tem a intenção de matar.

Segundo informações da polícia paulista, o empresário teria contratado “Laila” para fazer um programa, porém, os dois teriam se desentendido no início da manhã. Durante a confusão, moradores alegaram ouvir vários disparos de arma de fogo. Um vizinho informou ter visto o momento em que o travesti saltou do segundo andar. Na queda de mais de dez metros, Leonardo quebrou o pescoço e morreu na hora.

De acordo com os parentes de Leonardo, que moram no bairro Compensa 2, Zona Oeste, o jovem tinha 17 anos quando foi induzido pela amiga, identificada como “Beatriz”, a ir para São Paulo, onde teria trabalho e independência. Essa mulher teria comprado as passagens e conseguido um lugar para a vítima morar.

O pai de Leonardo, José Roberto Barbosa, 42, disse que o filho já fazia programa em Manaus, mas não sabia que ia se mudar para continuar vendendo o corpo. Leonardo viajou em outubro do ano passado e sempre mantinha contato com a família.

Segundo o primo de Leonardo, Tiago de Souza, 23, a família ficou sabendo da morte do travesti por meio da mulher que o levou para São Paulo. (<http://www.emtempo.com.br/travesti-morto-em-sp-vai-ser-enterrado-em-manaus/>)

III -

“Recontar o fato intolerável do dia a dia impediria ao horror o risco de ser capturado pela anestesia da banalização. A dor torna-se mais dor, transforma-se em outra dor na perda do espaço e do tempo originário, desvencilha-se de um sujeito, atordoa o reconhecimento do adjetivo que a torne classificável” (Luis Antonio Baptista. *Neve e Mistério no Rio de Janeiro: a fábula sobre corpos e arames*, 2012).

IV -

“Construir a cidade topograficamente, dez vezes ou cem vezes, a partir de suas passagens e suas portas, seus cemitérios e bordéis, suas estações, assim como antigamente ela se definia por suas igrejas e seus mercados. E as figuras mais secretas, mais profundamente recônditas da cidade: assassinatos e rebeliões, os nós sangrentos no emaranhado das ruas, os leitos de amores e incêndios” (Walter Benjamin, *Passagens*, 2008, p. 127).

V -

Transexuais encaram o preconceito e o biquíni em concurso de miss no Rio



Dispostas a mostrar suas formas femininas e a encarar o preconceito, 23 candidatas disputam nesta terça-feira (30) o Miss T Brasil 2012, concurso no Rio de Janeiro que vai eleger a mais bela transexual do país. A vencedora garante uma vaga no Miss International Queen, na Tailândia, país referência em cirurgias de mudança de sexo.

Para a presidente da Associação dos Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro, Bárbara Aires, o concurso vai atrair visibilidade para a categoria.

“É fato que os travestis e transexuais chamam atenção, despertam curiosidade, e temos que trazer isso em prol da cidadania. Geralmente, associam os travestis ao trabalho de prostituição nas ruas e com roupas vulgares. Queremos justamente mostrar que as travestis e transexuais devem ser reconhecidas por seus nomes sociais e por suas profissões, e que diminuindo o preconceito elas têm mais chances de ingressar nos cursos superiores e no mercado de trabalho”, enfatizou Bárbara.

Silicone e missólogo

Como em qualquer concurso de beleza, a vaidade tem o preço alto. No concurso entre travestis e transexuais, somam-se os custos com apliques de cabelo, hormônios, silicone, plásticas e outros tratamentos estéticos. A representante do Acre, Bianca Soares, gastou R\$ 25 mil apenas para ganhar contornos volumosos no bumbum.

“Com 12 anos comecei a tomar hormônios e aos 16 anos já tinha implantado prótese de silicone nos seios. Minha mãe é pastora e psicóloga e me dá total apoio. Sempre me senti menina, inclusive já dei entrada na mudança de nome”, conta Bianca, que há seis anos participou de filmes eróticos com o ator Alexandre Frota. “Não quero mais fazer esse tipo de filme. Há alguns anos, faço aulas de canto e interpretação de texto”, disse a moça, que também participou da série *Mandrake*, exibida na HBO.

No meu corpo tem um carro importado e desses de luxo. Já gastei muito dinheiro. Faço de tudo para ficar com o corpo cada vez mais feminino” Izabely Luca, 25 anos, candidata de Minas Gerais, contabiliza oito plásticas em seu corpo, como próteses de silicone e rinoplastia – cirurgia plástica para afinar o nariz. “No meu corpo tem um carro importado e desses de luxo. Já gastei muito dinheiro mesmo, faço de tudo para ficar com o corpo cada vez mais feminino. Meu sonho é diminuir o tamanho dos meus pés, só não fiz isso ainda, porque não tem jeito mesmo, não tem cirurgião que consiga esse milagre”, ri Izabely.

“O concurso será uma celebração da identidade das travestis e transexuais. É preciso mostrar às massas que estamos aqui para sermos advogadas, professoras, enfim, o que quisermos ser. É preciso respeitar as identidades e os gêneros. É preciso retirar os travestis das ruas e mostrar que eles podem desfilar na passarela, ou num palco, num teatro, onde já se apresentaram grandes artistas”, finaliza Majorie Marchi, que também atua como coordenadora do Centro de Referência LGBT do governo do estado do Rio de Janeiro. (<http://www.portalaltos.com.br/novo/?pg=not%EDcia&id=5473>).

Carro branco importado

Samba e cerveja regavam a família Tavares nos finais de semana. Chegavam sempre alguns amigos. A regra era cada um trazer uma porção de carne para o rateio e já se juntar no churrasco na calçada. Era mês de fevereiro e durante o dia ninguém conseguia ficar em casa, muito calor. Nem água refrescava, só mesmo a gelada. Ela não largava aquele leque vermelho, quanto mais abanava mais ar quente era produzido pelo movimento.

O bairro ficava numa cidade da Baixada Fluminense, cuja população batia 227.000 habitantes, segundo o IBGE. Diz o órgão de geografia e estatística que essa era a população residente; pode ser, mas certamente a população adulta não trabalhava por lá, pois não chegava nem a 25.000 o número de residentes ocupados. É fogo. A cidade não para nela. O trem é transporte conhecido dos moradores do bairro da Lagoa. Durante a semana, são facilmente encontrados em lojas e repartições no Rio de Janeiro. Às vezes estampados nas páginas dos jornais. Mas de final de semana, com aquele calor, era cadeira na calçada e carne na churrasqueira.

Enquanto o boi assava sempre passava um “abençoado” ou uma “abençoada”, o pastor cumprimentava. Durante o dia era mais tranquilo, mas quando começava o *funk* os crentes não gostavam muito. Magé é uma cidade predominantemente de negros, a família Tavares era inteirinha negra. Apesar desta característica, a cidade era dividida em duas religiões hegemônicas, como na maioria das cidades do Brasil. Católicos somavam 90.300 pessoas. Evangélicos perdiam por pouco: 78.411 fiéis. O pessoal espírita, candomblé, umbanda e kardecista não passavam de 5.000. O boi esquentava, mas se começava o tambor o “bicho pegava” onde for, área de milícia ou de tráfico, em Magé o povo de santo não era bem visto. A Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial até tenta promover umas festividades, mas é muito difícil.

Seu leque vermelho acompanhava em cada pedacinho de carne: carré, linguiça, fígado, asinha. Gosta de tudo e também da gelada. Quando “fez o santo”

teve que ficar mais recolhida, mas agora já estava bem acostumada. Sua mãe, Maria das Graças, não gostava dessa transformação, dizia que quando a menina era macho, ser “macumbeira” nem passava pela cabeça. A família jurava que não tinha nenhum preconceito pelo redesenho corporal, mas a menina com seu leque vermelho era sempre Rafael da Silva Tavares. Das Graças também fazia questão de garantir a quem perguntasse “que o menino até namorou quando era macho”.

A pele negra, o cabelo cacheado, o corpo magro se misturavam com muitos do bairro da Lagoa, em Magé. Lá era só ficar tranquila que ninguém mexeria com ela. Mas Rafael saía durante o dia, conversava com as crianças... Isso era não obedecer e não ficar tranquila. Rafael não se prostituía e não queria ficar em casa durante o dia. Seus pés tocavam o chão, seus lábios apareciam no brilho do sol. Isso, para alguns, fazia de Rafael uma bicha “atrevida” e, então, sofria alguns maus tratos. Ela sempre procurava a religião quando era obrigada ao sexo forçado com os machos da comunidade ou apanhava. A religião sempre a acolhia: passava o dia sendo cuidada pela sua mãe de santo. Mas Rafael ainda carregava certa culpa por ser o que era e por isso não denunciava. No terreiro, conseguia falar de suas vontades e sempre pedia para que deixassem ela se bombardar, mas lá corpo bombado não entrava. Parece que os santos ficavam muitos bravos com essa prática de modificação corporal. Rafael se distraía e aproveitava para ajudar na limpeza da “casa”. Quando a noite caía, ela voltava para o seu canto.

A sorte é que não tinha dado nenhuma chuva de verão, pois se não chegava com o pé cheio de lama. Nossa, nem asfalto tinha naquele lado do bairro. Quando ia para Caxias, curtir as festas organizadas pela “Pluralidade” chegava toda suja, algumas meninas até a chamavam de “capião”. Ela ria, gostava de ir para Caxias, como tinha uma ONG para a população LGBT ela se sentia mais à vontade. Sempre achava estranho quando as pessoas criticavam o gueto gay, não entendia por que criticavam um espaço que ela gostava tanto. Se sentia bem no gueto. Foi numa dessas idas para Caxias que conheceu Janaína. No gueto ficava seu sorriso.

Janaína era muito desbocada. Em 2010 o prefeito de Caxias proibiu a parada gay, Janaína, em protesto, foi até a prefeitura e se despiu. O pessoal da ONG não gostou nada, mas Rafael se divertiu, ela tinha apenas 18 anos e começava a conhecer aquele mundo. Jana, como era chamada, era mulher esperta e Rafael

aprendia muito com ela. Ela era mulher da noite. A noite em que Rafael não gostava de estar na rua. Preferia o dia, cuidar dos bichos do terreiro e, quando deixavam, ficar com a sobrinha. Carol, a mulher do Binho, seu irmão, não gostava que ela ficasse com a criança. Carol era evangélica e sempre dizia a Rafael que lugar de homem é trabalhando e não cuidando de criança. Binho trabalhava para o tráfico local. Era de idade próxima a de Rafael e sempre foram muito chegados, mas quando Rafael se redesenhou e passou a caminhar como travesti, Binho se afastou. Agora se falavam pouco, mas Rafael era querido e protegido pelo tráfico. Binho só olhava. Aliás, eram o terreiro e o tráfico os apoiadores de Rafael.

Janaína também era moradora de Magé, mas diferentemente de Rafael, adorava circular. Sacudia a hora que fosse, Rafael não gostava de ir ao Rio de Janeiro, mas Jana prometera que se fosse a praia com ela conseguiria o tão sonhado namorado: “na Zona Sul tá cheio de homem lindo!”. Foram, afinal realmente o que Rafael mais queria era um namorado. Ficaram quase 40 minutos esperando o ônibus e com o calor que já destruía a maquiagem resolveram abandonar a ideia de ônibus e pegaram o trem.

MAGÉ – SURUI – SARACURUNA [baldeia]

JARDIM PRIMAVERA – CAMPOS ELÍSEOS –
GRAMACHO – DUQUE DE CAXIAS – VIGÁRIO GERAL – LUCAS – CORDOVIL –
BRÁS DE PINA – PENHA CIRCULAR – PENHA – OLARIA – RAMOS –
BONSUCESSO – MANGUINHOS – TRIAGEM – SÃO CRISTOVÃO – CENTRAL.

Esticam o corpo, limpam a roupa que já estava cheia de biscoito de polvilho e partiram para o metrô. No caminho, injúrias e convite para programas. Do funcionário da Supervia, Rafael ouviu que era uma “pretinha do jeito que ele queria em casa”. Já o colaborador do Metro Rio queria saber o preço do programa. Rafael garantiu que não fazia programa e saiu enojada. Mas o moço insistiu: “pago igual os gringos”! E ria muito. Na Central ficava um pouco de sua lombar. Entraram, enfim:

CENTRAL – PRESIDENTE VARGAS – URUGUAIANA – CARIOCA – CINELÂNDIA
– GLÓRIA – CATETE – LARGO DO MACHADO – FLAMENGO – BOTAFOGO –

CARDEAL ARCOVERDE – SIQUEIRA CAMPOS – CANTAGALO – GENERAL OSÓRIO

Chegaram. Rafael estava ansiosa, pois Jana prometera a ela que a levaria na rua que só tinha bicha bonita. Ao pisar em Ipanema, a menina lançou seu leque vermelho, tirou a roupa e já mostrou aquele corpo magro e negro. Jana, bem mais encorpada, fez o mesmo. Na primeira esquina, Rafael falava: “isso aqui é um sonho, muito homem lindo”, dourado de sol, de bicicleta, *skate* eletrônico, nos botecos muitos sorrisos. Rafael sentiu um gelo nas suas costas, virou e não viu nada, mas estava molhada e cheirando a cerveja. Ninguém a convidara para um chope, mas gargalhavam da bicha molhada. Jana puxou Rafael, que tropeçou num policial: “Já foram avisadas que os pontos da Avenida Atlântica têm dona? Travesti da Baixada aqui não pisa sem passar por ela”. Na Vieira Souto, Rafael deixava seu olhar.

Foram para a praia. No caminho do metrô até a areia, teriam feito uns quatro programas pela promessa dos transeuntes, pacatos moradores de um dos bairros mais caros da capital carioca. Na praia se entocaiaram. Não estava tão divertido como Rafael esperava, mas estava feliz. Foi para o mar, ouviu alguns xingamentos, voltou, descoloriu os pelos e cochilou. Acordou lembrada por vozes masculinas que era muito gostosa que quase parecia uma mulher. Depois de quase enganarem os jovens da Zona Sul, partiram para a Baixada. O sábado já era finito quando chegou em casa. Dormiu que nem tirou a areia do corpo.

No domingo, a família Tavares tomava café junta. O café com leite da Dona Graça era imbatível. A tia sempre presente trazia o pão e o queijo. Rafael contava do dia anterior. A família não gostava muito de Jana, achavam que ela que havia levado a menina para o mundo *gay*, mas davam risadas das gírias e dos deboches que Jana deixava pela cidade. A Dona Graça e a tia deixavam Rafael falar à vontade dos homens lindos de Ipanema. Ela omitia as ofensas, não gostava de trazer preocupação. Mal acabará o café e o celular já toca era Jana e Rebeca que berravam para ela se montar que já passariam pelo barraco para buscar Rafael. Ela titubeou, mas foi convencida. As meninas só passaram as 15 horas. Rafael se colocou linda num vestidinho branco curto e colado, fez belas tranças e lançou o leque protetor do verão. Partiram para Caxias numa festa da ONG Plural (parece

que seria um evento para fecharem a ida para a Parada de São Paulo). Não perdiam por nada a festa paulista.

Na volta para Magé, Rebeca deu ideia de irem para a praia da Piedade. Jana sorriu, pois sabia que lá sempre tinha macho. Sentaram num quiosque e não demorou a parar um carro branco com dois homens. Os moços desceram e um, especial, puxou papo com Rafael. Rafael estava encantada, pois depois de anos não lhe perguntavam o preço do programa. Começou a conversar e a prosa era boa, o rapaz bem vestido, acenderam um baseado e a noite tinha até uma lua bonita. Começou uma fina garoa que logo virou uma chuva, dessas de verão. O moço convidou e Rafael correu para o carro que estava estacionado logo em frente. A corrida foi tão entusiasmada que Rafael deixou o leque cair, olhou mas resolveu abandoná-lo. Partiram. Sem leque, sem roupa e com seis tiros no corpo a menina se confundia com o mato.

I -



II -

Feliciano quer extinguir resolução sobre “nome social” para LGBT e transgêneros

O deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP) ingressou na semana passada com Projeto de Decreto Legislativo (PDC) requerendo a extinção da resolução da Secretaria de Direitos Humanos que determina a inclusão dos itens “orientação sexual”, “identidade de gênero” e “nome social” nos boletins de ocorrência policiais.

A resolução da Secretaria de Direitos Humanos atendeu a uma velha reivindicação dos grupos LGBT em todo o Brasil e, conforme estas entidades, ajudará na investigação e elucidação de crimes ligados à homofobia. Ao incluir esses itens nos boletins de ocorrência, a resolução levou em consideração do art. 5º da Constituição Federal, segundo o qual “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

No entanto, o deputado federal Marco Feliciano entendeu que a instrução normativa “não tem respaldo legal pelo Código Penal e Processo Penal”, conforme explica no Projeto de Decreto Legislativo. “Tal mudança deve ser feita, no sentido de obrigação, na legislação penal e não por uma Resolução da Secretaria de Direitos Humanos, da Presidência da República. O comportamento desta Secretaria fere a repartição dos poderes no momento em que desrespeita a mudança da legislação penal por ato administrativo”, descreve Feliciano no PDL.

“Assim, cabe ao Legislativo editar normas gerais e abstratas, mas estabelece-se também que, nesse arranjo, participe o Executivo, seja pela iniciativa de leis, seja pela sanção ou veto. Por outro lado, a mudança do marco legal deve ser feito por Projeto de Lei alterando pelo Código de Processo Penal e jamais por ato do Poder Executivo. O agente público que, ao editar um ato administrativo, não previsto em lei, extrapola os limites de sua competência”, justifica o parlamentar no PDC.

O Projeto de Decreto Legislativo foi apresentado na semana passada à Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) e à Comissão de Constituição de Justiça e Cidadania (CCJC) da Câmara. [Congresso em Foco, 23/03/2015]

III -

Travesti é achado morto com 6 tiros na Baixada; polícia investiga motivação homofóbica

Rafael da Silva Tavares foi visto pela última vez em quiosque em Magé

Rafael da Silva Tavares, de 21 anos, foi encontrado morto com seis tiros em um terreno na Baixada Fluminense.

O jovem era travesti e foi visto pela última vez em um quiosque em Magé. Na ocasião, em 19 de julho passado, ele estava acompanhado de outro travesti quando entrou em um carro branco com dois homens dentro.

O titular da delegacia de Magé (65ª DP), Robson da Costa Ferreira da Silva, já ouviu três testemunhas e não descarta que o crime possa ter sido motivado por vingança ou homofobia.

Segundo parentes da vítima, Rafael não tinha inimigos e a opção sexual dele sempre foi respeitada pela família e pelos amigos.

Veja o vídeo:

[R7 Notícias.



31/07/2013.

<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/travesti-e-achado-morto-com-6-tiros-na-baixada-p-olicia-investiga-motivacao-homofobica-31072013>

III -

“*Menos-Valia [Leilão]* de Rosângela Rennó desliza entre esses sentidos, uma ferida que não acaba de cicatrizar entre as operações monetárias e o lugar íntimo dos sentimentos fracassados e os afetos perdidos. A estratégia perversa da artista que transmuta o valor decadente do objeto descartado no valor potente de um trabalho de arte legitimado pela instituição e pelo mercado deixa vislumbrar num relance o quanto pulsa, nesses objetos, uma força que renega da perda e do fracasso. (Maria Angélica Mallendi, *Modelos para armar*, 2013, p. 247).

IV -

“ Quando eu morrer quero ficar, / Não contem aos meus inimigos, / Sepultado em minha cidade, / Saudade. / Meus pés enterrem na rua Aurora, / No Paissandu deixem meu sexo, / Na Lopes Chaves a cabeça / Esqueçam. / No Pátio do Colégio afundem

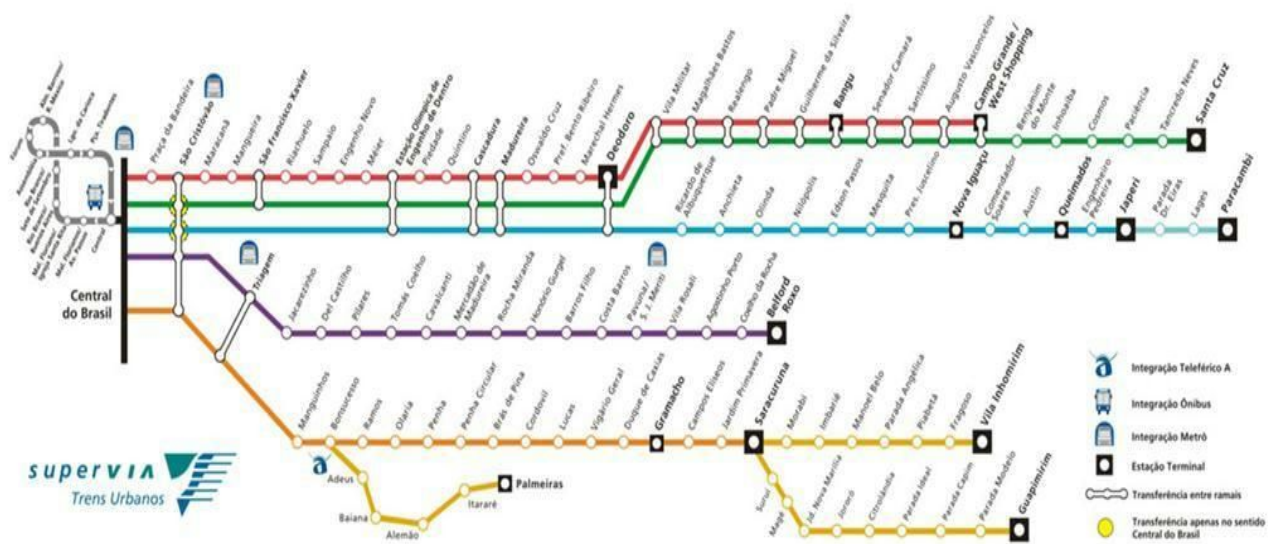
/ O meu coração paulistano: / Um coração vivo e um defunto / Bem juntos. / Escondam no Correio o ouvido / Direito, o esquerdo nos Telégrafos, / Quero saber da vida alheia, / Sereia./ O nariz guardem nos rosais, / A língua no alto do Ipiranga / Para cantar a liberdade./ Saudade... / Os olhos lá no Jaraguá / Assistirão ao que há de vir, / O joelho na Universidade, / Saudade... / As mãos atirem por aí, / Que desvivam como viveram, / As tripas atirem pro Diabo, / Que o espírito será de Deus. / Adeus”. (Mario de Andrade. *Quando eu morrer quero ficar*).

V -

“Na antiga Grécia, mostravam-se lugares pelos quais se descia ao reino dos mortos. Também nossa existência desperta é uma terra em que se desce ao reino dos mortos, cheia de lugares aparentemente insignificantes, onde desembocam os sonhos. Passamos por elas todos os dias sem nada suspeitar; porém mal vem o sono, nos apressamos em voltar em sua direção, procurando-os pelo tato, e nos perdemos nos corredores sombrios... Entretanto, à noite, das massas de casas sombrias, emerge assustadora sua escuridão mais compacta e o transeunte tardio passa apressado por elas, a não ser que o tenhamos encorajado a empreender a viagem pela ruela estreita.

Mas um outro sistema de galerias se estende nos subterrâneos de Paris: o metrô, onde à noite as luzes se ascendem rubras, indicando o caminho ao Hades dos nomes. Combat – Elysée – Georges V – Etienne Marcel – Solférino – Invalides – Vaugirard arrancaram as correntes humilhantes da rua, da praça e tornaram-se aqui, na escuridão entrecortada por lampejos fulgurantes e apitos estridentes, deuses informes de cloacas, fadas das catacumbas. Este labirinto abriga em seu interior não um, e sim dúzias de touros cegos, enfurecidos, em cuja goela é preciso lançar não uma virgem tebana por ano, e sim, a cada manhã, milhares de jovens operárias anêmicas e caixeiros sonados”. (Walter Benjamin, *Passagens*, 2008, p. 123).

VI -



“El relicário”: um filme no celular

(José Donoso, *O lugar sem limite*, 2013, p. 146-150)

“Mas já iam saindo, Manuela, Pancho e Octavio, abraçados e aplicando calços uns nos outros. Manuela cantava “El relicário”, os outros faziam coro. A noite estava tão clara que as paredes projetavam sombras perfeitamente nítidas sobre as poças de água. O matagal crescia ao longo da rua e as folhas sempre repetidas das sarçamoras cobriam as massas das coisas com seu grafismo preciso, obsessivo, maníaco, repetido, minucioso. Andaram até o caminho estacionado na esquina. Em cada um a um lado de Manuela, segurando sua cintura. Manuela se inclinou para Pancho e tentou beijá-lo na boca, rindo. Octavio viu e largou Manuela.

- Que é isso compadre, não seja maricas você também...

Pancho também largou Manuela.

- Mas eu não fiz nada...

- Não me venha com conversa, que eu vi...

Pancho ficou com medo.

- O senhor acha que vou deixar esse veado nojento me beijar? Está louco compadre? Imagina se vou permitir que ele faça uma coisa dessas. Diga Manuela, você me beijou?

Manuela não respondeu. Era sempre a mesma coisa quando havia um homem tolo

como aquele tal Octavio, desgraçado o que ele tinha a ver com a coisa, seria melhor que se mandasse. Octavio começou a provocá-lo.

- Qual é a sua, bicha, responda.

Pacho se perfilou ameaçador na frente de Manoela.

- E então?

Estava com o punho fechado.

- Não sejam bobos meninos, vamos em frente com a farra.

- Beijou ou não beijou?

- Só de brincadeira.

Pancho deu um soco na cara dele enquanto Octavio segurava. Não foi um golpe certo porque Pancho estava bêbado. Manuela olhava para todos os lados calculando o momento de fugir.

- Uma coisa é cair na farra e bagunçar, outra é sair beijando na boca...

- Pare. Isso dói...

Imóvel no meio da rua enquanto Octávio a paralisava torcendo o seu braço. Manuela acordou. Não era mais Manuela. Era ele. Manuel González Astica. Ele. E como era ele, iam machucá-lo e Manuel González Astica entrou em pânico.

Pancho lhe deu um empurrão que o fez cambalear, Octavio ao soltá-lo, deu-lhe um calço e caiu no lodo, enquanto Pacho se inclinava para ajudá-lo a se erguer. E Manuela recolhendo as saias até a cintura, fugiu correndo para o lado da estação. Como conhecia a rua muito bem, evitava os buracos e as pedras enquanto os perseguidores tropeçavam a cada passo. Talvez o perdessem de vista. Tinha de correr até lá, até a estação, até a granja El Olivo, porque do outro lado, do limite da granja esperava-o *don Alejo*, que era a única pessoa que poderia salvá-lo. O soco no rosto estava doendo, os tornozelos frágeis, os pés descalços que se cortavam nas pedras ou num caco de vidro ou num pedaço de lata, mas precisava continuar correndo porque *don Alejo* lhe prometerá que ia dar tudo certo, que era do interesse dele, que nunca mais iria sentir o peso que sentia antes caso ficasse aqui onde ele estava, era promessa, quase juramento, e ele havia ficado, e agora vinham atrás dele para matá-lo. *Don Alejo, don Alejo*. Ele pode me ajudar. Uma palavra dele basta para que esses desgraçados criem juízo porque é só de mim que eles têm medo. Para a granja El Olivo. Atravessar o parreiral como *don Céspedes* e dizer a ele que

esse homens malvados primeiro se aproveitam da gente e depois... Dizer-lhe por favor me defenda do medo, o senhor me prometeu que nunca ia acontecer nada comigo, que sempre ia me proteger, por isso fiquei nesse povoado e agora o senhor precisa cumprir sua promessa de me proteger e cuidar de mim me consolar, até hoje eu nunca havia pedido e nem cobrado sua palavra, mas agora sim, só o senhor, só o senhor... não se faça de surdo, *don* Alejo, agora que querem me matar e que vou correndo em busca do que o senhor me prometeu... por aqui, pela sarça atrás do galpão como uma raposa para que *don* Alejo que tem uma escopeta me defenda. O senhor pode matar esses dois desgraçados sem que ninguém diga nada, afinal de contas o senhor é o dono e pode tudo e depois se entende com os carabineiros.

Atravessa o alambrado coberto de sarçamora sem ver que as farpas destroçam seu vestido. E se acorrou do outro lado, ao lado do canal. Do lado de lá está o parreiral: a água suja da corrente o separa da ordem das vinhas. Precisa atravessar. *Don* Alejo o espera. As casas em El Olivo cercada de azinheiras com um pinheiro alto como um campanário no ponto de convergência das vinhas, esperando por ele, *don* Alejo esperando por ele com seus olhos azul-claros. Precisa descansar um pouco. Presta atenção. Ninguém atrás dele. Não consegue continuar. Joga-se na relva. Nada, nem um ruído: até os ruídos naturais da noite se detiveram. Manuela está ofegante, você não tem mais idade para essas correrias, lhe diria Ludovinia, e era verdade, verdade porque tudo lhe dói – ai, as costas, como doem, e as pernas e de repente o frio da noite inteira, das folhas e da relva e da água a seus pés, se pelo menos conseguisse atravessar aquele rio, mas como, como se mal consegue se mexer, esparramado no chão.

- Filhinha linda...

- Agora sim que você vai ver.

-Não... não...

Não conseguiu se mover antes que os homens surgidos da sarçamora se lançassem sobre ele como uns famintos. Octavio ou talvez fosse Pancho o primeiro, golpeando-o com os punhos... talvez não fossem eles, mas outros homens que ultrapassaram a sarçamora e o encontraram e se jogaram para cima dele e lhe deram chutes e bateram nele e torceram seu corpo, arfando em cima dele, os corpos quentes contorcendo-se sobre Manuela que já não conseguia nem gritar, os

corpos pesados, rígidos, os três, uma só massa viscosa contorcendo-se, como um animal fantástico de três cabeças e múltiplas extremidades feridas e ferindo, unidos os três pelo vômito e pelo calor e pela dor ali na relva, procurando o culpado, castigando-o, castigando-a, castigando-se deleitados até no fundo da confusão dolorosa, o corpo frágil de Manuela que não resiste mais quebra sob o peso, já não consegue nem uivar de dor, bocas quentes, bocas quentes, mãos quentes, corpos babosos e duros ferindo o seu e que riem e que insultam e que procuram partir e quebrar e destroçar e reconhecer aquele monstro de três corpos contorcendo-se, até que não resta mais nada e Manuela mal vê, mal ouve, mal sente, vê, não, não vê, e eles escapam através dos arbustos e fica ela sozinha na beira do rio que a separa dos parreirais onde *don Alejo* espera benevolente.”

Na Avenida Nordeste pouca se via de movimento. Na via, localizada na zona leste da capital, ela tentou correr mesmo muito castigada. Um transeunte chegou a filmá-la com um celular. Ela cambaleava pela rua. Laura Vermont estava muito machucada. Eles eram incansáveis, seu cabelo todo arrancado, a maquiagem que ela nunca se separava, já estava toda invadida pela dor. Alguém consegue avisar ao pai da menina de 18 anos que ela estava perambulando pelas ruas, desorientada. O comerciante não demorou a chegar. Como havia prometido, não a deixaria sozinha. A promessa fora feita enquanto Laura redesenhava seu corpo. A menina de 18 anos tombou na noite paulistana.

| –

“A polícia, que é para proteger, acabou de matar”, diz pai de transexual assassinada em São Paulo

Indignação e tristeza: é assim que o comerciante Jackson de Araújo descreve os sentimentos de sua família após o assassinato da filha Laura Vermont, jovem transexual de 18 anos. Na madrugada do último sábado (20), ela foi encontrada pelos pais caída ao chão e ferida na Avenida Nordeste, zona leste de São Paulo.

Mais tarde naquele dia, os policiais militares Ailton de Jesus, de 43 anos, e Diego Clemente Mendes, de 22, que atenderam a ocorrência por volta das 4 horas da manhã, foram presos administrativamente e

indiciados por falso testemunho e fraude processual. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) de São Paulo, eles mentiram sobre a morte de Laura e forjaram uma testemunha. Ambos serão investigados ainda por envolvimento no homicídio da jovem, conforme revelado por reportagem do portal R7.

Na primeira versão contada pelos PMs na delegacia, posteriormente desmentida, eles dizem ter encontrado Laura após denúncia através de ligação ao 190. Ela teria, então, assumido o controle da viatura e fugido em alta velocidade, chocando-se contra um muro metros adiante. Depois disso, teria deixado o veículo e corrido pela Avenida Nordestina, quando, supostamente, foi atingida por um ônibus que passava pelo local. Ainda assim, segundo o relato dos policiais, não parou e bateu a cabeça em um poste. Ao cair, foi socorrida pelos agentes, que a conduziram ao Hospital Municipal Professor Waldomiro de Paula, também na região leste da capital.

A história foi confirmada por um rapaz de 19 anos chamado Alex, levado ao 63º Distrito Policial (Vila Jacuí) horas após o registro do primeiro boletim de ocorrência. De acordo com o R7, ele teria conversado com os PMs por cerca de meia hora próximo ao DP, sem que a delegada responsável pelo caso soubesse que se tratava de uma testemunha ocular.

Versão desmontada

A Polícia Civil começou a desconfiar da história contada pelos PMs após visitar o local onde os fatos ocorreram e encontrar vestígios que não se encaixavam no depoimento da dupla. Imagens de câmeras de segurança foram analisadas e ficou constatado que Laura foi baleada por um dos policiais, além de chutada após descer do veículo acidentado.

A família de Laura já havia contestado a versão de Jesus e Mendes. Araújo conta que ele e sua esposa socorreram a filha com seu próprio automóvel. “Encontrei ela já caída. Fui, catei, pus no carro, mas do jeito que eu vi já estava em uma situação muito feia”, relata. O casal foi avisado por um amigo de que a jovem estava perambulando pela avenida, machucada e desorientada. Araújo também questionou a parte de que Laura teria assumido a viatura da PM em uma suposta fuga, pois ela não sabia dirigir. “Nunca se interessou em aprender”, afirma o comerciante.

Um vídeo, gravado por um homem que cruzou com Laura pela rua, a mostra em sua caminhada. Segundo seu pai, naquele momento ela tentava voltar para casa, que também fica na Vila Curuçá. Havia saído ainda na noite de sexta-feira para ir a um bar.

Diante das evidências, os agentes voltaram ao 63º DP e contaram o que realmente aconteceu. A SSP informou que Jesus confessou ter atirado na vítima, e Mendes alegou que “foi instruído por Ailton a mentir sobre os fatos”. Alex, a falsa testemunha, disse posteriormente que recebeu um papel de Jesus com as informações que deveria apresentar na delegacia, diferente do que realmente havia presenciado. Os PMs foram encaminhados ao Presídio Militar Romão Gomes e sua conduta será investigada também pela Corregedoria da corporação.

[<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/06/a-policia-que-e-para-proteger-acabou-de-matar-diz-pai-de-transexual-assassinada-em-sp/>]

II –

“ A etimologia de possuir residiria na significação de *estar sentado em cima*. Estou sentado em cima do meu corpo, criança ou anão trepado nos ombros de um cego. Meu corpo está sentado sobre mim, esmagando-se sob seu peso” (Jean-Luc Nancy,

58 indícios sobre um corpo, 2012).

III -

“O trapeiro de Baudelaire se superpõe de novo à imagem do artista; Rosângela Rennó reúne imagens e objetos que perderam todo o valor de uso e quase todo o valor de troca, recombina-os, singulariza-os e os entrega para outro setor do mercado. A estratégia que opera na construção de *menos-valia [leilão]* – recolecção, montagem, exibição, leilão e dispersão – expõe os mecanismos de produção e alienação dos bens culturais” (Maria Angélica Mallendi, *Modelos para armar*, 2012, p. 265).

Saco preto cheio de musgo

Desço a rua. No final dela já tem um boteco no qual encontro frequentemente alguns amigos bebendo e aproveitando as noites cariocas. Estamos quase sempre pelo bairro. O Rio de Janeiro não é uma cidade de fácil deslocamento, seja pelo transporte público, seja pelas obras inacabadas do atual prefeito, Eduardo Paes. Prefeito, mas não estranharia se fosse o dono: Mimado o malandro legal, carioca do bem, vai fazendo da cidade seu sonho particular. Quando cheguei em terras cariocas não vim sozinha, trazia comigo uma poeira e muitas vias. Contornos inesgotáveis que a cidade de São Paulo proporcionava. Trazia um samba que encorajava a pisar em terras estranhas. *A tua saudade corta / Como aço de naváia / O coração fica aflito / Bate uma, a outra faia / E os óio se enche d'água / Que até a vista se atrapáia, ai...* Nada triste, Paulo Vanzolini na voz de Mônica Salmaso é encanto.

Trazia um cansaço e muita fumaça, vontade de circular por terras menos engarrafadas. São anos em que acompanho como estrangeira a transformação de uma cidade que na verdade era uma ideia de cidade. A condição de estrangeira é querida e difícil, quando se escolhe é bom, mas quando se sofre com a recusa de ser habitante do local é ruim. Nesse jogo aparentemente antagônico, a saudade é o

limiar do ficar. Ela corta como uma navalha aquilo que era conhecido. Ela nos impulsiona a voltar e ao mesmo tempo nos impele a querer se apresentar à urbe que floresce. Estranhar sempre uma cidade é muito diferente de ser sempre estranhada numa cidade e nessa diferença é que Paulo Vanzolini me ensinava a ficar no Rio de Janeiro. A saudade é bagagem e é com ela que vai se criando passadas e novas ruelas. A cidade é uma experiência extraordinária quando se caminha por ela, por exemplo, *Garranchos* de Graciliano Ramos só pôde ser mapa porque vivia no Rio de Janeiro. Lida em São Paulo me ajudaria menos a andar pela cidade, seriam outras marcas.

Acontece que, com os anos, a cidade foi sendo violenta e paulatinamente habitada por uma lógica imobiliária que foi pautando seu mapa. As ruas passadas de Graciliano foram sendo iluminadas para assegurar uma estadia pacata à população. Naquelas vielas centrais, bares foram se reformando e chopes expulsavam a velha cerveja de garrafa. Para negociar a presença – fundamental para a expansão da cidade – a cerveja ficou menor e mais cara, virou bibelô apelidado de *long-neck*. É ilusório confiar que se sai maior na negociação com o poder avassalador e brilhante da Cidade Olímpica. Dizem que a dificuldade faz parte do diálogo democrático, mas muitas vezes só saímos com um “aluguel social”. Com a Tijuca não foi diferente.

Início de 2012, na esquina da Heitor Beltrão com a São Francisco Xavier, o antigo boteco de esquina começou a ser reformado. Estimo que foram dois meses, mas no máximo, para o velho chão engordurado, o ovo rosa e a cerveja de garrafa darem espaço para o “Bar e Botequim Gourmet Manuel e Joaquim”, ao seu chope importado e seus petiscos comparados com os botecos da Zona Sul. Aliás, me contaram que na Zona Sul ele é um boteco tradicional, mas na Tijuca nasceu sem nem percebermos. Estranhei a cidade, já morava no Rio de Janeiro há cinco anos e pegava o metrô, em frente àquele bar, quase todos os dias, mas não repararei que lá nascia um novo lugar: mais confortável e alternativo aos botecos tijucanos.

Em dia especial, cansados da mesma paisagem, começamos a frequentar o novo morador do bairro. Ele já chegava com tradição e nós, quase todos estrangeiros, não podíamos tecer muitas opiniões. Nessa hora éramos estranhados e dificilmente podíamos estranhar. Mas fomos pedindo cervejas. Acho que não foi por nós, mas talvez por certa tradição maior que a dos próprios portugueses –

Manoel e Joaquim – que começou a se vender cerveja de garrafa lá. A partir de então, o bar passou a ser chamado carinhosamente de “aquele bar da esquina”. Não sei o que aconteceu, se foram os outros bares que inflacionaram suas bebidas, ou se o Manoel negociou com a gente, mas a cerveja passou a ser cobrada pela mesma quantidade de papel em todos os bares daquela região.

Desço a rua e encontro outros estrangeiros bebendo no botequim da esquina de casa. Pagamos a conta e passamos a caminhar pelo bairro. Sair da Tijuca seria difícil: o ônibus que nos deixava na Lapa em 15 minutos agora não leva menos que 30. O Rio de Janeiro se preparava a cada dia para receber mais estrangeiros, que pouco se pareciam com a gente. A Lapa estava um pouco longe e só queríamos tomar uma cervejinha no fim da tarde. Andamos... passamos pela casa de queijo e seu dono português. Cumprimentamos o Popô, morador do bairro, dono da rua, só não é mais dono que a Secretaria Municipal de Assistência Social que insiste em chamá-lo de bêbado e sem-teto, às vezes impõe a ele um abrigo, mas ele sempre retorna. Quando o vemos de volta, ficamos aliviados. Às vezes ele dá trabalho, temos que tirá-lo do sol e oferecer outra bebida que não a caninha sagrada. Passamos por mais um boteco, cumprimentamos os garçons, todos cearenses, como nós. Nós não... me confundi. É, um estrangeiro precisa confundir suas origens, pois se for confundido com um nativo isso pode levá-lo a estranhar menos a cidade. Nativos também podem ser estrangeiros. Estranhar é se desmanchar, se redesenhar e afirmar outras modulações. Às vezes penso que a condição de estranhar é intrínseca à condição de ser estranhado, não sei. Não se trata de ganhar outra forma, mas contornos.

Andamos mais um pouquinho, mais um bar e um restaurante japonês abertos por chineses do bairro. Dizem que na Tijuca há um prédio só de chineses. Não me pergunte sobre a condição deles, não gostaria de responder. Dobramos a esquina. Aquele homem gordo, sentado numa cadeirinha que mal cabe suas nádegas, o cabelo com trancinhas e a camisa de time de basquete americano nos olha, nós olhamos para ele, nunca nos falamos, mas nos conhecemos. Passamos por um colégio e seus adolescentes, alcançamos a banca de flores do Eduardo. A faixa de pedestre fica em frente a um lugar meio abandonado com um canal cheio de lodo. Atravessamos e chegamos na esquina da Heitor Beltrão com a São Francisco

Xavier. Agora gosto mais deste bar, mas o cheiro que às vezes vem daquele buraco sujo incomoda.

Certa manhã, em frente ao bar da esquina, bloquearam a rua. Os transeuntes estranharam um saco no canal fedido da Rua Heitor Beltrão. Parecia que o saco vinha de longe, pois estava bem desgastado e já se via início de musgos em volta. Seria de um estrangeiro? Molhado. O Contraste entre a luz do dia e a água poluída do Rio Trapicheiro fazia o saco brilhar. Assustados, os moradores chamaram a polícia. Junto com os guardiões da ordem chegaram os jornalistas e o IML. A suspeita é que dentro do saco haveria um corpo.

A rua é bloqueada e todos querem olhar um rio, no meio da cidade. Todos olham para o Rio Trapicheiro, cheio de lama e lixo, o rio naquela manhã parece ter ganhado *status* de cenário televisivo. Câmeras, reportes e entrevistas. Todos querem dar opinião sobre o saco preto encontrado no rio da cidade. O saco é aberto na mesma rua. Um corpo estranho chama atenção de todos os que olhavam. Querem saber o que é. A perícia garante: mais uma travesti é assassinada na cidade do Rio de Janeiro. Qual é a motivação? Já querem concluir os agentes da lei, fazem coro ao pedido todos aqueles que assistem ao espetáculo. A cidade, naquele momento, naquele espaço, naquela rua, fica parada para olhar a travesti.

Sua pele enrugada pela presença da água dificulta ainda mais sua identificação. As pontas dos dedos “murcharam” e não era tão simples saber quem era a moça que boiava. Estava completamente nua, sem o RG, sem nada. A motivação parecia potente, não importa qual, a porrada foi muita que por pouco não deixou rastros, mas o lodo, a lama e o lixo pareciam terem se imantizado com o saco plástico. No lixo e na lama a travesti se alojou. De volta às águas que parecem não cessar de correr, a mercadoria não tem a mesma sorte que a correnteza. No Trapiche, mais um corpo fadado pelo uso e consumo quase foi encerrado. O que foi jogado no Rio Trapicheiro? O que nos impele esse rio que atravessa as ruas da Cidade do Turismo e do Investimento do Capital? Pode o assassinato de uma travesti, ainda sem causa pelos legistas, nos dar pistas de como estamos construindo as passadas pela urbe que se agiganta?

No leito do Rio Trapicheiro, na manhã chuvosa de um domingo, a luz cinza do dia não conseguiu esconder um saco preto e brilhante que parava em uma de suas margens. Moradores do bairro da tijuca, alarmados, acionam os agentes da

segurança pública avisando que lá parecia estar um corpo. De onde vinha aquele saco? Certamente não vinha sozinho, carregava com seu deslocamento objetos largados e esquecidos dos prédios daquela rua. Resíduos de comidas dos bares daquele espaço. Trazia marcas, enrugadas, ensopadas, machucadas, castigadas de uma noite na cidade.

Já era notícia. Recebo em casa o acontecimento no cotidiano e corro para ver se o rio de que eles falavam era de fato aquele tão perto da obra superfaturada do Maracanã, tão perto da minha casa. Aquele canal inútil que só servia para poluir o odor do bar “gourmet” da frente, onde eu e meus amigos vivíamos noites intermináveis. Meu corpo treme, meus pelos se arrepiam, o rio anônimo se desloca para nunca mais ser só uma região podre da cidade. Lá estava a placa que nomeava o local: Rio Trapicheiro. A matéria no jornal deixava claro que ninguém sabia a causa da morte, mas não havia dúvida que dentro do saco preto que parava no leito do rio, às vistas da população tijuicana estava mais um corpo travestido.

No jornal não apareceram rostos, nem corpos, só o saco preto e o fim sem explicação. Diferente da dúvida, a morte da travesti não é questionada, não se criam perguntas para o saco preto. Ele é rapidamente jogado no espaço de uma morte sem explicação. O corpo fica sem forma, o nome não é revelado, o gênero é ignorado pelo repórter que, desavisado, a chama de homem: “ninguém sabe a causa da morte do travesti”.

Como nos antigos trapiches dos velhos portos que apareciam para agilizar as trocas entre os mercados, a mercadoria do tipo exportação foi estocada. Sem intenção de fazer qualquer viagem, o corpo-mercadoria foi jogado ao rio. O peso morto é tão pesado que acaba por não seguir a correnteza e se aporta ficando visto pelos olhares mais desatentos da cidade.

Mercadoria parada. Trapiches invisíveis. Porto que não cessa de se transformar com a ascensão do poder de compra da classe média brasileira. O corpo assassinado já não é mais mercadoria e rapidamente é retirado pelos agentes da ordem fardados. A rua que até agora estava bloqueada é aberta para que a circulação na cidade se normalize. O corpo da travesti sem nome, sem documento, sem causa da morte, já foi retirado do cenário. O Rio Trapicheiro nunca mais foi o mesmo. Olhava os musgos que grudavam na parede do canal. Os musgos só

crecem em ambientes com vida.

I -

Corpo de travesti é encontrado em saco dentro de rio no Maracanã.
Ainda não se sabe a causa da morte da vítima, que não foi identificada

O corpo de um travesti foi encontrado boiando dentro do rio Trapicheiro, no Maracanã, zona norte do Rio.



O corpo foi achado por moradores da região no domingo (11). Eles acionaram a polícia. A vítima ainda não foi identificada.

Na altura da rua Heitor Brandão, moradores que caminhavam na área avistaram um grande saco preto e chamaram agentes da Polícia Militar.

Não foram encontrados documentos do travesti. A Polícia Civil vai investigar o caso e aguarda o laudo da perícia para saber a causa da morte.

II -

TRAPICHE *s.m* (a1583) **1** armazém onde são estocados mercadorias destinadas a importação ou exportação; armazém-geral. (HOUAISS).

III -

“Como ler, de fato, como tornar legíveis textos que, visivelmente, não respondem aos critérios correntes de legibilidade ... textos inteiramente habitados pela vontade do carrasco, a vontade de exterminar? Sem dúvida alguma, é preciso elaborar uma poética do testemunho” (Marc Nichanian, *a morte da testemunha. Para uma poética do resto [reliquat]*, 2012, p. 32).

IV -

“Em tais recantos mal se percebe o que ainda está sob construção e o que já entrou em decadência. Pois nada está pronto, nada está concluído. A porosidade se encontra não só com a indolência do artífice meridional, mas sobretudo, com a paixão pela improvisação ... Usam-se prédios como palcos populares. Toda a gente os divide num sem-número de áreas de representação simultaneamente animadas. Balcões, átrios, janelas portões, escadas, telhados, são ao mesmo tempo palco e camarote” (Walter Benjamin, *Nápoles*, 1997, p.148).

V -

“Ao entrar no Recife,
não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
que comigo baixou
por essa velha estrada que vem do interior;
entram comigo rios
a quem o mar chamou,
entra comigo a gente
que com o mar sonhou,
e também retirantes
em quem só o suor não secou;
e entra essa gente triste,
e mais triste que já baixou,
a gente que a usina,
depois de mastigar, largou.

...

A gente das usinas
foi mais um afluente a engrossar
aquele rio de gente
que vem do além do Jacarará.
Pelo mesmo caminho
que venho seguido desde lá,
vamos juntos, dois rios,
cada um para seu mar.
O trem outro caminho tomou na Ponte de Prata;
foi por tijipió
e pelos mangues de Afogados.
Sempre com retirantes,
vou pela Várzea e por Caxangá
onde as últimas ondas
de cana se vem espriar.

...

Vou deixando à direita
aquela planície aterrada
que desde os pés de Olinda
até os montes Guararapes,
e que de Caxangá
até o mar oceano,

para formar o Recife
os rios vão sempre atulhando.
Com água densa de terra
onde muitas usinas urinaram,
água densa de terra
e de muitas ilhas engravidada.
Com substância de vida
é que os rios vão aterrando,
com esses lixos de vida
que os rios viemos carreando.

...

Mas deixo essa cidade:
dela mais tarde contarei.
Vou naquele caminho
que pelo hospital dos Coelhos,
por cais de que as vazantes
exibem gengivas negras,
leva àquele Recife
de fundação holandesa.
Nele passam as pontes
de robustez portuguesa,
anúncios luminosos
com muitas palavras inglesas;
passa ainda a cadeia,
passa o palácio do Governo,
ambos robustos, sólidos,
plantados no chão mais seco.

Rio lento de várzea,
vou agora ainda mais lento,
que agora minha águas
de tanta lama me pesam.
Vou agora tão lento,
porque é pesado o que carrego:
vou carregado de ilhas
recolhidas enquanto desço;

...

Mas antes de ir ao mar,
onde minha fala se perde,
vou contar da cidade
habitada por aquela gente
que veio meu caminho
e de quem fui o confidente.
Lá pelo Beberibe
aquela cidade também se estende
pois sempre juntos aos rios

prefere se fixar àquela gente;
sempre perto dos rios,
companheiros de antigamente,
como se não pudessem
por um minuto somente
dispensar a presença
de seus amigos de sempre.

...

Já deixo o Recife
entro pelos caminhos comuns do mar:
entre barcos de longe,
sábios de muito viajar;
junto desta barcaça
que vai no rumo de Itamaracá;
lado a lado com rios
que chegam do Pina com o Jiquiá.

Ao partir companhia
desta gente dos alagados
que lhe posso deixar,
que conselho que recado?
Somente a relação
de nosso comum retirar;
só esta relação
tecida em grosso tear.

(João Cabral de Melo Neto, *O Rio. Pedacos*).

VI -

“Em pouco menos de dois anos, a contar da realização do *Menos-Valia [Leilão]* até o momento da impressão deste livro (9.12.2010-2012), já se teve notícia de que alguns lotes foram devolvido ao mercado, cativando novos espectadores, à espera do próximo proprietário. Alguns foram mostrados em feiras de arte e galeria, tendo sido inclusive revendidos ou trocados por obras de outros artistas. Obedientes a sua sina de mercadoria e, portanto sujeitos as leis das trocas comerciais a alguns foram levados novamente a leilão” [Rosangela Rennó, *Menos-Valia [Leilão]*, 2012, s/p].

EPÍLOGO

O saco plástico reluz impedindo a revelação do rosto. Nas margens do rio, o corpo se desmanchou e perdeu suas formas. Um feixe de luz nos garante que se trata de uma travesti. A luz é lançada pelos criminalistas, endocrinologistas, militância LGBT, pelos jornais... A luz brilha procurando rostos que definam aquilo que difere, traços identificatórios. Neste caso, a pele envolve a matéria, limitando sua mobilidade. Aquele corpo no saco carregou resíduos da cidade e nos provoca a ver caminhos em tudo: no consumo da classe média, no corpo nomeado, na escrita confinada ao presente como real. O corpo da travesti se desmanchou. Na violência desforme, carrega uma cidade inteira. No meio da rua tem um rio.

Nichanian pergunta: *O que resta de fato do testemunho uma vez que é destruído? Precisamos mesmo de uma poética do resto.*¹⁹⁵ Na tese nada faz garantir que a travesti é uma testemunha e que os assassinatos são parte de uma catástrofe. Mas aponta-se para uma escrita dos restos que foi apresentada no limiar entre salvar e não deixar esquecer. Neste limiar foi possível escrever. Uma escrita limite que faz ensaiar. Habitar a realidade naquilo que ela se confundiu com a ficção. Dos restos, contar histórias e afirmar a verdade ali onde ela foi esquecida: na ilusão.

O jornal não pode ser mais real do que nosso encontro com o saco plástico. Há uma escolha para ser feita: acreditar nos recortes de jornais como relatos verdadeiros e fundamentais para nosso conhecimento, ou das escritas jornalísticas apresentarmos nossos *rasgos de visão*, contar histórias, o texto como uma máquina de acontecimentos. Uma poética dos restos para que seja possível contar histórias. Prática que habita o limite entre a verdade e aquilo que pode ser contado. Neste caso, a pele rasga o corpo, mas também o protege. A pele é porosa e não sufoca. Há ar.

¹⁹⁵ Nichanian (2012, p. 43).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 4 p. 9-16, jan. 2008.

ANDRADE, Mario. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM – IV – TR: *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ANJOS, Moacir dos. De lixo e poesia. In: RENNÓ, Rosângela. *Menos-Valia* [Leilão]. São Paulo: Cosac Naify. 2012. p. 30-40.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

_____. Van Gogh. *O suicida da sociedade*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2007.

BANDEIRA, Manuel. Apresentação. In: Brecht, Bertolt. *O círculo de giz caucasiano*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 19-21.

BAPTISTA, Luis Antonio. Neve e Mistério no Rio de Janeiro: a fábula sobre corpos e arames. In: *Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais*. Rio de Janeiro, ano 25, nº 80, julho/2012. Disponível em: http://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm_80/.

_____. Noturnos Urbanos. Interpelações da Literatura para uma ética da pesquisa. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, Ano 10, n. 1, p. 103-117, 1º semestre de 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9020/6904>

_____. Arte e Subjetividade na experiência teatral: contribuições de Jurema da Pavuna. In: MACIEL JR., Auterives, KUPERMANN, Daniel; TEDESCO, Sílvia. *Polifonias: Clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2005. Disponível em: http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto92.pdf

_____. *A cidade dos sábios: reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. *Turvações*. 2013, no prelo.

BAUDELAIRE, Charles. O Sol. In: _____. *Flores do Mal*. Tradução: Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. p. 319-320.

_____. O vinho dos trapeiros. In: _____. *Flores do Mal*. Tradução: Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. p. 379-381.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Obras escolhidas, Magia e Técnica. Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 114-119.

_____. O surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia. In: _____. *Obras*

escolhidas, Magia e Técnica. Arte e Política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 21-35.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas, Magia e Técnica. Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.* Tradução: Sérgio Paulo Rouanet.

_____. Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht. In: _____. *Obras escolhidas, Magia e Técnica. Arte e Política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 78-90.*

_____. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas, Magia e Técnica. Arte e Política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 222- 234.*

_____. Canteiro de Obras. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 18-19.*

_____. Desempacotando a minha biblioteca. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 227-235.*

_____. Escavando e Recordando. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 239-240.*

_____. Estas áreas são para alugar. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 54-55.*

_____. Nápoles. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 145-155.*

_____. O caráter destrutivo. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 235-237.*

_____. Tiergarten. In: _____. *Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 73-75.*

_____. Paris do Segundo Império. In: _____. *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 9-101.*

_____. *Passagens. Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.*

_____. Sobre o conceito de História. In: LOWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Tradução: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2012.*

_____. Desempacotando a minha biblioteca. In: _____. *Imagens de Pensamento*. Sobre o Haxixe e outras drogas. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autentica, 2013. p. 89-97.

_____. Nápoles. In: _____. *Imagens de Pensamento*. Sobre o haxixe e outras drogas. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autentica, 2013. p. 09-18.

_____. O caráter destrutivo. In: _____. *Imagens de pensamento*. Sobre o haxixe e outras drogas. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 97-99.

_____. Pequenas habilidades. In: _____. *Imagens de pensamento*. Sobre o haxixe e outras drogas. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 129-132.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larirra. Despatologização do gênero: a politização das Identidades Abjetas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 256, maio-agosto/2012 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a17.pdf>

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A conversa infinita*. A palavra plural. Tradução: Aurélio Gerra Neto. São Paulo: Escuta. 2010.

BRASIL. Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. 2009. Disponível em: <http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/planolgbt.pdf>.

BRECHT, Bertolt. *O círculo de giz caucasiano*. Tradução Manuel Bandeira. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIDI-HUBERMAN, George. Cascas. *Revista Serrote*, n 13, Rio de Janeiro, 2013.

_____. Entrevista. *Artefilosovia*, Ouro Preto, n. 11 p. 14-28, jan. 2011.

DONOSO, José. *O lugar sem limites*. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Casac Naify, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução: Selma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. O que são as luzes? In: _____. *Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Tradução: Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2005.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza as Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 15-38.

_____. O anti-édipo: uma introdução a vida não fascista. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, n. 1, p. 197-200. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. Tradução: Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo, 1993. Disponível em: <http://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. *O que é o autor?* Tradução: Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagem, 1992. p. 89-128.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, S.; GINZBURG, J. *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Minas Gerais: EdUFMG, 2012. p. 27-38.

_____. Entre a vida e a morte. In: OTTE, George; SELDMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio (Org.). *Limiares e Passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: EdUFMG. 2010.

_____. *História e Narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GREEN, James. *Além do carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cassio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

GUIZZO, Iazana. *Dos métodos de concepção do espaço comum: a participação em Christopher Alexander, Lina Bo Bardi e Hassan Fathy*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

HERKENHOFF, Paulo. Rennó ou a beleza e o dulçor do presente. In: RENNÓ, Rosângela. *Rosângela Rennó*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 115-192.

HOLANDA, Chico Buarque de. *O que será [A Flor da Pele]*. Rio de Janeiro, 1976.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify. 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: autor. 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO_CONCEITOS_E_TERMOS_-_2%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649.

KAFKA, Franz. O silêncio das sereias. Em: Homero. *Odisseia*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Cosac Naify. 2014 p. 615-616.

KIFFER, Ana. Limites da Escrita ou como fazer uma plástica poética. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 212-226, jul-dez /2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200004.

_____. Expressão ou pressão? Desfigurações poético-plásticas em Antonin Artaud. *Lugar Comum* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n. 21-22, p. 39-56, 2005. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120817Lugar%20Comum%2021-22_completo.pdf.

- LAMPIÃO, Da Esquina. *Brasil: Campeão Mundial de Travestis*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, 1981.
- LARROSA, Jorge. Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, jan-jun/2004, p. 27-46. Disponível em: <http://www.seer.ufgrs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>.
- LIMA, Bruna. Benjamin leitor de Brecht: cinema e distanciamento. *Pandemonium*, São Paulo, v. 17, n. 24, p. 37-52, dez. /2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/89849/92640>.
- LOWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MELENDI, Maria Angélica. Modelos para Armar. In: RENNÓ, Rosângela. *Menos-Valia* [Leilão]. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 228-265.
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/teses/2013/2013_t_Danichi.pdf.
- MONTEIRO, Pedro Meira. *A parada do pensamento*. In. <https://www.youtube.com/watch?v=uLW0djOY3R0>, 2012. Acesso em: janeiro de 2015.
- MOTT, Luiz. *Assassinatos de homossexuais: manual de coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- RIBEIRO, Leonídio. Ciência, homossexualismo e endocrinologia. *Rev. Latino Americana. Psicopatologia*. Fundamental. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 498-511, setembro 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142010000300009&script=sci_arttext
- RENNÓ, Rosângela. *Menos-Valia* [Leilão]. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ROHRIG, Chistine; TITAN JR, Samuel. Prefácio. In: BRECHT, Bertolt. *O círculo de giz caucasiano*. São Paulo: Cosac Naify. 2010. p. 09-18.
- ROSA, Guimarães João. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- RODRIGUES, Ana Cabral. *Para ficar atento ao que ficou inacabado: das inutilidades dos restos da cidade*. Niterói: EdUFF. 2012. p. 65-82.
- SEVCENKO, Nicolau, *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. *Subjetividades e espaços: narrativas incompletas*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2006. Disponível em: http://www.slab.uff.br/dissertacoes/2006/Ana_Rodrigues.pdf.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, n. 2, p. 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SILVA, Rodrigo Lages. *Cidade e confinamento do presente*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2012. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/teses/2012/2012Rodrigo.pdf>

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *Serrote*. Rio de Janeiro, n. 10, p. 43-61, 2010.

WISNIK, José Miguel. Ilusões perdidas. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.